

*Feminista, imaginativo, ousado — uma aventura pela
ficção científica antes de Frankenstein.*

CLÁUDIA FUSCO



O MUNDO RESPLANDECENTE

MARGARET CAVENDISH

TRADUÇÃO E NOTAS Milene Cristina da Silva Baldo

PLUTÃO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

**MARGARET
CAVENDISH
O Mundo
Resplandecente**

tradução e notas
MILENE CRISTINA DA
SILVA BALDO

PLUTÃO

A
DESCRIÇÃO

DE UM NOVO

MUNDO

CHAMADO

Mundo Resplandecente.

ESCRITO

Pela mui nobre, ilustre e excelente

PRINCESA,

A

Duquesa de Newcastle.

PONTES GESTAL

Editado pela Plutão Livros no Ano MMXIX.

Prefácio à edição brasileira e introdução

Milene Cristina da Silva Baldo

O universo da ficção científica tem tomado grande parte de produções audiovisuais e literárias, com movimentos mais ou menos intensos, mas sempre relevantes, principalmente nas décadas finais do século XX e nas primeiras do século XXI. Quando fenômenos como esse aparecem nas artes, de forma geral, significa que existe um sintoma, um aspecto daquela sociedade que, por sua recorrência, precisa ser desaguado, ou mesmo compreendido e que os modelos anteriores não são capazes de elucidá-lo. Tal panorama constitui o terreno fértil para o nascimento de gêneros que poderão tratar desses sintomas, espelhando as reflexões necessárias e construindo analogias que ajudem mulheres e homens a tentar assimilá-los em seu meio social. Seguindo esse fluido histórico, nascem os gêneros literários, como aconteceu, nos últi-

mos séculos, com o romance, a utopia, a distopia e a ficção científica.

A recorrência desses dois últimos — e até mesmo seu imbricamento — aponta diretamente para os fenômenos de nosso período histórico. Nele, a ciência moderna e as tecnologias dela advindas tomaram grande parte de pequenas vivências cotidianas. Ela nos possibilita e orienta a encontrar lugares ou pessoas, identificar faces e enviar mensagens — ou ainda, de forma mais distanciada da maioria de nós, também torna possível destruir inimigos com o uso de drones ou movimentar com o pensamento peças robóticas que substituiriam nossos membros orgânicos, enviando sinais de um lado ao outro do planeta. Dessa forma, a acentuada presença dessas revoluções científicas na vida dos seres humanos permite afirmar que a ficção científica, cujo principal objetivo é compreender e ponderar sobre tal influência, se transformou no mais importante gênero da atualidade. Por meio dela, é possível estabelecer um diálogo entre os códigos ou linguagens das ciências e aqueles que são a maior parte da população — os não iniciados nessas especialidades. Estes, embora desconhecedores de algoritmos computacionais ou do funcionamento da manipulação genética, de uma forma ou de outra, têm suas vidas influenciadas por esses avanços, e torna-se mais do que necessário que possam refletir sobre eles. Essa mediação, o papel de uma espécie de comissário que propicia o diálogo entre tais partes — discussões e avanços acadêmicos e um público mais amplo —, é exatamente o que as várias obras de ficção científica se propuseram a fazer e um dos motivos que levou Margaret Cavendish à criação de *O Mundo Resplandecente*, a primeira obra de ficção científica dentro desse escopo.

Trata-se de uma abordagem diferente da que Mary Shelley usou para conceber o romance *Frankenstein*, publicado em 1818 e geralmente apontado como a primeira obra desse gênero, porque, neste, os fatos científicos são usados como base para a composição do enredo, mas as consequências que eles provocam também constroem parte significativa das discussões que permeiam toda a obra, o que não é uma preocupação de Cavendish. Talvez a diferente abordagem de ambas esteja justamente na grande distância temporal que as separa. Shelley escreve seu texto num momento em que a Revolução Industrial na Inglaterra já tinha grande espaço na vida das pessoas e, de mesmo modo, os avanços tecnológicos científicos já apresentavam consequências visíveis. O século de Cavendish, principalmente sua primeira metade, está apenas nas discussões inaugurais sobre a filosofia natural e a experimental, sobre a própria organização do modo de se fazer e difundir a ciência, tentando entender se os conhecimentos místicos e mágicos deveriam ou não constituir esse novo saber. O próprio baconismo e sua prática de experimentação e de organização em academias começava apenas nesse momento a angariar o espaço necessário para a comprovação das teorizações sobre a natureza. Nesse sentido, cabe compreender que há motivos para que alguns considerem uma ou outra como inaugurais desse gênero, pois existem percepções diferentes — históricas, filosóficas e literárias — que lhes fundamentam. Contudo, mais do que advogar para um dos lados, o grande interesse no estudo de uma obra como *O Mundo Resplandecente* se volta para o diálogo que ela procura estabelecer com o seu entorno e, mais do que isso, o que ela poderia ainda suscitar de reflexão no século XXI.

Quando concebe o seu mundo utópico em 1666, Cavendish está num caminho no qual se propõe a ingressar em muitos mundos e círculos de debate dominados por homens, o que torna a sua biografia uma história peculiar. Além de ser dama de companhia da rainha Henriqueta Maria e acompanhá-la no exílio nos anos da guerra civil, casa-se com o marquês (mais tarde, duque) de Newcastle-upon-Tyne, que era grande apoiador da causa realista e estava envolvido diretamente na guerra. Ele patrocinava muitos intelectuais da época, que se reuniam em sua casa para as mais diversas discussões e constituíam uma rede de correspondências para estabelecerem inúmeros debates filosóficos. Eram nomes que influenciaram importantes teorias do pensamento político e filosófico que nos ficou de herança, como Thomas Hobbes, René Descartes, Pierre Gassendi e Marin Mersenne. Detentora de um espírito arrojado, a duquesa não apenas se envolve nesses círculos como, para firmar seu espaço de discussão, publica ao todo onze obras, com o seu próprio nome, em um século no qual as mulheres não tinham praticamente nenhum espaço de reconhecimento na esfera erudita, feito que a coloca entre as principais figuras femininas do século XVII. Suas publicações passeiam por diversos gêneros, como poesia, drama, novela, carta, biografia, proposição sobre filosofia natural e utopia, e, em todos eles, as marcas de sua trajetória e das ideias que estão em seu entorno ficam salientes.

A obra aqui traduzida [i] se vincula, antes de qualquer discussão sobre sua pertença aos textos de ficção científica, ao gênero utópico. Desse modo, Cavendish passa a ser a primeira mulher, de que se tem registro, a escrever uma utopia. Sua composição segue uma tradição literária iniciada por Thomas More, 150 antes. Quando com-

pôs a *Utopia*, por meio de um relato similar aos das descobertas das Américas, o amigo de Erasmo de Roterdã conseguiu reunir reflexões sobre questões sociais e econômicas que perpassaram por grande parte das esferas de uma vida associada, como a religião, a justiça, a propriedade. Ele conseguiu, desse modo, por meio dos procedimentos literários e ficcionais, erigir uma sociedade com instituições que funcionariam de modo harmonioso e proporcionariam aos cidadãos utopianos uma vida ideal justamente porque elas conteriam em si a correção do que se observava no mundo real. Para esclarecer, se uma das fontes da pobreza e das mazelas da sociedade inglesa, segundo More, vinha do esfacelamento das propriedades de uso comunal, na ilha de Utopia isso era corrigido para a inexistência da propriedade privada. Assim, quando usa os mesmos procedimentos de More, Cavendish intenta também compor um mundo em que os conflitos que observava na sociedade inglesa fossem, de seu ponto de vista, sanados, levando-a a, por exemplo, defender a monarquia. Contudo, ela não se aprofunda na discussão da estrutura social composta no mundo resplandecente, deixando-nos pistas menos evidentes sobre sua concepção de estado ideal e se afastando da forma moreana, pois seu objetivo tinha duas outras razões principais.

A primeira está relacionada ao estabelecimento de um debate com os filósofos naturais e uma crítica aos filósofos experimentais de sua época, principalmente aqueles que se vinculavam à recém-fundada *Royal Society* [ii], o que fica evidente no momento da publicação, pois ela o faz juntamente a seu outro livro *Observations upon Experimental Philosophy* e informa a seus leitores, no prefácio à edição de 1668, que *O Mundo Resplandecente* serviria

como um apêndice para seu estudo sério. A segunda razão se encontra em seu esforço por tornar mais palatável aos leitores aquilo a que chama de “contemplações mais sérias”, pois, ao colocar um invólucro de fantasia, ela possibilitaria que eles se deparassem com profundos estudos filosóficos ao mesmo tempo em que tinham algum regozijo. Trata-se da maneira como ela percebe o gênero utópico, pois, mesmo se tratando de uma ficção, a distração não ocorreria. Ao contrário, possibilitaria ao leitor a apreensão de algum conhecimento novo, científico ou político, já que mantém “harmonia” com a filosofia natural. Em outras palavras, é uma construção imaginativa que se propõe racional, mas permite o deleite.

O convite à leitura de sua utopia, feito por Cavendish, portanto, visa a nos levar a um passeio por um “novo mundo”, um mundo intelectualizado, no qual a centralidade se volta à filosofia natural, à ciência. Para isso, nos apresenta uma jovem pobre que é raptada e acaba sendo levada, por entre paredões de gelo, para alguma região próxima ao Pólo Norte, onde atravessa para outro mundo — como o narrador esclarece — conectado ao dela pelos polos. Quando ali chega, depois de perceber que nenhum de seus raptadores sobrevivera, é resgatada por seres híbridos, os homens-urso, que a levam para passar por uma série de ilhas, nas quais vão se encontrando com as mais diversas formas de criaturas. Ao mesmo tempo, conforme imerge nesse mundo, a jovem vai aprendendo a única língua falada por eles. Assim, seguem até atravessarem o mar para chegarem à capital, chamada Paraíso, onde fica o imperador. A entrada na cidade também apresenta algumas dificuldades, mas, quando finalmente conseguem passar por ela, a jovem é recompensada com o alcance de um lugar no qual os ar-

tifícios humanos, como a arquitetura, foram usados seguindo os preceitos do Grande Artífice da natureza — um equilíbrio tal como aquele pretendido por filósofos como Bacon —, ou seja, ela alcança, então, o verdadeiro paraíso. Não obstante, aguarda-lhe ainda uma recompensa final, pois o imperador, assim que a conhece, é tomado de admiração estonteante e a torna imperatriz daquele mundo, cedendo-lhe plenos poderes para dominá-lo.

Assim que termina seu percurso para a tomada daquele mundo intelectualizado e passa a dominá-lo, a nova monarca chama todos os seres resplandecentes e organiza-os em sociedades científicas, conforme cabia às aptidões de cada um, dividindo-os da seguinte forma: os ursos seriam filósofos experimentais; os pássaros, astrônomos; as moscas, os vermes e os peixes, filósofos naturais; os símios, alquimistas; as raposas, políticos; os sátiros, médicos galênicos; as aranhas e os piolhos, matemáticos e geômetras; as gralhas e os papagaios, oradores e lógicos e, por fim, os gigantes seriam arquitetos. Estabelecidas as divisões, lhes incumbe a procederem as mais diversas investigações filosóficas, enquanto se dedica a compreender e reorganizar a nobreza e a religião. Depois disso, convoca novamente cada um desses seres a lhe prestarem explicações de suas descobertas, o que constitui o momento chave do relato, em que os leitores são apresentados a debates sobre as diversas esferas do conhecimento ao mesmo tempo em que, pela voz da imperatriz, Cavendish pode se posicionar sobre cada um deles, recriminando-os ou exaltando-os. Há ainda um grande trecho em que ela desenvolve conjecturas sobre as formas e existências de espíritos e consegue conversar com o próprio *alter ego* da duquesa, constituindo, por

fim, todo um caminho de aprendizado pelo qual passa a protagonista. O relato tem seu auge quando ela retorna ao mundo de origem, acompanhada de seus homens resplandecentes e de todos os conhecimentos científicos por ele produzidos. Usando esses saberes, ela consegue submeter todas as nações de seu antigo mundo ao monarca de seu país de origem.

São várias as mensagens que podem ser analisadas nessa obra seiscentista, contudo, algumas delas ressaltam sobremaneira e ainda se mantêm, mesmo depois de tantos séculos, por que podemos observá-las em prática hoje. Uma das principais defesas de Cavendish se evidencia na proposição que ela faz sobre o uso da ciência. Em sua utopia, o governo é o responsável por impulsionar a pesquisa científica, que deveria envolver todos os cidadãos, ocupando até mesmo os mais jovens nesses ofícios que fizessem bem à comunidade. É notável, por exemplo, que, embora os cidadãos resplandecentes tivessem aptidão para cada uma das esferas científicas, é apenas com a chegada da nova imperatriz que esses talentos passam a ser direcionados e organizados para a pesquisa. Na atualidade, esse não parece ser um aspecto especial, já que o observamos com certa frequência — contudo, se tratando do século XVII, ele se torna algo quase inédito. O papel de atuação do Estado, entretanto, não se restringe ao fomento científico, pois a imperatriz, que tinha sido educada na linguagem dessas ciências durante seu percurso, pode acompanhar pessoalmente cada um dos progressos de tais sociedades, interferindo na condução e princípios adotados pelos cientistas. Desse modo, as teorias em que se baseiam essas academias precisam estar em consonância com a visão estatal, conforme lhe fosse de interesse. Trata-se de um reforço ao

papel centralizador — herança de Hobbes — presente no modelo governamental e nas academias científicas, que é defendido por Cavendish e aparece desde o início da utopia.

Nesse sentido, pode-se perceber que ela enxerga um potencial na ciência ainda não percebido pelas esferas de poder, pois defende que toda a investigação da natureza deve se tornar central para o Estado, ser coordenada por ele, de modo a usar essa natureza dominada como seu instrumento de poder. Quanto mais desenvolvida fosse, mais superior se tornaria aquele país, o que poderia possibilitar sua imposição a todos os outros. Tal postura é adotada pela imperatriz em relação a algumas das descobertas das academias científicas, como a pedra ígnea, que se torna uma arma de destruição, com os barcos, que podem submergir e surpreender os adversários ou com o conhecimento dos materiais, que proporcionam maior leveza na constituição dos navios. Como consequência, ocorre a dominação completa do mundo de origem. Dito de outra forma, a utopia do Mundo Resplandecente apresenta uma intersecção entre um governo centralizador e a investigação laica da natureza da época — dois âmbitos relevantes para a biografia da autora —, em que o primeiro institucionaliza o segundo e o subordina aos seus interesses. Logo, a natureza ideal deixa de ser contemplativa e passa a ser instrumento governamental, e os mundos que ela apresenta, antes vinculados apenas por seus polos, ao final do relato, são colocados em confronto quando fica evidente que ocorre a sobreposição de um deles ao outro, ou seja, aquele que é dominado pela razão e pelo intelecto se sobressai.

Por fim, parece que Cavendish pretende cuidar do papel de difusora de ideias racionais caras ao seu tempo,

pois percebe que os tratados científicos não o estão fazendo de forma suficiente. Mais do que isso, ela também propõe aos leitores que a compreensão de sua utopia, ou mesmo das concepções de filosofia natural expostas, demandaria um percurso repleto de intempéries — o percurso percorrido por sua protagonista —, similar ao de um explorador em um novo mundo. Afinal, o conhecimento do que se encontra além das fronteiras só é dado àqueles que viajam, que se aventuram, que se arriscam a deixar as antigas opiniões e ingressar em narrativas do desconhecido. Por essa razão, *O Mundo Resplandecente* se torna uma obra de imensurável valor, e viajar pelos mundos concebidos por essa autora ousada permite-nos, ao mesmo tempo, um vislumbre dos primeiros traços da ficção científica e um passeio por aqueles momentos fantásticos do nascedouro daquilo que se tornaria uma das bases de nosso mundo: a ciência.

Prefácio à primeira edição, de 1666

Ao leitor [iii],

Se for de vosso interesse conhecer o motivo de eu juntar um trabalho de imaginação às minhas sérias contemplações filosóficas [iv], não penseis que essa forma de escrita deprecia a filosofia, ou que parte da opinião de que este nobre estudo se configura apenas como um devaneio da mente. Porque, embora os filósofos cometam erros ao buscarem e especularem as causas de efeitos naturais — e, muitas vezes, tomem falsidades por verdades —, isso não prova, no entanto, que o alicerce da Filosofia é meramente fictício. Mas o engano provém de diferentes movimentos da razão, que levam a posicionamentos divergentes em domínios distintos, e em alguns são mais irregulares que em outros; pois, sendo a razão passível de divisão, porque é matéria, não pode se mover em todas as instâncias do mesmo modo. Logo, uma vez que exista apenas uma verdade na natureza, todos aqueles que não se aproximam dela estão equivocados, alguns

mais, outros menos — pois, embora alguns se encontrem mais próximos do alvo que os outros, o que faz com que suas opiniões pareçam mais prováveis do que as outras, todavia também estarão situados no erro enquanto continuarem se desviando dessa única verdade. Mesmo assim, todas as proposições filosóficas se fundamentam sobre a razão — isto é, sobre probabilidades racionais —, ou ao menos assim pensam fazer. Contudo, as histórias fictícias se encontram no campo da imaginação do homem, emolduradas em sua própria mente, segundo o que mais lhe agrada, sem se preocupar se o que ele imagina é realmente existente fora do pensamento ou não. De modo que a razão busca o profundo da natureza e investiga as verdadeiras causas dos efeitos naturais, enquanto a imaginação cria de acordo com sua própria vontade o que lhe agrada e se deleita com sua criação. Assim, enquanto o fim último da racionalidade é a verdade, o da imaginação é a fantasia. Mas não penseis que cometo um engano quando distingo a imaginação da razão: não pretendo afirmar que a fantasia seja feita de partes não racionais da matéria, mas por razão entendo a busca e o questionamento racionais das causas dos efeitos da natureza e, por imaginação, uma criação ou produção da mente, sendo ambas efeitos — ou melhor, ações — das partes racionais da matéria, as quais são laboriosas e extenuantes, e requerem em muitos momentos a ajuda da fantasia para entreter a mente e afastá-la de suas contemplações mais sérias.

E este é o motivo de eu ter incorporado esta narração fictícia às minhas observações filosóficas, e de tê-las juntado como dois mundos, pelas extremidades de seus polos — conduta adotada unicamente para meu próprio agrado, a fim de entreter meu pensamento tão dedicado

aos estudos e tão empregado em contemplanções racionais, assim como para proporcionar algum regozijo ao leitor com algo diverso, que é sempre agradável. Entretanto, para que este meu exercício imaginativo não causasse muita distração, escolhi esta forma de ficção [v] que mantém certa harmonia com o assunto tratado nas partes anteriores. Trata-se da descrição de um novo mundo — não como o concebido por Luciano [vi], ou o mundo lunar dos franceses [vii], mas um mundo configurado a partir de minha própria imaginação, o qual denomino Mundo Resplandecente. A primeira parte deste exercício é uma narração romanceada; já a segunda, filosófica, e a terceira se configura meramente como um relato fantástico — ou ainda (como prefiro chamá-lo) fantástico. Portanto, se estas linhas vos provocardes qualquer espécie de satisfação, me considerarei uma autora afortunada; caso contrário, ficarei contente em viver uma melancólica existência no meu próprio mundo — o qual não posso categorizar como desfavorecido se, por pobreza, considerarmos somente a falta de ouro, prata e joias, pois nele existe mais ouro do que jamais foi — ou (como verdadeiramente acredito) será possível aos alquimistas produzir. O mesmo ocorre quanto às pedras de diamante: desejo, com toda a minha alma, que sejam compartilhadas entre minhas nobres amigas; e, sob esta condição, eu abdicaria voluntariamente de toda a minha parte. E ainda no que diz respeito ao ouro, apenas desejaria quantidade suficiente a fim de reparar as perdas de meu nobre senhor marido, pois não sou gananciosa, mas somente tão ambiciosa como qualquer outra do meu sexo foi, é, ou possa ser — o que faz com que, embora eu não possa ser Henrique V [viii] ou Carlos II, ainda assim me empenhe em ser Margaret, a Primeira. E, embora eu não

tenha poder, tempo ou oportunidade para conquistar o mundo como fizeram Alexandre ou César [ix], ainda assim, em vez de não ser senhora de um deles, uma vez que não fui agraciada nem pela Fortuna, quanto menos pela Parcas, decidi conceber o meu próprio mundo — pelo que espero não ser censurada, já que é possível a qualquer um proceder da mesma forma [x].

Prefácio à segunda edição, de 1668

A todas as nobres e dignas damas,

Esta presente *A descrição de um novo mundo* foi concebida como um apêndice para minha obra *Observations upon Experimental Philosophy* [Observações sobre a filosofia experimental]; apresentando os dois trabalhos certa harmonia e coerência entre si, foram unidos como dois mundos diferentes por intermédio de seus polos. Contudo, em razão de a maioria das senhoras não encontrar deleite em argumentos filosóficos, elegi algumas das mencionadas observações e as fiz sair por si mesmas, para que eu pudesse manifestar minhas recomendações ao lhes apresentar tais histórias fantasiadas como suporte para minhas contemplações. A primeira parte é uma narração romanceada; a segunda, filosófica, e a terceira se configura meramente como um relato fantasioso — ou ainda (como prefiro chamá-lo) fantástico. Portanto, se (nobres damas) vos acontecerdes de sentir prazer em ler essas fantasias, me considerarei uma autora afortunada;

caso contrário, ficarei contente em viver uma melancólica existência no meu próprio mundo — o qual não posso categorizar como desfavorecido se, por pobreza, considerarmos somente a falta de ouro e joias, pois nele existe mais ouro do que jamais foi ou (como eu verdadeiramente acredito) será possível aos alquimistas produzir. O mesmo ocorre quanto às pedras de diamante: desejo, com toda a minha alma, que sejam compartilhadas entre minhas nobres amigas; e, sob esta condição, eu abdicaria voluntariamente de toda a minha parte. E ainda no que diz respeito ao ouro, apenas desejaria quantidade suficiente a fim de reparar as perdas de meu nobre senhor marido, pois não sou gananciosa, mas somente tão ambiciosa como qualquer outra do meu sexo foi, é, ou possa ser — o que faz com que, embora eu não possa ser Henrique V ou Carlos II, ainda assim me empenhar em ser Margaret, a Primeira. E, embora eu não tenha poder, tempo ou oportunidade para ser um grande conquistador como Alexandre ou César, ainda assim, em vez de não ser senhora de um deles, uma vez que não fui agraciada nem pela Fortuna, quanto menos pelas Parcas, decidi conceber o meu próprio mundo. Dessa forma, acreditando — ou, pelo menos, tendo esperança de que ninguém possa, ou poderá invejar-me por esta minha criação — despeço-me.

Nobres senhoras, sua humilde serva,
M. Newcastle

**Descrição de um novo mundo
chamado Mundo Resplandecente**

[1]

UM MERCADOR VIAJANDO POR UM PAÍS ESTRANGEIRO SE APAIXONOU perdidamente por uma jovem dama. Mas, em razão de ser um forasteiro naquela nação e inferior à dama, tanto no nascimento quanto em patrimônio, poderia ter apenas ínfimas esperanças de obter seu desejo. No entanto, seu amor crescia cada vez mais intensamente dentro dele, até que, menosprezando todas as dificuldades, resolveu enfim raptá-la — o que teve excelente oportunidade de fazer, porque a casa do pai da dama não estava longe do mar e ela, muitas vezes, se dirigia à praia para reunir conchas, acompanhada de não mais que dois ou três servos — algo que o encorajou a executar seu plano. Assim, vindo uma vez em uma embarcação leve e pequena — não muito diferente de um pacote, guarnecido com alguns poucos marujos e bem abastecido por medo de alguns acidentes que talvez pudessem retardar a viagem —, chegando ao lugar onde ela costumava se retirar, por fim a levou para longe. Mas, quando se imaginava o homem mais feliz do mundo, percebeu ser o mais infeliz, pois os céus, enraivecidos por seu delito, levantaram tal tempestade que eles não sabiam o que fa-

zer ou para onde orientar seu curso — de modo que o navio, tanto por sua própria leveza quanto pelo movimento de violentas lufadas de vento, foi carregado para a direção do polo Norte tão rapidamente como uma flecha atirada por um arco. Em pouco tempo alcançou o mar gelado, no qual foi forçado pelo vento a seguir por entre gigantescas geleiras; porém, por ser pequeno e leve, e pela ajuda e favor dos deuses para com essa dama virtuosa, o navio girava e serpenteava entre esses precipícios, como se tivesse sido orientado por algum condutor experiente ou algum hábil marinheiro. Ah, mas que infortúnio! Aqueles poucos homens que ali estavam — sem saber para onde iam nem o que deveria ser feito em tão insólita aventura, e não estando prevenidos para uma tão fria jornada — congelaram até a morte; apenas a jovem dama permaneceu viva, em razão da luz de sua beleza, do calor de sua juventude e da proteção dos deuses. Não era de espantar que os homens tivessem congelado até a morte, pois não apenas foram conduzidos para o limite extremo daquele mundo como, também, para o polo de outro mundo, que ao primeiro se uniu; assim, o frio naquele ambiente tinha uma potência duplicada pela conjunção desses dois extremos, tornando-se insuportável. Por fim, a embarcação, ao continuar seu curso, foi forçada a entrar em um outro mundo — pois é impossível voltar o orbe planetário partindo de um polo a outro como fazemos [2] de leste a oeste, uma vez que os polos desse novo mundo, unindo-se aos do nosso, não permitem qualquer outro acesso que possibilite circundar o planeta dessa forma. Assim, se alguém chega a qualquer uma dessas extremidades, é forçado a voltar ou a entrar no outro mundo. E, para que não duvideis dessa alegação e penseis que, se assim fosse, aqueles que vivem

nos polos conseguiriam enxergar dois sóis em um mesmo momento — ou então que jamais lhes faltaria luz do sol durante seis meses ininterruptos, como é comum se acreditar — faz-se necessário a vós saber que, havendo um sol próprio para iluminar cada um dos mundos, tais astros se movem cada um segundo sua peculiar e circular trajetória, cujo movimento é tão justo e exato que não lhes é possível ocultar ou obstruir o outro, pois eles não ultrapassam seus trópicos. E, embora devam se encontrar, nós, neste mundo, não conseguimos percebê-los facilmente, em razão do fulgor do nosso sol — o qual, por sua proximidade, tolhe o esplendor do outro sol, estando eles muito distantes para serem vistos por nossa percepção ótica — a não ser que usássemos excelentes telescópios através dos quais hábeis astrônomos podem observar dois ou três sóis de uma só vez. Mas voltemos agora ao barco errante e à desafortunada dama. Ao se deparar com todos aqueles homens mortos, ela ficou desconsolada com a vida. Os corpos, até então preservados tanto da putrefação quanto do mau cheiro em razão do extremo frio, começaram a descongelar e a apodrecer. Faltava-lhe força suficiente para arremessá-los ao mar, por isso foi obrigada a se retirar de sua pequena cabine sobre o convés na tentativa de evitar o cheiro nauseabundo — e, nesse momento, pôde perceber que o pequeno barco se encontrava ladeado por duas planícies de gelo, como se estivesse entre as duas margens de um riacho. Mais adiante, encontrou finalmente terra — que, no entanto, estava completamente encoberta por neve. Desse lugar, viu surgirem, caminhando sobre o gelo, estranhas criaturas que se assemelhavam a ursos, mas se dispunham em pé, como fazem os homens. Aquelas criaturas se aproximaram da embarcação e a prenderam com

suas patas, as quais lhes serviam como se fossem mãos. Dois ou três deles adentraram o barco primeiro e, quando saíram, os outros procederam da mesma forma, um após o outro. Finalmente, tendo visto e observado tudo que estava no pacote, conversaram entre si em uma língua desconhecida para a jovem donzela; depois a retiraram para fora do barco e o afundaram juntamente com os homens mortos.

A dama se achando, naquele momento, em um ambiente bastante díspar, e em meio a tão extraordinário tipo de criaturas, foi sumamente acometida pelo medo — e não podia conceber outros pensamentos senão os de que, a cada momento, sua vida estaria prestes a ser sacrificada pela crueldade daquelas criaturas. Mas tais seres, mesmo parecendo terríveis a seus olhos, estavam longe de cometer qualquer crueldade para com ela — e, pelo contrário, exprimiam-lhe toda a civilidade e gentileza imagináveis: em razão de ela não ser capaz de andar sobre o gelo, devido a seu caráter escorregadio, eles a carregaram em seus braços ásperos, levando-a para dentro de sua cidade — onde, no lugar de casas, havia habitações similares a cavernas sob a terra. Tão logo ingressaram naquela cidade, tanto os seres machos como as fêmeas, e tanto os mais jovens como os mais velhos, juntaram-se para admirar aquela dama, levantando as patas em admiração. Por fim, ela foi levada para o interior de uma ampla e espaçosa caverna, a qual eles pretendiam usar para sua recepção. Foi deixada ao encargo das fêmeas, que a entretiveram com extrema bondade e respeito, e deram-lhe alimentos que era de seu costume comer — mas, ao notarem que a constituição da estrangeira divergia tanto da condição daquele clima quanto daquela dieta, decidiram levá-la a outra de suas ilhas, cujo

clima era mais quente. Nesta nova ínsula, os homens eram semelhantes a raposas, mas caminhavam como se fossem bípedes. Eles recepcionaram seus vizinhos com toda a civilidade e cortesia e ficaram admirados com a belíssima dama. Depois de travarem um diálogo que perdurou por algum tempo, todos concordaram que deveriam fazer dela um presente para o imperador de seu mundo. Com esse intuito, depois de uma breve estadia naquele mesmo local, eles a conduziram por toda a ilha até chegarem a um largo rio, cuja corrente corria suave e clara como cristal. Nele, se encontravam inúmeros barcos congêneres às nossas armadilhas para raposas. A jovem foi levada até um deles, no qual a esperavam alguns homens-urso e homens-raposa. Tão logo cruzaram o rio, aportaram em uma ilha na qual havia homens cujas cabeças, bicos e penas se figuravam como os de gansos selvagens — todavia, da mesma forma que os outros seres, se mantinham em pé, com sua postura alinhada verticalmente. Carregavam as ancas entre as pernas e as asas dispunham do mesmo comprimento que os corpos; já a cauda era de um tamanho moderado, e se arrastava atrás deles como se fossem vestidos de gala. Quando os homens-urso e os homens-raposa declararam sua intenção e propósito a seus vizinhos — os homens-ganso ou homens-pássaro —, alguns deles se uniram aos demais e acompanharam a donzela através daquela ilha até chegarem a outro grande e largo rio. Nele, se prepararam com muitos barcos bastante semelhantes a ninhos de aves, contudo de maior dimensão; e, cruzando este rio, atracaram em outra ilha — esta de temperatura bastante agradável e suave, pois era repleta de bosques. Ali, os habitantes consistiam em sátiros que receberam tanto os homens-urso quanto os homens-raposa e os homens-

pássaro com toda civilidade e respeito; depois de conversarem entre si (pois todos compreendiam a língua uns dos outros), um dos líderes dos sátiros se juntou ao grupo e acompanhou a dama para fora daquela ilha até chegarem a outro rio, no qual havia belíssimas e amplas barcas. Cruzando esse rio, entraram em um grande e vasto reino, em que os homens tinham uma aparência verde-grama. Estes acolheram os recém-chegados de forma extremamente gentil e lhes forneceram todas as provisões necessárias para sua nova viagem. Até então, tinham somente atravessado rios; no entanto, para o próximo destino era inevitável enfrentar o mar aberto — portanto, cuidaram para que os navios e cordames estivessem preparados para velejar e ingressar no interior da ilha, onde o imperador do Mundo Resplandecente (porque assim era chamado) mantinha residência. Aquelas criaturas se mostraram excelentes navegadores e, embora ainda não tivessem conhecimento de ímãs, agulhas ou cronômetros marinhos [3], eram (o que era muito útil para eles) argutos observadores e possuíam grande prática [4] — tanto que podiam dizer não apenas a profundidade do mar em cada lugar pelo qual passavam, como onde havia bancos de areia, pedras e outras obstruções a serem evitadas por hábeis e experientes marinheiros. Além disso, eram excelentes adivinhos [5], habilidade que consideravam mais necessária e benéfica do que o uso de bússolas, mapas, cronômetros e afins. Mas, sobretudo, eles possuíam um artifício extraordinário, que deveria ser conhecido pelos filósofos experimentais: era um tipo de motor, o qual sugava uma grande quantidade de ar e o lançava com grande força. Quando o mar estava calmo, esse motor era posto na popa do navio; e, quando havia tormenta, na proa, pois era utilizado para

enfrentar ondas furiosas, como canhões contra um exército hostil ou uma cidade sitiada. Ele podia enfrentar e fustigar as ondas, partindo-as em pedaços, ainda que fossem tão altas como torres; assim que uma brecha se abria, eles forçavam a passagem, independente da fúria do vento, usando dois desses motores em cada um dos navios — um posicionado na proa, para repelir as ondas, e outro na popa, para impulsioná-lo. Dessa forma, este vento produzido artificialmente conseguia melhor resultado do que o natural, pois tinha mais vantagem sobre as ondas: as rajadas naturais, por se projetarem acima da linha d'água, não podiam, sem um movimento vertical, adentrar a água ou pressioná-la contra o navio; enquanto o vento artificial, com um movimento lateral, penetrava nas entranhas das ondas. Além disso, deve ser observado que, em uma grande tempestade, eles uniam as embarcações em posicionamento de batalha; e, quando temiam que o vento e as ondas pudessem ser fortes demais caso os navios estivessem sozinhos, juntavam tantos quanto o espaço circunscrito ou favorável da água lhes permitia. Pois seus navios eram tão engenhosamente planejados que era possível prendê-los muito perto uns dos outros, como um favo de mel, sem desperdício de espaço — o que os tornava tão unidos que nem vento, nem ondas seriam capazes de separá-los. Os navios do imperador eram todos de ouro, mas os dos comerciantes e capitães eram de couro. As naus de ouro não eram muito mais pesadas do que as nossas de madeira, em razão de serem bem arquitetadas, sem a necessidade de uma grossa espessura ou de breu, alcatrão [6], bombas, armas e afins — guarnições que tornam muito pesados os nossos navios —; pois, embora não consistissem de uma única peça, eram tão bem soldados que não era

preciso temer vazamentos, fendas ou rachaduras. Quanto às armas: delas não se fazia uso, porque não tinham outros inimigos que não fossem os ventos. Os barcos de couro, por sua vez, não eram completamente seguros, mesmo sendo muito mais leves do que os outros — e, portanto, eram reforçados com piche a fim de evitar a entrada de água.

Tendo preparado e ordenado sua marinha dessa forma, assim continuaram a despeito de calmaria ou tempestade. A jovem dama, a princípio — mesmo que fosse dotada de um espírito generoso e de alta sagacidade, considerando os perigos que tinha passado —, imaginara-se numa condição aflitiva e se atormentara com inumeráveis dúvidas e medos, sem ter como saber se aquela aventura a levaria à sua segurança ou à sua desgraça. Contudo, ao se deparar com essa espécie de homens, que se mostraram polidos e prestimosos para com ela, encheu-se de coragem e se esforçou para aprender a língua que falavam. Até aquele momento tinha conseguido fazer isso, ao menos em partes, uma vez que aprendera o significado de algumas palavras e sinais. Como resultado, encontrava-se já tão longe de ter medo daqueles seres que não apenas se imaginava segura como se sentia feliz em sua companhia. É fácil perceber que coisas novas em demasia perturbam a mente; mas, quando se tornam conhecidas, a paz e tranquilidade [7] regressam. Por fim, depois de atravessarem várias ilhas e reinos abastados, eles seguiram em direção a Paraíso, cidade em que ficava a sede do imperador; esta, ao ser avistada, provocou-lhe grande contentamento. No início, a dama não conseguia perceber nada além de rochas elevadas que pareciam tocar os céus e, mesmo que não aparentassem ter mesma altura, afiguravam-se como se fossem todas uma única

peça, sem partições. Mas, ao se aproximar um pouco mais, ela conseguiu notar uma fenda em meio a essas rochas através da qual conseguiu avistar o surgimento de grande número de barcos, que de longe se assemelhavam a uma espécie de exército de formigas, marchando uma após a outra. As pequenas embarcações pareciam os alvéolos ou partições de favos de mel e, ao se juntarem, ficavam muito próximos. Dentro dos navios havia homens de muitas feições, mas nenhuma similar às do nosso mundo. No momento em que os barcos e navios se encontraram, eles se saudaram e conversaram uns com os outros de forma extremamente cortês, pois só havia uma língua em todo aquele mundo, assim como havia apenas um imperador a quem todos eram submissos com grande dever e obediência — o que os fazia viver em felicidade e paz contínuas, não familiarizados com guerras estrangeiras ou com insurreições civis. Tendo chegado a este lugar, a jovem foi conduzida para fora do navio em direção a um dos paquetes ali posicionados, no qual foi transportada através da pequena passagem (já que não existia outra) que levava àquela parte do mundo onde o imperador residia, e que era muito agradável e de temperatura aprazível. Aqueles domínios eram divididos por diversos e vastos rios, todos fluindo e refluindo entre inúmeras ilhas de diferentes distâncias umas das outras — as quais também eram, em boa parte, agradáveis, salutareis, abastadas e fecundas como a natureza poderia fazê-las. E, como mencionado anteriormente, eram também asseguradas de invasões estrangeiras, em razão de existir uma única entrada semelhante a um labirinto bastante sinuoso e rodeado por rochas pelo qual não poderia passar nenhuma embarcação diferente daqueles pequenos barcos transportando não mais do que

três passageiros por vez. Em cada uma das margens ao longo do rio estreito e sinuoso havia muitos vilarejos — alguns compostos de mármore, outros de alabastro, de ágata, de âmbar ou de coral, e outros ainda elaborados de preciosos materiais desconhecidos em nosso mundo. Depois de a jovem dama ter passado por todas elas, chegou finalmente à cidade imperial, de nome Paraíso, cuja forma se assemelhava a de um conjunto de várias ilhas: riachos corriam por entre cada uma das ruas que, junto das pontes existentes em grande número, eram todas pavimentadas. O ouro era o material que tinha sido utilizado para a construção da cidade, e a sua nobreza era salientada pela arquitetura empregada — imponente e magnífica, não como a nossa moderna, mas sim como a dos tempos da antiga Roma. Afinal, nossas edificações atuais são como casas de cartas construídas por crianças, uma peça sobre a outra, mais adequadas às aves do que aos homens. As deles, por outro lado, eram mais amplas e largas do que altas: a mais alta delas não excedia dois pavimentos, sem contar os cômodos no subsolo como adegas e escritórios. O palácio do imperador ficava em uma elevação moderada da cidade imperial. No topo desta elevação havia um arco amplo que era sustentado por vários pilares, os quais circundavam o palácio, e que media quatro de nossas milhas inglesas em circunferência. Dentro do arco ficava a Guarda do Imperador, que era formada por diversos tipos de homens. A cada meia milha havia um portão de entrada, e cada um deles era feito de modo diferente. O primeiro, que permitia a passagem da cidade imperial para o palácio, tinha em cada lado um claustro; a parte exterior destes era formada por arcos sustentados por colunas, mas a parte interna era fechada. Entrando pelo portão, o palácio surgia no cen-

tro dessa construção, como a nave de uma igreja, e alcançava uma milha e meia de comprimento e uma milha de largura. O teto era todo arqueado e repousava sobre pilares tão habilidosamente posicionados que um estranho se perderia sem um guia. Nos lados extremos — ou seja, entre a parte exterior e a interior do claustro —, havia cômodos para os atendentes; no meio do palácio, ficavam os quartos do imperador, cujas janelas tinham sido posicionadas no topo por causa do calor do sol. O espaço destinado aos assuntos do Estado não só não era mais reservado que os demais como também havia um trono imperial em cada um dos aposentos — dos quais vários ornamentos não podiam ser vistos todos de fora, uma vez que os pilares se encontravam posicionados de modo tão justamente oposto um ao outro que estes ornamentos não podiam ser vistos todos de uma vez. Da mesma forma que a cidade, a primeira parte do palácio era composta por ouro; já os quartos do imperador eram tão faustosos em diamantes, pérolas, rubis e toda sorte de pedras preciosas que minha habilidade para as enumerar todas é insuficiente. Com relação aos demais recintos do palácio, a sala imperial para assuntos de Estado se figurava magnífica, pois era pavimentada tão engenhosamente com diamantes verdes (há neste mundo diamantes coloridos) que parecia ser constituída por apenas uma peça. Os pilares eram cravejados de diamantes de forma tão compacta e com tal configuração que ficavam ainda mais gloriosos à vista. Entre cada uma das colunas havia uma curva ou arco de um determinado tipo de diamantes, não custáveis em nosso mundo; eram postos em cada um dos arcos de modo a formar várias linhas, ocasionando uma imagem semelhante à união de muitos arco-íris de diversas cores. O teto dos arcos era

composto por diamantes azuis, no meio dos quais havia um carbúnculo que representava o Sol. O nascer e o pôr-do-sol no leste e no oeste daquele ambiente eram feitos de rubis. Do lado externo desse cômodo havia um acesso para o quarto de dormir do imperador. Suas paredes eram feitas de azeviche; o piso, de mármore negro, e o telhado de madreperla, no qual a lua e as estrelas resplandecentes eram representadas por diamantes brancos. A cama era formada por diamantes e carbúnculos.

Logo a jovem dama foi trazida diante do imperador; ele acreditou estar diante uma deusa e se ofereceu para cultuá-la, mas ela recusou essa oferta, alegando (pois, a esta altura, já aprendera muito bem a língua deles) que, embora viesse de outro mundo, era apenas uma mortal. O imperador em muito se regozijou com esta atitude, fez dela sua esposa e lhe cedeu o poder absoluto para dominar e governar aquele mundo conforme lhe conviesse. Mas seus súditos, os quais dificilmente eram persuadidos a crer que ela fosse mortal, rendiam-lhe toda a veneração e o culto devidos a uma divindade.

A indumentária utilizada por ela depois de ter sido feita imperatriz era conforme a descrição que segue: na cabeça, usava uma touca de pérolas e uma meia-lua de diamantes que vinha logo antes dela. No topo da coroa, se espalhava um grande carbúnculo cortado em forma de sol; seu manto era formado por pérolas mescladas a diamantes azuis, e ornado com outros vermelhos. Seu calçado e sandálias se constituíam de diamantes verdes; em sua mão esquerda, segurava um broquel, para significar a defesa de seus domínios, o qual era feito de diferentes tipos de diamantes que tinham diversificadas cores e eram cortados em forma de um arco, o que os tornava similares a arco-íris. Em sua mão direita, ela carre-

gava uma lança feita de diamante branco, esculpida como a cauda de uma estrela resplandecente, o que significava que ela estaria pronta para atacar aqueles que se revelassem seus inimigos.

A ninguém era permitido usar ou vestir ouro, além daqueles pertencentes à raça imperial constituída somente por nobres de Estado. Ninguém além do imperador, da imperatriz e de seu filho primogênito ousava vestir joias, mesmo que houvesse uma quantidade infinita de ouro e de pedras preciosas naquele mundo — pois tinham maior abundância em ouro que nossos desertos árabes, e suas pedras preciosas e diamantes eram de várias cores. Eles não usavam moedas em seu comércio: todas as transações eram feitas por troca de diferentes mercadorias.

Seus sacerdotes e governadores eram príncipes de sangue imperial, feitos eunucos para este propósito. Quanto ao tipo comum de homens que habitavam aquela parte do mundo onde residia o imperador, apresentavam uma aparência distinta: não eram brancos, pretos, fulvos, oliva ou cinza-colorido, mas alguns tinham um aspecto azulado, outros de um púrpura profundo, ou de verde-grama, de escarlata, de laranja etc. Se tais colorações e atributos se davam pela simples reflexão da mais luz, sem a assistência de pequenas partículas, ou pelo auxílio de átomos bem ordenados e organizados, ou pela agitação contínua de pequenos glóbulos, ou ainda por algum movimento de pressão e reação, não sou capaz de determinar. Os demais habitantes daquele mundo eram homens de diferentes feições, formas, aspectos, disposições e estados de espírito, como eu já havia mencionado anteriormente neste relato. Alguns eram homens-urso, outros homens-verme, homens-peixe — ou tritões, cha-

mados também sereias —, homens-pássaro, homens-mosca, homens-formiga, homens-ganso [8], homens-aranha, homens-piolho, homens-raposa, homens-símio, homens-corvo, homens-gralha, homens-papagaio, sátiros, gigantes e muitos outros, dos quais não consigo me lembrar completamente. Dentre todos estes vários tipos de homens, cada um seguia uma profissão que mais fosse apropriada para a natureza de sua espécie — postura incentivada pela imperatriz, especialmente com relação àqueles que se aplicavam no estudo das mais diversas artes e ciências, pois eram tão engenhosos e sábios na invenção de artifícios proveitosos e úteis [9] como em nosso mundo o somos; ou melhor, eram superiores. Com essa finalidade, a monarca erigiu escolas e fundou diversas sociedades. Os homens-urso seriam seus filósofos experimentais; os homens-pássaro, seus astrônomos; os homens-mosca e os homens-peixe, seus filósofos naturais; os homens-símio, seus alquimistas; os sátiros, seus médicos galênicos; os homens-raposa, seus políticos; os homens-aranha e piolho, seus matemáticos; os homens-gralha e papagaio, seus oradores e lógicos; os gigantes, seus arquitetos etc. Porém, antes de tudo, com base no poder soberano que lhe fora concedido pelo imperador, ela desejou ser informada tanto sobre a religião quanto sobre o governo locais. Para esse fim, convocou os sacerdotes e os homens de Estado à sua presença. Aos homens de Estado ela perguntou, primeiro, por que tinham tão poucas leis. Eles responderam que leis em excesso provocavam muitas divisões, as quais comumente ocasionavam facções de espécies, e por fim irrompiam em guerras. Em segundo lugar, ela lhes questionou sobre o motivo de sua preferência por um governo monárquico antes de qualquer outro. Em sua resposta, afirmaram ser mais

natural a um corpo possuir uma única cabeça, assim como seria natural ao corpo político ter apenas um governante — logo, a república, que possuía muitos governadores, configurava-se como um monstro com muitas cabeças [10]. Além disso, explicaram, a monarquia era a forma divina de governança e harmonizava melhor com a religião deles, pois da mesma forma que existia apenas um Deus, a quem todos veneravam e adoravam unanimemente com uma só fé, da mesma forma estavam decididos a ter somente um imperador, a quem se submeteriam com única obediência.

Em seguida, a imperatriz observou que seus diversos súditos frequentavam, cada um, sua igreja separadamente, e, por esse motivo, perguntou aos sacerdotes se havia muitas religiões. Eles responderam a sua majestade que não existia nada mais que uma única religião em todo aquele mundo, nem diversidade de opiniões na mesma religião — pois, apesar de existirem diversos tipos de homens, ainda assim apenas uma posição a respeito do culto e da adoração a Deus era aceita. A imperatriz então lhes questionou se eram judeus, turcos ou cristãos. Eles não sabiam que religiões eram aquelas, disseram eles, mas unanimemente agradeciam, veneravam e adoravam o único, onipotente e eterno Deus, com toda a reverência, submissão e dever. Mais uma vez, a imperatriz desejou saber se os seus cultos se constituíam em diversas formas. Eles responderam:

— Não. Porque nossa devoção e culto consistem apenas em orações, as quais adequamos de acordo com nossas mais diversas necessidades por meio de pedidos, humilhações, agradecimentos etc.

— Sinceramente — replicou a imperatriz —, pensei que vocês fossem também judeus ou turcos, porque

nunca notei a presença de nenhuma mulher em suas congregações. Senão por isso, qual a razão de vocês as impedirem de participarem de suas assembleias religiosas? — indagou a majestade.

— Não é adequado que homens e mulheres possam estar promiscuamente juntos no momento do culto, pois sua presença dificulta a devoção e faz com que muitos, em vez de rezarem a Deus, direcionem sua devoção a suas amantes — esclareceram.

— Mas não há uma congregação própria para elas, a fim de que possam cumprir seus deveres de culto religioso da mesma forma que os homens? — retorquiu a imperatriz.

— Não — eles responderam. — Mas elas ficam em casa, e fazem suas próprias orações em seus aposentos.

Posteriormente, a monarca desejou saber o motivo pelo qual os sacerdotes e governantes eram feitos eunucos.

— Como o intuito de mantê-los afastados do casamento, uma vez que mulheres e crianças geralmente causam perturbação tanto à igreja quanto ao Estado — elucidaram.

— Porém — ela disse —, mulheres e crianças não têm ocupação na igreja ou no Estado.

— É verdade — responderam —, porém, por mais que não sejam admitidos em ocupações públicas, eles ainda são tão prioritários a seus esposos e pais que, muitas vezes, por suas inoportunas persuasões, secretamente causam tanto mal, ou até mais, do que se possuíssem a gestão de assuntos públicos.

Depois de receber as informações relacionadas à igreja e ao Estado, a imperatriz passou algum tempo observando o palácio imperial, onde admirava a habilidade e

o engenho dos arquitetos. E lhes perguntou, a princípio, por que construíam suas edificações com, no máximo, dois andares a partir do chão. Eles responderam a sua majestade que quanto mais baixas suas construções fossem, menos estariam sujeitas ao calor do sol, ou ao vento, à tempestade, à deterioração etc. Então ela desejou saber a razão pela qual eles as faziam tão espessas. Eles responderam que quanto mais grossas eram as paredes, mais quentes elas seriam no inverno e mais frias no verão, pois a grossura mantinha afastados tanto o frio quanto o calor. Por fim, ela lhes indagou o porquê de arquearem seus telhados e fazerem tantas colunas. Eles expuseram que arcos e colunas não serviam apenas para dar graça e magnificência a um edifício, mas também os tornava mais firmes e duradouros.

Com essas respostas, a imperatriz ficou bastante satisfeita. Algum tempo depois, quando julgou que as sociedades de virtuosos recém-fundadas tivessem feito bom progresso nos diversos ofícios que ela lhes tinha atribuído, fez uma convocação. Os primeiros a serem chamados foram os homens-pássaro, a quem foi requisitado a feitura de um relato verdadeiro a respeito dos corpos celestes — ou seja, sobre o Sol e a Lua. Eles assim procederam com toda a obediência e fidelidade condizente com seu dever.

O Sol, tanto quanto puderam observar, era constituído por uma firme e sólida pedra, de uma grandeza exorbitante, de cor amarelada e de um extraordinário esplendor. A Lua, por sua vez, tinha uma cor esbranquiçada; e, embora parecesse opaca na presença do Sol, emanava sua própria luz, sendo um corpo de luminosidade própria, como se notava por sua vigorosa aparência em noites de lua cheia. A única diferença entre a sua luz e a

do Sol era que o último emitia seus raios numa trajetória em linha reta, mas a Lua nunca estivera alinhada ao centro daquele mundo por uma linha reta — pelo contrário, sua centralização sempre fora excêntrica. Com relação às manchas, tanto no Sol quanto na Lua [11], tanto quanto foram capazes de perceber, não eram nada além de falhas e manchas em seus corpos rochosos. Quanto ao calor do Sol, não havia apenas uma opinião: alguns acreditavam que o Sol era quente por si mesmo, baseando-se numa antiga tradição de que, em algum momento, ele se partiria em pedaços e queimaria os céus, consumindo o mundo em brasas — o que não seria possível se o Sol não fosse constituído de calor próprio. Outros, em contrapartida, afirmaram que esta opinião não era provida de razão, pois sendo o fogo algo destruidor de todas as coisas, naquelas circunstâncias a pedra solar queimaria todos os corpos próximos adjacentes. Além disso, o fogo não conseguiria existir sem combustível, e a pedra solar não possuía uma fonte da qual se alimentar, consumindo a si mesma em pouco tempo — logo, eles pensavam que era mais provável que o Sol não fosse realmente quente, e o fossem apenas os reflexos de sua luz, de forma que o calor era um efeito dessa luz e ambos seriam imateriais. Entretanto, essa opinião foi ridicularizada e rejeitada por outros, pois pensavam ser impossível que uma substância imaterial pudesse produzir outra; estes acreditavam que tanto a luz quanto o calor do Sol eram provenientes de um movimento rápido e circular dos glóbulos etéreos — os quais, por sua impressão sobre o nervo óptico, faziam a luz, e seu movimento produzia o calor. Todavia, este posicionamento também não se sustentou, pois outros alegaram que dele adviria que a visão dos animais era a causa da luz e que, se não houvesse olhos, não ha-

veria luz — o que ia contra todo o senso e razão. Desse modo, eles prolongaram a discussão acerca do calor e da luz do Sol. Contudo, o que é digno de nota, nenhum deles afirmou que o Sol era um corpo esférico, fluido, cujo movimento era circular e rápido; mas todos consentiram que ele era fixo e firme como um centro e, por essa razão, geralmente era chamado de pedra solar [12].

Em seguida, a imperatriz lhes questionou sobre a razão de o Sol e a Lua sempre aparecerem em diferentes posições e formatos, assim como sobre o fato de às vezes se encontrarem ampliados ou reduzidos; por vezes elevados, em outros momentos, rebaixados; em um instante, direcionados para a direita e em outro para a esquerda. Alguns homens-pássaro responderam que o comportamento procedia dos muitos graus de calor e de frio que eram encontrados no ar, de onde sucediam diferentes densidade e rarefação; o comportamento era igualmente proveniente dos vapores que se interpunham: os que ascendiam eram mais leves e menos densos que o ar ambiente, enquanto aqueles que descendiam eram mais pesados e mais densos. No entanto, outros, com maior contundência, defenderam que aquilo não era nada além dos padrões de comportamento do ar — pois, da mesma forma que pintores não copiam um mesmo original exatamente idêntico todas as vezes, logo, disseram eles, várias porções de ar produzem diferentes padrões de corpos luminosos do Sol e da Lua — e estes padrões, na forma de várias cópias, formam movimentos sensíveis na substância de nossos olhos.

A imperatriz julgou esta última resposta muito melhor que a anterior e lhes perguntou ainda qual era a opinião deles sobre as chamadas partículas do Sol. Em sua resposta, disseram que não eram nada mais do que

fluxos de partículas muito pequenas, rarefeitas e transparentes, através das quais o Sol era representado como ocorre através de um vidro.

— Porque se elas não fossem transparentes — disseram —, eclipsariam a luz do Sol; e, se não fossem rarefeitas e de uma substância aérea, impediriam as moscas de voar no ar, ou pelo menos retardariam seu movimento de voo. Além disso, embora fossem finas como o mais fino vapor, ainda não eram tão finas quanto o corpo do ar; caso contrário, não poderiam ser percebidas pela visão dos animais.

Então a imperatriz perguntou se elas eram criaturas vivas. Eles responderam que sim, em razão de aumentarem e diminuírem, além de serem nutridas pela presença sol e sedentas pela sua ausência.

Quando o discurso sobre o Sol e a Lua foi finalizado, a monarca desejou saber o que havia além das estrelas. Os homens-pássaro responderam que não poderiam, naquele mundo, perceber nada além das estrelas resplandecentes — palavra da qual fora retirado o nome dado àquele mundo, Mundo Resplandecente —, e tais estrelas eram corpos tão sólidos, firmes e brilhantes quanto eram o Sol e a Lua. No entanto, não eram esféricas, mas assumiam diferentes configurações: algumas tinham caudas, outras assumiam outros tipos de formato.

Depois disso, a imperatriz lhes perguntou sobre que tipo de substância era feito o ar. Os homens-pássaro disseram que não poderiam ter outra percepção do ar senão por sua própria respiração.

— Porque — disseram —, alguns corpos são apenas sujeitos ao tato, outros apenas à visão e outros apenas ao olfato; contudo, alguns não são sujeitos a nenhum de nossos sentidos externos. Em função de a natureza ser

tão cheia de variações, nossos enfraquecidos sentidos não são capazes de perceber todas as variedades de suas criações, nem existe nenhum objeto perceptível por todos os sentidos, nem muitos objetos perceptíveis por um único sentido.

— Eu acredito em vós — replicou a imperatriz. Porém, se não podeis dar conta do ar, dificilmente serão capazes de me informar de que é feito o vento, pois dizem que o vento é nada mais que uma movimentação do ar.

Os homens-pássaro responderam ter observado que o vento era mais denso que o ar e, portanto, sujeito ao sentido do tato, mas o que propriamente era o vento e a forma pela qual ele era feito eles não podiam afirmar precisamente. Alguns defenderam que era causado por nuvens caindo umas nas outras; outros, que era produzido por uma quente e seca exalação que, ascendendo, era direcionada para baixo novamente pela frieza do ar, que estaria na região intermediária — e, em razão de sua leveza, não poderia ir diretamente para a superfície inferior, mas era levado para cima e para baixo. Alguns afirmavam que se tratava de uma corrente de água do ar; outros, em contrapartida, de um fluxo de ar movido pela chama das estrelas.

Entretanto, ao perceber que eles não conseguiriam concordar sobre as causas do vento, a imperatriz questionou se poderiam lhe dizer do que a neve era feita. Eles disseram que, conforme sua observação, a neve era feita de uma mescla de água e um determinado extrato do elemento fogo que se encontrava sob a Lua. Uma pequena porção desse extrato, misturada à água e batida pelo ar ou pelo vento, fazia uma branca espuma chamada neve — a qual, ao ser dissolvida depois de algum tempo pelo calor do mesmo espírito, tornava-se água nova-

mente. Aquela colocação muito espantou a monarca — afinal, até aquele momento, ela acreditava que a neve era feita de frios movimentos, e não pela agitação e pelo batimento de um extrato de fogo apresentado à água. Nem poderia ser persuadida a acreditar nisso até que os homens-peixe e do mar tivessem feito suas observações sobre a formação do gelo — o qual, eles disseram, não era produzido, como até ali alguns concebiam, pelo movimento do ar, alisando as superfícies da terra; mas por um forte vapor salinizado que se elevava do mar, o qual condensava a água em gelo. Quanto maior era a quantidade existente daquele vapor, maiores eram as geleiras. Mas a razão pela qual não fazia muito frio na Zona Tórrida [13], ou sob a Eclíptica, como ocorria próximo ou abaixo dos polos, era que este vapor, naqueles lugares, sendo atraído pelos raios de sol para a região intermediária do ar, era condensado em água e caía em pancadas de chuva; quando, como nos polos, o calor do sol não era tão veemente, o mesmo vapor não possuía forças ou poder para subir tão alto — e, portanto, produzia muito gelo, por ascender e agir somente sobre a superfície da água.

Este relato confirmou parcialmente a afirmação dos homens-pássaro relativa à causa da neve; no entanto, por terem feito menção de que esse mesmo extrato que produzia neve se misturado à água procedia do elemento fogo, que estava sob a Lua, a imperatriz lhes questionou qual era a natureza do fogo elementar: se era como o fogo comum da superfície terrestre; se era como o fogo que estava nas entranhas da Terra, similar ao das famosas montanhas Vesúvio e Etna, que a tudo queimavam; ou se era um tipo de fogo tal qual os encontrados nas pedras etc. Eles responderam que o fogo elementar, que

estava abaixo do Sol, não era tão sólido como nenhum dos fogos mencionados, porque não possuía combustível sólido para alimentá-lo. Assim, era muito parecido com a chama do fogo comum, apenas um pouco mais fino e fluido — pois a chama, disseram, não é nada além do que parte aerada de um corpo incandescente.

Para finalizar, a imperatriz perguntou aos homens-pássaro sobre a natureza do trovão e do relâmpago, e se não eram causados por abalos de gelos caindo uns sobre os outros. Eles responderam que não eram produzidos daquela forma, mas do encontro entre o calor e o frio, de modo que uma exalação acendia nas nuvens e produzia o traço do relâmpago; e que as nuvens sofriam uma fissura a cada som e ruído craquelante. Porém, este posicionamento foi contrariado por outros, que afirmaram que o trovão era uma súbita e monstruosa flama agitada no ar, e que nem sempre era necessário uma nuvem. Contudo, não sabendo a monarca o que eles queriam dizer por flama (pois nem eles mesmos eram capazes de explicar o sentido dessa palavra), ela preferiu a explanação anterior. E, para evitar disputas posteriores e obter a verdade acerca do fenômeno dos corpos celestiais mais exatamente conhecidos, ela ordenou aos homens-urso, que eram seus filósofos experimentais, para observá-los por meio de instrumentos chamados telescópios — o que eles fizeram de acordo com a ordem de sua majestade. Contudo, esses instrumentos causaram mais divergências e cisões entre eles do que havia antes, pois alguns alegaram notar que o Sol permanecia parado e a Terra se movia ao seu redor; outros eram da opinião de que ambos se movimentavam e outros, ainda, de que a Terra permanecia parada e o Sol se movia. Alguns contaram mais estrelas do que outros; alguns, por sua vez,

descobriram novas estrelas nunca antes vistas. Alguns entraram em uma grande disputa acerca da grandeza das estrelas; outros disseram que a Lua era outro mundo como o mundo terrestre e suas marcas eram colinas e vales; e outros, ainda, acreditavam que as manchas eram partes terrestres e as partes lisas luminosas formavam o mar. Por fim, a imperatriz ordenou que eles se encaminhassem com seus telescópios até o ponto extremo do polo que se juntava com o mundo de onde ela viera, e que tentassem perceber ali a existência de alguma estrela — o que foi executado. Quando voltaram à presença de sua majestade, reportaram-lhe que tinham visto três estrelas resplandecentes aparecerem, uma após a outra, em um curto intervalo de tempo; delas, duas eram brilhantes e uma opaca, mas eles não puderam concordar nem nesta afirmação, pois alguns afirmavam que era apenas uma estrela que aparecera três vezes em diferentes lugares enquanto outros acreditavam que eram três estrelas distintas — uma vez que julgavam ser impossível que aquelas três aparições pudessem ser de apenas uma estrela, porque cada estrela se elevava num determinado tempo, aparecia num determinado lugar e desaparecia naquele mesmo lugar. Ademais, argumentavam que era totalmente improvável que uma estrela pudesse voar de um lugar a outro, especialmente numa distância tão vasta, sem deixar sua movimentação visível e em tão curto intervalo de tempo; e também que pudesse aparecer em lugares tão diferentes, duas opostas uma a outra e a terceira ao lado. Finalmente, postularam que, se fosse apenas uma estrela, ela manteria sempre o mesmo esplendor — o que não ocorrera conforme mencionado anteriormente, já que duas eram brilhantes e uma opaca. Depois de terem assim debatido, a imperatriz começou a

ter uma aversão crescente para com seus telescópios, que não poderiam conceder-lhes melhor inteligência.

— Pois — disse ela —, agora percebo claramente que suas lentes são falsas informantes e que, em vez de ajudá-los a descobrir a verdade, iludem os seus sentidos. Logo, eu lhes ordeno quebrá-las e deixar os homens-pássaro confiarem apenas em seus olhos naturais, examinando os objetos celestiais através de seus sentidos e razão.

Os homens-urso contestaram que não fora uma falha das lentes que causara tamanha divergência de opiniões, mas que os movimentos em seus órgãos ópticos não se davam da mesma forma, nem seu julgamento racional era sempre regular. A imperatriz respondeu que se as lentes fossem verdadeiras informantes, elas retificariam as sensações e razão irregulares.

— Todavia — assegurou ela —, a natureza fez seus sentidos e sua razão mais regulares que a arte de suas lentes, que são ilusórias e jamais os levarão ao conhecimento da verdade. Portanto, eu lhes ordeno novamente a quebrá-las, porque vocês devem observar melhor os movimentos progressivos dos corpos celestiais com seus olhos naturais do que através de lentes artificiais.

Os homens-urso, extremamente perturbados em relação ao desagrado de sua majestade com seus telescópios, ajoelharam-se e, na forma de uma súplica extremamente humilhante, pediram para que não fossem quebradas.

— Pois — disseram eles —, deleitamo-nos mais com ilusões artificiais do que com verdades naturais. Não obstante, queremos o aperfeiçoamento de nossos sentidos e assuntos para discussões. Afinal, se não houvesse nada além da verdade, ou se não houvesse a falsidade, não haveria também oportunidade para debates; e, por

isso, é desejável que os objetivos e o deleite de nossos esforços estejam na confusão e na contradição uns dos outros. Dessa forma, um homem não seria considerado mais sábio que outro, mas todos teriam similitude em conhecimento e sabedoria ou em tolice. Portanto, humildemente pedimos à vossa majestade imperial para poupar nossas lentes, que são nosso único prazer, e que são caras a nós como nossas vidas.

A imperatriz, por fim, consentiu — mas com a condição de que suas disputas e desavenças permanecessem dentro de suas escolas e não causassem rupturas ou distúrbios no Estado ou governo. Os homens-urso, cheios de alegria, voltaram seus agradecimentos mais humildes para a imperatriz; e, para tentar reparar o descontentamento que seus telescópios ocasionaram, disseram a sua majestade que possuíam muitas outras lentes ópticas artificiais, as quais estavam certos de que dariam a sua majestade maior satisfação. Entre outras coisas, trouxeram vários microscópios, por meio dos quais poderiam aumentar o tamanho dos corpos e fazer um piolho parecer tão grande quanto um elefante, e um ácaro tão grande quanto uma baleia. Inicialmente, mostraram à imperatriz uma mosca cinzenta. Observaram que a maior parte de sua face, ou melhor, de sua cabeça, consistia em dois grandes ramos totalmente cobertos por uma infinidade de pequenas pérolas ou hemisférios em ordenação triangular. Tais pérolas eram de dois tamanhos: algumas pequenas e outras grandes. As de menor tamanho ficavam por baixo, viradas na direção do chão; as outras ficavam em cima e eram voltadas para os lados, para frente e para trás. Elas eram todas muito lisas e polidas, de forma que eram capazes de refletir a imagem de qualquer objeto, e em sua totalidade somavam cerca de catorze mil.

Depois da visão desta estranha e milagrosa criatura, e das muitas observações sobre ela, a imperatriz lhes questionou sobre o que julgavam ser aqueles pequenos hemisférios. Eles responderam que cada um deles era um olho perfeito, pelo fato de terem notado que cada um era coberto por uma córnea transparente contendo um líquido interno — algo semelhante ao fluido aquoso e vítreo do olho. Já a monarca acreditava serem pérolas vítreas, não olhos; e que talvez os microscópios não os informassem de fato. Porém, sorrindo, eles responderam a sua majestade que ela não conhecia a qualidade daqueles microscópios: eles jamais iludiam, apenas retificavam e informavam os sentidos.

— O mundo — disseram — seria cego sem eles, como foi em eras passadas antes da invenção dos microscópios.

Depois disso, eles pegaram um carvão e o visualizaram com um de seus melhores microscópios. Descobriram nele uma múltipla infinidade de poros — alguns maiores e outros menores, tão próximos e espessos que deixavam apenas pequenos espaços entre eles para serem preenchidos por um corpo sólido. E, para dar a sua majestade imperial maior garantia disso, contaram os poros de uma linha de uma polegada e meia de comprimento: nada menos que 2700. Por essa observação, chegaram à conclusão de que essa multiplicidade de poros era a causa da escuridão do carvão.

— Porque — disseram — um corpo que tem tantos poros, a partir dos quais nenhuma luz é refletida, deve necessariamente se mostrar preto, uma vez que o preto nada mais é do que a privação da luz ou a falta de reflexão.

Contudo, a imperatriz replicou que se todas as cores fossem feitas da reflexão da luz — e o preto era uma cor tanto quanto as outras —, então certamente eles estavam se contradizendo em dizer que o preto era feito da falta de reflexão.

— Entretanto, para não interromper suas pesquisas microscópicas — disse ela —, vejamos como os vegetais aparecem através de suas lentes.

De modo que pegaram uma urtiga e, em função da qualidade do microscópio, descobriram que sob os pontos da urtiga havia certas bolsas ou bexigas contendo um líquido venenoso; e que, quando os pontos chegavam às camadas interiores da pele, conduziam o mesmo licor para dentro dela como se fossem êmbolos de seringa. Em reação a essa afirmação, a imperatriz indagou:

— Se existe tanto veneno nas urtigas, então certamente, ao comê-la, eles nos ferirão internamente, assim como o fazem externamente?

Porém, eles responderam que explicar isso cabia mais aos médicos do que aos filósofos experimentais, uma vez que estes últimos apenas faziam inspeções microscópicas e relatavam as descobertas das partes naturais das criaturas de acordo com o que suas lentes apresentaram.

Por fim, mostraram à imperatriz uma pulga e um pio-lho, criaturas que pareceram tão terríveis à sua visão que quase a fizeram desmaiar. Como a descrição de todas as suas partes seria muito tediosa para relatar, vou dela privá-los neste presente relato. A imperatriz, depois da visão dessas criaturas de formas estranhas, teve muita pena daqueles que são molestados por elas, especialmente os pobres mendigos — os quais, embora não tivessem sustento do qual viver, eram ainda obrigados a manter e alimentar, com sua própria carne e sangue, um

grupo de tão terríveis criaturas chamadas piolhos; que, em vez de agradecer o alimento e o sustento, retribuía com dores e tormentas. Porém, depois de a imperatriz ter visto as formas dessas monstruosas criaturas, ela desejou saber se os microscópios poderiam impedir que picassem; ou, ao menos, se poderiam mostrar alguma forma de como evitar os seres. Eles responderam que tais artes eram mecânicas e inferiores ao nobre estudo das observações microscópicas. A seguir, a imperatriz lhes questionou se não tinham diferentes tipos de lentes que poderiam aumentar e ampliar o tamanho de grandes corpos do mesmo modo como haviam feito com os menores. Diante disso, eles pegaram um de seus melhores e maiores microscópios e se esforçaram para ver uma baleia através dele. Mas, que infortúnio! A baleia era tão grande que sua circunferência ficava além da capacidade de aumento da lupa. Se o erro procedeu das lentes ou de um posicionamento equivocado da baleia contra o reflexo da luz, não posso assegurar. Constatando a insuficiência daquelas lentes de aumento, que não eram capazes de aumentar toda a sorte de objetos, a imperatriz perguntou aos homens-urso se eles poderiam fabricar lentes de natureza contrária à que tinham mostrado a ela — ou seja, lentes que, em vez de ampliar e aumentar a forma e a figura de um objeto, pudessem contraí-la até uma dimensão inferior à natural. Eles, em obediência à ordem de sua majestade, assim fizeram e viram, através de um dos melhores instrumentos confeccionados, uma baleia enorme e poderosa parecer não maior que uma espadilha — ou melhor, através de certas lentes não seria maior que um verme-do-vinagre. Por meio de algumas de suas lentes mais comuns, um elefante ficaria não maior do que uma pulga, um camelo não maior do que um

piolho e um avestruz não maior do que um ácaro. Relatar todas as observações ópticas através de todas as diferentes lentes seria um trabalho tedioso e cansaria até o mais paciente leitor, de forma que apenas passarei por eles. Contudo, foi notável e digno de nota que, não obstante sua grande habilidade, aptidão e engenhosidade na filosofia experimental, eles ainda não haviam conseguido, de forma alguma, inventar instrumentos com ajuda dos quais pudessem observar o vácuo [14] com todas as suas dimensões, as substâncias imateriais, os não-seres e os seres mistos; assim como o que há entre o algo e o nada. Eles estavam muito preocupados com essa tarefa, esperando ainda que, com o tempo, por longo estudo e prática, talvez pudessem realizá-la.

Os homens-pássaro e os homens-urso foram dispensados e a imperatriz chamou tanto os homens-peixe — ou sereias — quanto os homens-verme para que comunicassem suas observações sobre os mares e sobre a terra, o que prontamente fizeram. Primeiramente, ela perguntou aos homens-peixe de onde provinha a salinidade do mar. Eles responderam que havia um sal volátil nas regiões da Terra que, como seios, continham a água do mar; e que esse sal, absorvido pelas águas, era fixado. Explicaram ainda que o movimento causado por essa absorção era o que chamavam de fluxo e refluxo do mar, pois diziam que o aumento e dilatação da água eram causados pela parte de sais voláteis que, por não serem facilmente absorvidas, esforçavam-se para subir sobre a água — causando um movimento equiparado ao que um homem ou alguma outra criatura animal faz para respirar quando está fazendo exercícios intensos. Isto eles afirmaram ser a verdadeira causa tanto da salinidade quanto dos movimentos de fluxo e refluxo do mar — e

não da correnteza da água ou de uma influência secreta da Lua, em que alguns haviam levado o mundo a acreditar.

Depois disso, a imperatriz perguntou se eles tinham observado se todas as criaturas do mar possuíam sangue. Responderam que algumas tinham sangue — porém umas mais e outras menos —, e outras não tinham algum.

— Nos lagostins e nas lagostas — disseram —, percebemos um pouco de sangue. Mas em caranguejos, ostras e berbigões etc., nada.

Então, a imperatriz lhes indagou em qual parte de seus corpos o pouco sangue residia. Responderam que se situava em uma veia pequena — a qual, nas lagostas, saía do meio de suas caudas, mas nos lagostins era encontrada em suas costas. Em outros tipos de peixes, alguns disseram, havia sangue apenas nas guelras; e, em outros, em lugares diferentes de seus corpos. Todavia, eles ainda não tinham analisado nenhum cujas veias se estendiam por todo o corpo.

A imperatriz, imaginando se poderia haver animais vivos sem sangue, para ficar melhor satisfeita, pediu que os homens-verme lhe informassem se eles tinham observado sangue em todas as formas de vermes. Eles responderam que, pelo que lhes havia sido possível notar, alguns tinham sangue e outros não.

— Uma traça — disseram —, não possui nenhum sangue. Mas um piolho, assim como a lagosta, possui uma pequena veia ao longo de suas costas.

Também as lêndeas, os caracóis e as larvas, como aqueles que se originavam de queijos e frutas e os que surgiam da carne, não tinham sangue.

— Porém — retrucou a imperatriz —, se tais criaturas não têm sangue, como é possível que vivam? Afinal, é costume afirmar que a vida de um animal consiste no sangue, que é a sede dos espíritos animais.

Eles responderam que o sangue não era uma propriedade necessária à vida animal, e aquilo que geralmente era chamado de espírito animal nada mais era do que os movimentos corpóreos próprios da natureza e do aspecto de um animal. Então, ela perguntou tanto aos homens-peixe quanto aos homens-verme se todas as criaturas que tinham sangue possuíam circulação sanguínea nas veias e artérias. Mas eles disseram a sua majestade que era impossível dar uma resposta exata sobre isso, em razão de a circulação sanguínea ser um movimento interior — o qual seus sentidos, nem por eles próprios e nem com a ajuda de instrumentos ópticos, podiam perceber. Mas disseram ainda que, quando dissecaram uma criatura animal para descobrir a verdade a respeito disso, os movimentos corporais próprios daquela estrutura ou criatura em particular se alteraram.

— Se não são todas as criaturas animais que têm sangue — disse então a imperatriz —, é certo que não são todos que têm também músculos, tendões, nervos etc. Contudo, já observastes alguma vez criaturas animais que não são constituídas por carne comum ou de peixe, mas de algo intermediário entre ambas?

— Sinceramente — responderam tanto os homens-peixe como os homens-verme —, nós temos observado muitas criaturas animais que vivem tanto na água quanto na terra, indiferentemente. E se há alguma criatura de natureza híbrida, parte carne, parte peixe, é uma dessas.

— Mas como é possível — replicou a imperatriz — que eles vivam tanto na água quanto na terra se aqueles

animais que vivem pela respiração do ar não podem viver dentro d'água, e aqueles que vivem na água não podem viver pela respiração do ar, como podemos testemunhar pela experiência?

Eles responderam a sua majestade que, assim como havia diferentes tipos de criaturas, estas também possuíam formas diferentes de respiração — pois a respiração, disseram, nada mais era do que uma composição e divisão de partes; e, sendo os movimentos da natureza infinitamente variados, era impossível que todas as criaturas tivessem os mesmos movimentos. Portanto, não era necessário que todas as criaturas animais fossem obrigadas a viver quer apenas pelo ar ou apenas pela água — mas, sim, de acordo com o que a natureza determinou ser conveniente à sua espécie. A imperatriz pareceu muito satisfeita com a resposta e desejou ainda ser informada se todas as criaturas animais continuavam suas espécies por uma sucessiva propagação de suas particularidades; e se, em todas as espécies, os descendentes sempre se pareciam com seus progenitores ou produtores, tanto em seu aspecto interior como no exterior. Eles responderam a sua majestade que algumas espécies ou tipos de criaturas eram mantidos por uma sucessiva propagação de uma descendência similar aos progenitores; porém, com outras, não ocorria o mesmo.

— Em uma primeira categoria — disseram —, estão aqueles animais que têm sexos diferentes, entre outros. Mas, em uma segunda categoria, estão, em grande parte, aqueles chamados de insetos. No caso desses, as causas não têm conformidade ou semelhança com os efeitos produzidos; como larvas originadas de queijos e muitas outras geradas da terra e da água, e assim por diante.

— Contudo — disse a imperatriz —, há algumas semelhanças entre larvas e queijos: o queijo não tem sangue como a larva; além disso, elas possuem quase o mesmo gosto do queijo.

— Isso não prova nada — responderam —, porque as larvas têm movimento visível, localizado e progressivo, o que os queijos não têm.

A imperatriz retrucou que quando todo o queijo tivesse se transformado em larvas, seria possível dizer que ele tinha movimento visível, localizado e progressivo. Eles responderam, contudo, que quando o queijo, por seus próprios movimentos característicos, fosse transformado em larvas, ele não seria mais queijo. Ela então confessou ter observado que a natureza era infinitamente variada em suas obras; e que, embora as espécies de criaturas perpetuassem, ainda assim eram objeto de infinitas mudanças.

— Contudo, desde que me informastes — disse — sobre as variadas formas de geração das criaturas animais, desejo que digais o que têm observado sobre os sentidos perceptivos destes.

— Na verdade — responderam eles —, vossa majestade nos apresentou uma questão bastante complicada. Nós dificilmente seremos capazes de lhe dar uma resposta satisfatória para isso, pois há muitos tipos diferentes de criaturas; e estes, tendo diferentes percepções, têm também diferentes órgãos que nossos sentidos não são capazes de descobrir. Apenas nas conchas de ostras, observamos com admiração que seu sistema sensorial fica bem próximo de seu mecanismo de fechamento, onde a pressão e reação devem ser percebidas através da abertura e fechamento das conchas a cada maré.

Depois de tudo isso, a imperatriz desejou que os homens-verme lhe dessem um verdadeiro relato de como a geada era feita na Terra. Eles responderam que era feita muito à maneira e descrição dos homens-peixe e dos homens-pássaro: em um processo que envolvia o congelamento da água em gelo e neve por uma mescla de partículas salinas e ácidas. O relato forneceu uma grande luz aos homens-símio, que eram os alquimistas, acerca dos elementos químicos sal, enxofre e mercúrio.

— Porém — disse a imperatriz—, se for assim, será necessária uma infinidade de partículas de sal para produzir tão grande quantidade de gelo, geada e neve. Além disso, quando a neve, o gelo e a geada regressaram ao seu princípio, queria saber de bom grado o que estas partículas salinas se tornam.

Mas nem os homens-verme, nem os homens-peixe e nem os homens-pássaro puderam lhe responder essa indagação.

Em seguida, a imperatriz lhes inquiriu sobre a razão pela qual a água das nascentes não era salgada como a do mar, e também o porquê de algumas possuírem fluxo e refluxo. A resposta foi que o fluxo e o refluxo de algumas nascentes eram causados por cavernas ocas no interior da Terra, dentro das quais a água do mar se aglomerava, empurrando para frente e puxando para trás a nascente de água de acordo com sua própria maneira fluir e afluir. Porém, outros disseram que procedia de uma pequena proporção de partículas ácidas e salinas que a água absorvia da terra; embora não fossem muitas a ponto de serem percebidas pelo paladar, ainda assim eram o suficiente para causar essa movimentação. E quanto ao fato de, na nascente, a água estar fresca, explicaram que, segundo sua análise, a razão era haver um certo calor nas

entranhas da Terra, procedente de seu rápido movimento circular sobre o seu próprio eixo. O calor destilava as partes mais raras da Terra em água fresca e insípida — a qual, fluindo pelos poros da Terra, era conduzida a um lugar onde poderia irromper sem resistência ou obstrução, resultando em nascentes e fontes. E disseram ainda que tais águas, destiladas dentro da Terra, nutriam e refrescavam as partes mais grossas e secas do solo. Este relato confirmou à imperatriz o parecer sobre o movimento da Terra e a posição fixa do Sol, como os homens-pássaro a tinham informado. Então, perguntou aos homens-verme se minerais e vegetais eram gerados pelo mesmo calor que havia nas entranhas da Terra. À pergunta não puderam dar resposta positiva, afirmando apenas que o calor e o frio não eram as causas principais da geração tanto dos vegetais quanto dos minerais ou outros tipos de criaturas, mas apenas efeitos.

— Para provar esta afirmação — disseram —, temos observado que, pela mudança de alguns tipos de movimentos corporais, aquilo que agora é quente irá se tornar frio e o que agora é frio vai esquentar; mas o lugar mais quente de todos descobrimos ser o centro da Terra. Sequer pudemos observar se a Zona Tórrida contém tanto ouro e prata quanto a Temperada, nem se há grande quantia de ferro e chumbo onde quer que haja ouro, pois estes metais são mais encontrados em climas próximos aos polos.

A imperatriz mandou que seus alquimistas, os homens-símio, conferissem a informação, de modo que pudesse saber que o ouro não era produzido por alto, mas sim moderado grau de calor. Ela perguntou ainda se esse metal não poderia ser produzido por meio de artifício. Eles responderam que não poderiam dizer com cer-

teza a sua majestade — mas se fosse possível ser feito, considerariam estanho, chumbo, latão, ferro e prata como os mais aptos metais para uma transmutação artificial. Em seguida, lhes indagou se de modo artificial poderiam produzir ferro, estanho, chumbo ou prata. E eles responderam que, em sua opinião, não.

— Desse modo, percebo — retrucou a imperatriz —, que seus julgamentos são extremamente irregulares, já que acreditam que o ouro, que é um metal tão sólido que nada encontrado até o momento poderia causar a dissolução de sua estrutura interna, pode ser produzido artificialmente; mas o mesmo não pode ser dito sobre o estanho, chumbo, ferro, cobre ou prata, que são metais mais fracos e inferiores se comparados ao ouro.

Os homens-verme se desculparam, alegando que eram ignorantes naquela arte e que tais questões pertenciam mais propriamente aos homens-símio, os alquimistas de sua majestade.

Depois disso, a imperatriz lhes perguntou se, por suas percepções sensoriais, poderiam analisar os interiores corporais e os movimentos característicos tanto dos vegetais quanto dos minerais. Eles responderam que seus sentidos poderiam percebê-los depois de serem produzidos, mas não antes. Entretanto, embora os movimentos interiores e próprios de criaturas naturais não estivessem sujeitos a percepções animais exteriores e sensoriais, ainda assim, por suas percepções racionais, eles podem julgar os movimentos e seus resultados, se eles fossem regulares. Para isso, a imperatriz mandou os homens-urso emprestarem-lhes alguns de seus melhores microscópios. A esse pedido, os homens-urso responderam sorridentemente a sua majestade que suas lentes

serviriam pouco para um trabalho nas entranhas da Terra, porque não havia luz.

— Pois — disseram —, nossas lentes fazem apenas representações exteriores de objetos, de acordo com as várias reflexões e posições de luz. Logo, onde falta luz, as lentes não funcionam bem.

Os homens-verme refutaram essa declaração — pois, embora não pudessem afirmar muito sobre refrações, reflexões, inflexões e coisas similares, ainda assim não deixavam de enxergar, mesmo nas entranhas da Terra, pois podiam ver muitos tipos de minerais e minúsculos animais que lá viviam. Tais criaturas animais minúsculas também não eram cegas, mas possuíam algum tipo de percepção sensorial que era tão útil a elas quanto a visão, o paladar, o olfato, o tato, a audição etc. eram para outras criaturas animais. Porque era evidente que a natureza fora tão generosa com aquelas criaturas que vivem no subsolo ou nas entranhas da Terra quanto com aquelas que vivem na superfície da Terra, no ar ou na água.

— Entretanto — procederam os homens-verme —, seja como for, embora haja luz naquele espaço, seus microscópios pouco poderão fazer lá, em razão de aquelas criaturas que vivem embaixo da terra não terem um sentido óptico como aquelas que vivem na superfície. Por isso, a menos que vocês usem as lentes de forma apropriada à sua percepção, seus microscópios não serão de nenhum modo vantajosos para eles.

A imperatriz pareceu bem satisfeita com esta resposta dos homens-verme e perguntou-lhes, ademais, se os minerais e todas as outras criaturas no interior da Terra eram incolores. Diante da pergunta, eles não puderam conter o riso, o que levou a imperatriz a perguntar a razão daquela insolência.

— Nós humildemente imploramos seu perdão, majestade — responderam —, porque não podemos deixar de rir quando ouvimos sobre um corpo incolor.

— Por quê? — disse a imperatriz. — A cor é apenas um acidente, algo imaterial e não há uma característica do ser em si mesmo, mas apenas em outro corpo.

— Aqueles — replicaram —, que informaram nossa majestade dessa forma certamente possuíam seus movimentos racionais bastante irregulares, pois como é possível que um nada natural possa ter lugar na natureza? Se não houver uma substância, não pode haver um ser; e, se não houver um ser, não se é nada. Portanto, a distinção entre a cor existir em si e existir em outro corpo é mera insignificância e um disparate; já que não há nada na natureza que possa subsistir de ou por si mesmo (ou seja, isoladamente). E o motivo é que todas as partes da natureza são compostas de um corpo; e mesmo que ele seja infinitamente dividido, misturado e modificado em suas particularidades, ainda, no geral, cada pedaço não pode ser dividido enquanto perdurar a natureza. Não, poderíamos provavelmente afirmar que a infinitude da natureza seria logo destruída assim que aquele último átomo perecesse. E, portanto, sua majestade deveria firmemente acreditar que não há corpo sem cor, nem nenhuma cor sem corpo; porque cor, aparência, lugar, magnitude e corpo são todos uma coisa, sem qualquer separação ou abstração da outra.

A imperatriz foi tão maravilhosamente tomada por este discurso dos homens-verme que não só perdoou a grosseria que cometeram ao rir primeiramente de sua pergunta como assentiu plenamente à sua opinião, a qual julgava ser a mais racional que ela já tinha ouvido. Então, prosseguindo com seus questionamentos, per-

guntou se eles tinham observado qualquer princípio fecundante dentro da Terra, livre de todas as dimensões e qualificações, que produzisse vegetais, minerais e outros. Eles afirmaram que, em relação às sementes de minerais, suas percepções sensoriais nunca tinham observado nenhuma — mas os vegetais tinham algumas sementes das quais eram gerados. Então, ela perguntou se essas sementes de vegetais perdiam suas espécies — isto é, se eram aniquiladas na geração de sua descendência. Eles responderam que, se fossem aniquiladas, nada poderia ser produzido; e que, dessa forma, as sementes de vegetais estavam tão longe de ser aniquiladas em suas gerações, que, em vez disso, aumentavam e se multiplicavam grandemente — pois a divisão de uma semente, disseram eles, produzia numerosas sementes de si mesma.

— Porém — retorquiu a imperatriz —, uma parte em particular não pode crescer por si própria.

— É verdade — disseram —, mas elas não aumentam por si próprias, e sim se juntando e se misturando com outras partes, que as assistem em sua formação; e, por meio de imitação, formam suas próprias partes, naqueles ou em outros elementos.

— Sendo assim, peço para que me informem — disse a imperatriz —: que disfarces essas sementes usam e como elas se escondem em suas transformações?

Eles responderam que as sementes não faziam nada para se disfarçar ou esconder, mas sim se propagavam na multiplicação de sua descendência. Somente se escondiam e se ocultavam das percepções sensoriais, de modo que seus movimentos figurativos e produtivos não ficassem perceptíveis a criaturas animais. Mais uma vez, a imperatriz questionou se havia não-seres dentro da Terra. Para o que responderam nunca terem ouvido fa-

lar em tal coisa; e que, se sua majestade quisesse saber a verdade sobre o mesmo, ela deveria perguntar àquelas criaturas chamadas espíritos imateriais, os quais tinham uma grande afinidade com não-seres e talvez pudessem dar-lhe uma resposta satisfatória a esta pergunta. Em seguida, ela desejou ser informada sobre qual a opinião deles a respeito do início das formas. Eles disseram a sua majestade que não entendiam o que ela queria dizer com aquela expressão: não havia um começo na natureza nem nos elementos, em razão de a natureza ser eterna e infinita. Seus elementos estavam sujeitos a mudanças infinitas e transformações pelas virtudes de seu próprio movimento corporal típico — de forma que não havia nada de novo na natureza, não propriamente um início de qualquer coisa. A imperatriz pareceu bem satisfeita com todas aquelas respostas e perguntou, ademais, se não havia algum tipo de artifício utilizado por essas criaturas que viviam dentro da Terra.

— Sim — responderam —, pois as várias partes da Terra se unem e ajudam umas às outras na composição ou concepção de tais ou tais elemento. Muitas vezes, há facções e divisões que resultam em novas espécies mistas; como ervas daninhas em vez de doces flores e frutas úteis. No entanto, jardineiros e lavradores costumam decidir estas disputas e chegar a um acordo; o que, apesar de mostrar gentileza para as diferentes partes, ainda continua lesando os vermes e outras criaturas animais que vivem no subsolo, pois não raro essas disputas causam sua dissolução e ruína. Na melhor das hipóteses, eles são expulsos de suas habitações.

— O quê? — disse a imperatriz. — Os vermes não se originam da terra?

— Sua origem em geral — responderam — é como a geração de todas as outras criaturas naturais: provém dos movimentos corporais figurativos da natureza. Mas, em relação à produção particular, estão de acordo com a natureza de suas espécies: alguns se originam fora das flores, outros de raízes, outros de frutas e alguns de um pouco de terra normal.

— Então eles são filhos muito mal-agraçados — observou a imperatriz —, uma vez que se alimentam dos próprios pais que lhes deram a vida.

— Suas vidas — responderam — são as deles próprias, e não as de seus pais, pois nenhuma parte ou criatura da natureza pode dar ou tirar a vida, mas as partes podem apenas ajudar ou se unir a outras; seja na dissolução como na geração de outras partes e criaturas.

Depois dessa e de várias outras conferências que a imperatriz realizou com os homens-verme, ela os dispensou; e, bastante satisfeita com várias de suas respostas, os encorajou em seus estudos e observações. Posteriormente, convocou seus alquimistas, os homens-símio, e ordenou que lhe dessem conta das várias transformações que sua arte era capaz de produzir. Eles iniciaram com um longo e tedioso discurso a respeito dos componentes primitivos dos corpos naturais; e como, por sua arte, tinham encontrado os princípios dos quais eram constituídos. Porém, não concordavam entre si em suas afirmações, pois alguns disseram que os princípios de todos os corpos naturais eram os quatro elementos — fogo, ar, água e terra [15] — e outros rejeitaram esta mistura elementar. Os últimos disseram haver muitos corpos dos quais nenhum dos quatro elementos poderia ser extraído, independente do quanto fossem aquecidos com fogo; e que, por outro lado, havia diversos corpos que,

submetidos ao fogo, podiam ser reduzidos a quatro diferentes componentes. Estes afirmaram que os únicos princípios de corpos naturais eram sal, enxofre e mercúrio; alguns declararam, por sua vez, que nenhum dos elementos citados poderia ser considerado o verdadeiro princípio dos corpos naturais — mas que, através de sua engenhosidade e das duras penas suportadas no exercício da arte da alquimia, haviam descoberto que os corpos naturais eram gerados a partir de um único componente, que era a água. Pois todos os vegetais, minerais e animais, disseram eles, não são nada mais além da água simples diferindo em vários aspectos pela característica de suas sementes. Contudo, depois de alguns longos debates e muitas contendas sobre o assunto, por estar tão fatigada que não era capaz de ouvi-los por mais tempo, a imperatriz impôs um silêncio geral e depois proferiu o seguinte discurso:

— Sensibilizo-me muito com vosso empenho na arte da alquimia para descobrirem os princípios de corpos naturais, e gostaria que tivessem sido mais proveitosamente agraciados em alguns outros, e então em suas experiências. Pois, por minhas próprias contemplações e observações feitas com minha percepção racional e sensorial sobre a natureza e suas obras, descobri que a natureza é apenas um organismo automóvel infinito; que, por virtude de sua característica de automobilidade, é dividida em infinitas partes que, sendo ativas, passam por alterações e transformações perpétuas em razão de suas infinitas composições e divisões. Agora, se assim o é, tão seguramente, de acordo com o senso comum e a razão (e não parece ser de outra forma), é vão procurar pelos componentes primários ou os princípios constitutivos dos corpos naturais, uma vez que não há mais que um

único princípio universal da natureza: a saber, a matéria automóvel, que é a causa única de todos os efeitos naturais. Em seguida, desejo que vocês considerem que o fogo é apenas uma criatura específica ou efeito da natureza, que não só provoca efeitos diferentes em diversos corpos como, sobre alguns, não possui qualquer poder. Peguemos o exemplo do ouro, que jamais sofreu modificações de seu aspecto interno pela arte do fogo. Considerando isso, por que vocês seriam tão simplórios a ponto de crer que o fogo pode revelar os princípios da natureza? Ou ainda que os quatro elementos, ou apenas a água, ou o enxofre, ou ainda o sal e o mercúrio, todos nada mais que efeitos específicos e criaturas da natureza, devessem ser os componentes primitivos ou princípios de todos os corpos naturais? Portanto, não farei com que se extenuem mais, nem desperdicem seu tempo em tais tentativas infrutíferas, mas sejam mais prudentes e, a partir de agora, se ocupem com experimentos que possam ser benéficos para o público.

A imperatriz, tendo assim dito o que pensava aos homens-símio e lhes dado melhores instruções do que as que eles talvez esperassem, por não saberem que sua majestade tinha um discernimento tão grande e competente em filosofia natural, teve muitas conferências com eles sobre preparações alquímicas — as quais, por razões de brevidade, vou evitar repassar. Ao restante, ela indagou como era que os da raça imperial pareciam tão jovens e, conforme se dizia, poderiam viver por tanto tempo — alguns por duzentos, trezentos ou até quatrocentos anos. Também perguntou se isso era devido à natureza ou à graça divina. Para tais questionamentos, eles responderam que havia um tipo de rocha em determinadas partes daquele mundo. Ela continha areias douradas, era

oca por dentro e produzia uma goma que demorava cem anos para chegar à máxima força e perfeição. Essa goma, disseram eles, dissolvia com o calor das mãos em um óleo cujos efeitos eram os seguintes: ministrada todos os dias por certo tempo a um velho decadente, uma pequena porção, do tamanho de uma ervilha, primeiro o fazia cuspir durante uma semana, ou mais; depois disso, causava vômitos de fleuma. Depois ainda, o vômito trazia humores de diversas cores: primeiro de um amarelo pálido, depois de um amarelo intenso, em seguida verde e, por último, de cor preta. Cada um desses humores era dotado de diferentes sabores: alguns eram doces, outros salgados, outros azedos, outros amargos e assim por diante. Estes vômitos não causavam enjoo; pelo contrário, saíam de repente e inesperadamente, sem causar quaisquer dores ou dificuldades ao paciente. Então, depois de provocar todos os efeitos mencionados e limpar tanto o estômago como as várias partes do corpo, ele operava no cérebro, fazendo o nariz expelir tantos tipos de humores quanto os expelidos antes pela boca, tudo da mesma forma. Depois, depurava o corpo por meio dos excrementos, da urina, do suor e, por fim, do sangramento do nariz ou das hemorroidas. Todos esses efeitos eram produzidos em um intervalo de seis semanas ou pouco mais, pois a goma não agia de modo intenso, mas suave e gradualmente. Por último, feito tudo isso, provocava no corpo a erupção de uma crosta grossa e fazia cair cabelos, dentes e unhas. Essa crosta, quando madura, se abria primeiro ao longo das costas e saía inteira como uma armadura — tudo isso ocorrendo em um intervalo de quatro meses. Depois disso, o paciente era envolto em uma vestimenta encerada, preparada com determinadas gomas e sucos, na qual permanecia até que expirasse o

tempo de nove meses desde o início da cura — o mesmo tempo de formação de uma criança no útero. Nesse meio tempo, a dieta do paciente era baseada somente em ovos de águia e leite de cervos; e, depois de a vestimenta ser retirada, ele parecia ter vinte anos de idade tanto em sua forma quanto em sua força. O tipo mais fraco dessa goma era poderoso na cicatrização de feridas e na cura de enfermidades leves. Contudo, também deve ser observado que ninguém da raça imperial fazia uso de outro tipo de bebida além de água de cal ou água imersa em pedra calcária; a carne que consumiam era apenas a de aves de todos os tipos e suas recreações eram várias, mas principalmente a caça.

Tal relato impressionou muito a imperatriz — pois embora já tivesse escutado, no mundo do qual viera, importantes informes sobre a pedra filosofal, jamais ouvira falar de quem a tivesse encontrado, o que a fez crer que se tratava de uma quimera. Ela também se lembrou de ter havido em seu próprio mundo um homem que possuía uma pequena pedra que curava todos os tipos de enfermidades externas e internas, e que um famoso alquimista descobrira um licor chamado *alkahest* [16] — que, por virtude de seu próprio fogo, consumia todas as moléstias. Mas nunca ouvira falar de um medicamento que pudesse renovar a velhice e torná-la bela, vigorosa e forte — nem teria acreditado tão facilmente se tivesse sido feita por artifícios, pois ela sabia que a arte, sendo alteração da natureza, não era capaz de produzir tão poderoso efeito. Porém, por crescer tal goma naturalmente, não mostrou tanta relutância em crer nela — pois sabia que as obras da natureza eram tão variadas e maravilhosas que nenhuma criatura em particular era capaz de rastrear seus caminhos.

Depois da conclusão das reuniões com os alquimistas, a imperatriz fez uma assembleia com seus médicos galênicos, seus herbalistas e seus anatomistas. Primeiro, questionou seus herbalistas sobre os efeitos específicos de muitas ervas e drogas e sobre de onde procediam. A isso eles responderam que poderiam, em sua maior parte, dizer a sua majestade suas qualidades e funcionamento, mas as razões de seus efeitos eram desconhecidas. Até onde podiam dizer, seu funcionamento e características eram causados geralmente por seus próprios e inerentes movimentos corporais — os quais, sendo infinitamente diversos em uma natureza infinita, produziam incontáveis efeitos. Ademais se observava, disseram eles, que as ervas e as drogas eram tão sábias em suas atividades quanto os homens em suas palavras e ações — ou melhor, mais sábias. E que seus efeitos eram mais certos do que os homens em suas opiniões; pois, embora elas não pudessem discursar como os homens, ainda assim possuíam senso e razão tal qual eles — porque a faculdade discursiva é uma particularidade do senso e da razão de algumas criaturas específicas (a saber, a humana), e não um princípio da natureza, além de defender muitas vezes mais a loucura que a razão. A imperatriz lhes perguntou se não poderiam, por uma composição e combinação de outros medicamentos, fazê-los produzir outros efeitos diferentes dos que produziam sozinhos. Eles responderam que poderiam produzir efeitos artificiais, mas não alterar sua natureza própria, particular e inerente.

Em seguida, a imperatriz ordenou que seus anatomistas dissecassem as criaturas que chamavam de monstros. Porém, eles responderam a sua majestade que seria um trabalho não apenas desvantajoso, mas inútil, e entravaria projetos melhores.

— Pois, quando dissecarmos animais mortos — disseram —, é somente com a finalidade de analisar quais os defeitos e enfermidades tiveram, de modo que possamos curar os mesmos em seres ainda vivos; assim, todo nosso cuidado e engenhosidade concerne unicamente à preservação da humanidade. Entretanto, esperamos que vossa majestade não preserve os monstros, que são comumente destruídos, exceto se forem raros. Além disso, esse costume de dissecar os monstros não ajudaria a evitar as falhas do comportamento irregular da natureza: mesmo dissecando alguns, não poderemos prever a geração de outros, de modo que nossos esforços e ocupação serão despropositados, salvo por satisfazer a vã curiosidade dos homens inquisitivos. A imperatriz retrucou que tais dissecções seriam bastante benéficas aos filósofos experimentais.

— Se os filósofos experimentais — responderam — gastam seu tempo em tão inúteis investigações, o fazem em vão; e não têm nada além de mais trabalho em troca de seus esforços.

Enfim, sua majestade teve algumas reuniões com os médicos galênicos sobre diversas enfermidades e, entre outras coisas, desejou saber a causa e a natureza da apoplexia e da peste [17]. Eles responderam que uma apoplexia mortal era uma paralisia fatal no cérebro e a peste era uma gangrena em partes vitais. Assim como a gangrena exterior atacava interiormente, a gangrena interior atacava o exterior, e era por causa disso, disseram eles, que, assim que as manchas apareciam, logo ocorria a morte: porque era um sinal infalível de que o corpo estava completamente infectado com uma gangrena, que é um mal que se espalha. Porém, algumas gangrenas se espalhavam mais repentinamente que outras; de todos os

tipos, a mais infecciosa era a gangrena pestilenta. Outras gangrenas contagiavam apenas as partes adjacentes de um corpo particular e, tendo matado a criatura, não prosseguiram para outras; enquanto que a gangrena da peste infectava não apenas as partes próximas de uma criatura específica, mas também aquelas que ficam distantes — ou seja, um determinado organismo infecta outro e, desse modo, provoca um contágio universal. Porém, a imperatriz desejando saber mais sobre como a peste se propagava e se tornava contagiosa, indagou se ela realmente passava de um corpo a outro. Disseram que isso se tratava de uma grande discussão entre os versados em sua área: se ela vinha pela divisão e composição de partes — ou seja, pela expiração e inspiração — ou se era causada pela imitação.

— Alguns filósofos experimentais — disseram — nos farão acreditar que, com a ajuda de seus microscópios, conseguiriam observar que a peste é um corpo de pequenos insetos como os átomos, que vão de um organismo a outro através das passagens sensoriais. Entretanto, os mais experientes e sábios de nossa sociedade têm rejeitado este parecer como ridiculamente fantasioso e creem, em sua maioria, que ela é causada por uma imitação das partes; de modo que os movimentos de algumas partes imitam os movimentos daquelas que estão infectadas e, dessa maneira, a praga se torna contagiosa e epidêmica.

A imperatriz, tendo até aquele momento dedicado seu tempo à verificação dos homens-pássaro, peixe, verme e símio, dentre outros, e tendo recebido muitos esclarecimentos de seus diversos servidores, enfim teve a intenção de se distrair de suas sérias discussões. Portanto, convocou os homens-aranha, que eram seus mate-

máticos [18]; os homens-piolho, que eram geômetras, e seus homens-gralha, homens-papagaio e homens-corvo, que eram seus oradores e lógicos. Primeiro vieram os homens-aranha, e a presentearam com uma mesa cheia de pontos, linhas e figuras matemáticas de toda a sorte como quadrados, círculos, triângulos e similares — os quais a imperatriz, mesmo tendo excelente sagacidade e rápida compreensão, não conseguia compreender; e, quanto mais se esforçava para aprender, mais ficava confusa. Se eles já resolveram o problema da quadratura do círculo [19] eu não posso exatamente dizer, nem se eles poderiam fazer pontos e linhas imaginárias — mas me atrevo a dizer que seus pontos e linhas eram tão esguios, pequenos e finos que pareciam próximos do imaginário. Os matemáticos gozavam de grande estima junto à imperatriz, sendo não apenas os principais tutores e instrutores em muitas artes como, em alguns casos, excelentes mágicos e informantes de espíritos — razão pela qual seu feitio era tão abstrato e complexo que a imperatriz não sabia o que fazer com eles.

— Há tanto a aprender em sua arte — ela disse — que não só não posso gastar o tempo que seria destinado a outros assuntos para ocupar a mim mesma com seu ofício como, mesmo que pudesse, tampouco acredito que seria capaz de entender seus pontos, linhas e figuras imaginárias, porque eles são não-seres.

Então vieram os homens-piolho e se esforçaram em medir todas as coisas: de um fio de cabelo ao peso de um átomo. Mas seus pesos raramente concordavam, especialmente em relação à pesagem do ar [20], o que julgaram ser uma tarefa impossível de ser executada. Em razão disso, a imperatriz começou a ficar descontente, dis-

se-lhes que não havia verdade nem justiça em seu ofício e dissolveu sua sociedade.

Depois disso, a imperatriz decidiu ouvir os homens-gralha, os homens-papagaio e os homens-corvo, que eram oradores e lógicos professos. Então, um dos homens-gralha se levantou com grande formalidade e se esforçou para fazer um eloquente discurso diante de sua majestade. Mas, antes que ele tivesse tempo de terminar, seus argumentos e seções foram tantos que causaram uma grande confusão em seu cérebro e ele não conseguiu prosseguir, sendo forçado a se retirar com notável vergonha tanto para si quanto para toda sua sociedade; e, embora um de seus semelhantes tenha tentado apoiá-lo com outro discurso, passou tão longe de conseguir quanto o primeiro. Com isso, a imperatriz não pareceu nem um pouco incomodada, e lhes disse que eles seguiam excessivamente as regras da arte e confundiam a si mesmos com tão exigentes formalidades e distinções.

— Porém, como sei — disse ela — que vocês são pessoas que naturalmente possuem volubilidade na língua e boa memória, desejo que considerem mais o assunto do qual falam do que seus artificiosos períodos, conexões e partes do discurso; e deixem o restante para a sua eloquência natural.

O que eles fizeram, e se tornaram eminentes oradores.

Por fim, sua majestade imperial, desejosa de saber que progresso seus lógicos tinham feito na arte do debate, mandou que argumentassem sobre os mais diversos temas e assuntos. Depois de terem feito um discurso muito belo com temas e proposições dialógicas, entraram em um debate por meio de argumentos silogísticos [21], através de todas as figuras e modos [22]. Um começou

com um argumento de um primeiro modo, seguindo a primeira figura, assim:

*Todo político é sábio:
todo desonesto é um político,
logo, todo desonesto é sábio.*

Outro o contradisse com um silogismo seguindo a mesma figura, do segundo modo, assim:

*Nenhum político é sábio:
todo desonesto é um político,
logo, nenhum desonesto é sábio.*

Um terceiro elaborou um argumento no terceiro modo da mesma figura, dessa maneira:

*Todo político é sábio:
alguns desonestos são políticos,
portanto, alguns desonestos são sábios.*

O quarto concluiu com um silogismo no quarto modo da mesma figura, assim:

*Nenhum político é sábio:
alguns desonestos são políticos,
portanto, alguns desonestos não são sábios.*

Depois disso, eles tomaram outro assunto e propuseram este silogismo:

*Todo filósofo é sábio:
todo animal é sábio,
portanto todo animal é um filósofo.*

Porém, outro disse que esse argumento era falso, e logo o contradisse com um silogismo da segunda figura do quarto modo, assim:

*Todo filósofo é sábio:
alguns animais não são sábios,
logo, alguns animais não são filósofos.*

Dessa forma eles argumentavam e intencionavam prosseguir, contudo a imperatriz os interrompeu.

— Já é o bastante de sua lógica fragmentada. Não ouvirei mais seus silogismos, porque eles confundem minha razão e põem meu cérebro sob tensão. Seus argumentos formais são capazes de estragar toda a inteligência natural. E terei de considerar que a arte não faz a razão, mas a razão faz a arte; estando, portanto, acima da arte tanto quanto o discurso racional deve ser preferido ao artificial. Pois a arte é, em sua maior parte, irregular, e desordena a compreensão dos homens mais que a retifica. Também os leva a um labirinto de onde jamais conseguirão escapar, fazendo-os tolos e inaptos para aplicações úteis; especialmente sua arte da lógica, que consiste apenas em contradizer uns aos outros e em fabricar sofismas, obscurecendo a verdade em vez de clareá-la.

Contudo, eles replicaram a sua majestade que o conhecimento da natureza — ou seja, a filosofia natural — seria imperfeito sem a arte da lógica, e que havia uma

verdade improvável que não poderia ser descoberta de outra forma senão pela arte do debate.

— Verdadeiramente — disse a imperatriz —, acredito que é com a filosofia natural assim como é com todos os outros efeitos da natureza: nenhum conhecimento específico pode ser perfeito pelo fato de o conhecimento ser divisível assim como combinável. Ou melhor, falando propriamente: a natureza por si mesma não pode se gabar de qualquer perfeição; apenas Deus, porque há muitos movimentos irregulares na natureza. É tolo pensar que a arte deva ser capaz de regulá-la, pois a arte também, em sua maior parte, é irregular. Contudo, em relação à verdade improvável: não sei seu significado, já que a verdade é mais do que a improbabilidade; ou melhor, há tantas diferenças entre a verdade e a improbabilidade que eu não posso conceber ser possível que as unamos. Resumindo — prosseguiu ela —, não aprovo os modos de seu ofício; e, embora não possa dissolver sua sociedade [23], jamais terei prazer em ouvi-los uma vez mais. Portanto, deixem seus debates confinados às suas escolas para que, além da comunidade de aprendizagem, elas não perturbem também a teologia e a política ou a religião e as leis, arrastando assim à absoluta ruína e destruição tanto a igreja quanto o Estado.

Depois de a imperatriz finalizar, assim, os discursos e conferências com as citadas sociedades de virtuosos, refletiu sobre os costumes da religião deles; e, julgando-a bastante defeituosa, ficou incomodada, pois um povo tão sábio e inteligente deveria ter mais conhecimento acerca da verdade divina. Portanto, pensou consigo mesma se era possível convertê-los todos à sua própria religião; e, para essa finalidade, resolveu construir igrejas, fazer uma congregação para mulheres — da qual pretendia ser a lí-

der — e instruí-los sobre as muitas questões relativas à sua religião. Nem bem havia começado e as mulheres — que geralmente possuem raciocínio rápido, percepção sutil, entendimento claro e julgamentos sólidos — se tornaram, em pouco tempo, irmãs extremamente devotas e zelosas; pois a imperatriz tinha o dom da pregação e, instruindo-as sobre as regras da fé, as converteu não apenas rapidamente, como conseguiu um amor extraordinário de todos os seus súditos em todo aquele mundo. Mas, por fim, ponderando consigo mesma sobre a natureza inconstante da humanidade — e por medo de, com o tempo, se cansarem e abandonarem a divina verdade, seguindo suas próprias fantasias e vivendo de acordo com seus próprios desejos —, começou a recear que seu esforço e sofrimento teriam efeito muito pequeno; e, portanto, pesquisou uma forma de evitar esta situação. Entre outras coisas, veio-lhe à mente um relato que os homens-pássaro haviam feito certa vez, acerca de uma montanha que queimara em chamas de fogo; então, imediatamente convocou o mais sábio e astuto de seus homens-verme, ordenando-lhe descobrir a causa da erupção daquele fogo. Assim ele fez; e, tendo mergulhado até o fundo da montanha, os homens-verme a informaram de que havia certo tipo de rocha cuja natureza era tal que, ao ser molhada, se tornava excessivamente quente e irrompia em uma labareda de fogo que durava até que a rocha se tornasse seca, cessando então a queima. A imperatriz ficou feliz ao ouvir esta notícia e desejou, pois, que os homens-verme trouxessem algumas dessas rochas, mas que se certificassem de mantê-las secretas. Ela convocou também os homens-pássaro e lhes perguntou se não poderiam obter um pedaço da pedra

solar. Eles responderam ser impossível, a menos que eles estragassem ou diminuíssem a luminosidade do mundo.

— Mas — disseram —, se agradar à vossa majestade, podemos demolir uma das numerosas estrelas do céu, da qual o mundo jamais sentirá falta.

A imperatriz ficou muito satisfeita com esta proposta. Depois de ocupar esses dois tipos de homens, construiu duas capelas neste ínterim, uma acima da outra. Uma ela revestiu com diamantes: tanto o teto quanto as paredes e as colunas. A outra resolveu revestir com a pedra estelar, e a pedra ígnea ela posicionou acima do revestimento de diamantes, em razão de o fogo não ter poder sobre estes. E, quando ela queria que a capela onde estavam as pedras ígneas parecesse toda flamejada, usava tubos artificiais para levar água até elas. Ao girar de uma torneira, os tubos aspergiam água sobre todo o recinto, como uma fonte; e, enquanto as pedras ígneas permanecessem molhadas, a capela toda parecia uma labareda de fogo.

A outra capela, cujo revestimento fora feito com as pedras estelares, refletia apenas uma luz esplêndida e confortável. As capelas se sustentavam sobre colunas, exatamente no meio de um claustro redondo, escuro como a noite; não havia qualquer outra luz em seu interior além da que vinha das pedras ígneas e das pedras estelares — e, sendo tudo muito aberto, permitia, a todos que estavam no interior dos limites do claustro, uma vista livre. Além disso, eram planejados com tanto engenho que ambas se moviam em círculo ao redor de seu centro, uma em sentido contrário à outra, sem interrupção. Na capela forrada pelas pedras ígneas, a imperatriz pregava sermões de terror para os ímpios e lhes falava sobre as punições para seus pecados — a saber: que, depois dessa vida, deviam ser atormentados por um fogo eter-

no. Porém, na outra capela, forrada pelas pedras estelares, ela pregava sermões de conforto àqueles que se arrependiam de seus pecados e eram atribulados por sua própria imoralidade. O calor das chamas não a incomodava nem um pouco, pois a pedra ígnea não exalava calor tão grande que a imperatriz não pudesse suportar; isso pois a água que era derramada sobre a pedra, por seus próprios movimentos, se tornava uma chama resplandecente causada pelos movimentos naturais da pedra, que tornaram a chama mais fraca do que se tivesse sido alimentada por algum tipo de combustível. A outra capela, onde estavam as pedras estelares, mesmo iluminada por uma forte luz, permanecia com uma temperatura amena; e, ali, a imperatriz surgia como um anjo. Enquanto a outra capela era um símbolo do inferno, esta era do céu. Então, dessa forma, a imperatriz, por sua própria arte e engenho, não apenas converteu o Mundo Resplandecente à sua própria religião como os manteve constantemente crentes, sem enforcamentos ou derramamento de sangue; porque ela bem sabia que crer era algo que não deveria ser forçado ou imposto sobre as pessoas, mas incutido em suas mentes por meio de uma afável persuasão. Dessa forma, os encorajou também a se submeterem a todos os outros deveres e ocupações: pois o medo, embora faça com que as pessoas obedeçam, ainda assim não dura muito tempo — nem é uma forma tão certa de mantê-los em suas funções, como o amor.

Ao final de tudo, quando ela viu que tanto a igreja quanto o Estado agora estavam em perfeita ordem e condição, seus pensamentos recaíram sobre o mundo de onde viera; mesmo que tivesse grande desejo de saber em que condições ele se encontrava, ainda não podia

vislumbrar uma forma de alcançar aquele conhecimento. Por fim, depois de muitas sérias considerações, percebeu que era impossível fazê-lo sem a ajuda dos espíritos imateriais; portanto, convocou os mais instruídos, espíritos e engenhosos tipos de homens dentre os supracitados e desejou saber deles se havia algum espírito imaterial em seu mundo. Primeiro, perguntou aos homens-verme se tinham encontrado algum dentro da terra. Eles disseram a sua majestade que jamais haviam tomado conhecimento de tais tipos de criaturas.

— Pois tudo quanto habitava o interior da terra — disseram eles — é corporificado e material.

Então, perguntou aos homens-mosca se tinham observado algum pelo ar.

— Pois seus inúmeros olhos — disse ela — são mais hábeis para percebê-los que os de qualquer outra criatura.

A isso, responderam a sua majestade que, embora espíritos, sendo imateriais, não pudessem ser percebidos pelos homens-verme na terra, eles haviam percebido que tais criaturas se alojavam em veículos de ar. Assim sendo, a imperatriz questionou se poderiam falar com eles, e se entenderiam uns aos outros. Os homens-mosca responderam que aqueles espíritos estavam sempre vestidos de um ou outro tipo de trajes materiais. Seus corpos eram feitos, em sua maior parte, de ar; e, quando era conveniente, podiam vestir qualquer outro tipo de substância — mas, ainda assim, não podiam pôr tais substâncias em qualquer molde ou forma, como quisessem. A imperatriz perguntou aos homens-mosca se era possível que ela fosse apresentada e tivesse algumas conversas com eles.

Eles responderam que verdadeiramente acreditavam ser possível. Como resultado, a imperatriz ordenou que os homens-mosca perguntassem a alguns daqueles espíritos se eles poderiam, por gentileza, visitá-la. Eles o fizeram, e então os espíritos se apresentaram à imperatriz (em que forma exata não sei dizer). Depois de alguns elogios mútuos, a imperatriz disse aos espíritos que ela não tinha dúvidas de que eles sabiam que ela era uma estrangeira naquele mundo, e conheciam o modo milagroso com que conseguira ali chegar. E, uma vez que tinha o desejo de saber as condições em que se encontrava o mundo de onde viera, seu pedido aos espíritos foi de que eles lhe fornecessem alguma informação sobre isso — especialmente sobre aqueles lugares onde ela nascera, crescera e fora educada, assim como sobre certos amigos e conhecidos. Os espíritos a atenderam em tudo isso, de acordo com seu desejo. Por fim, depois de excelentes colóquios e informações que os espíritos deram à imperatriz, para sua grande satisfação e contentamento, ela os inquiriu sobre os mais famosos estudiosos, escritores e filósofos experimentais daquele mundo, e eles lhe deram uma relação completa. Ademais, ela lhes perguntou se não havia ainda alguém que tivesse descoberto a Cabala judaica.

— Muitos se esforçaram nisso — responderam os espíritos, — mas aqueles que mais se aproximaram (embora tenham negado) foram uns tais dr. Dee e Edward Kelly [24]. Um representava Moisés e o outro Araão, pois Kelly fora para dr. Dee como Araão para Moisés. Entretanto, eles se revelaram, por fim, meras fraudes, e foram representados por um de seus compatriotas: um poeta notável, de nome Ben Jonson [25], em uma peça chamada *O alquimista*. Nela, Kelly é representado pelo Capitão

Face, Dee por dr. Sutil e suas duas esposas pela Boneca Comum e pela Viúva. Por meio do Espanhol, na peça, ele representou o Embaixador Espanhol; e, por meio de lorde Epicuro Mammon, um lorde polonês.

A imperatriz se lembrou de que tinha visto a peça e indagou aos espíritos a quem ele se referia usando o nome Ananias.

— A alguns zelosos irmãos — responderam — da Holanda, Alemanha e muitos outros lugares.

Então lhes perguntou quem era retratado pelo Farmacêutico.

— Nós verdadeiramente esquecemos — responderam os espíritos — já que há muito tempo ela foi feita e atuada.

— Os espíritos podem esquecer? — replicou a imperatriz.

— Sim, pois o que é passado é mantido apenas na memória, se não for registrado — disseram os espíritos.

— Eu acreditava que os espíritos não precisavam de memória ou de recordações, e não podiam estar sujeitos ao esquecimento — disse a imperatriz.

— Como poderíamos dar conta dos assuntos do presente se não tivéssemos memória? E, especialmente: como poderíamos dar conta dos assuntos do passado, sem registro, se não tivéssemos recordações? — responderam eles.

— Pelo conhecimento presente e pelo entendimento — disse a imperatriz.

Os espíritos responderam que o conhecimento e o entendimento presentes eram ações ou objetos do presente, e não do passado.

— Porém, vocês sabem o que está por vir sem precisarem de memória ou de lembrança; e, portanto, vocês de-

vem saber o que é o passado sem memórias ou lembranças — concluiu a imperatriz.

Eles responderam que sua previsão era apenas uma prudente e sutil observação feita por comparações de assuntos e ações passadas com as do presente, e que as recordações eram nada menos que repetições de coisas ou ações passadas.

Em seguida, a imperatriz perguntou aos espíritos se havia uma Cabala tripla. Eles responderam que Dee e Kelly haviam feito uma dupla Cabala — a saber, do Velho e do Novo Testamento —, mas que outros podiam fazer não apenas duas ou três, mas sessenta cabalas, se quisessem. A imperatriz perguntou se era tradicional — ou simplesmente das escrituras — ou se era literal, filosófica ou alguma Cabala moral.

— Alguns — responderam eles — acreditavam ser simplesmente tradicional; outros, das escrituras; alguns, literal; e alguns, metafórica. Mas a verdade é — disseram — que era parcialmente uma e parcialmente outras: parcialmente tradicional, parcialmente das escrituras, parcialmente literal, parcialmente metafórica.

A imperatriz questionou ainda se a Cabala era um resultado apenas da razão natural ou se era de inspiração divina.

— Muitos — responderam — que escrevem cabalas fingem inspiração divina. Mas, se assim é ou não, não cabe a nós julgar: devemos apenas confessar que é um trabalho que requer alta sabedoria e forte fé, mas não razão natural. Pois, embora essa razão seja mais persuasiva, ainda é a fé que é mais importante aos cabalistas.

— Mas — disse a imperatriz — não há a razão divina como há a natural?

— Não — responderam —, porque há somente uma fé divina, e a razão é apenas natural; contudo, vocês mortais são tão confusos sobre a fé divina e a razão natural que não sabem como distingui-las, confundindo-as. Esta é a razão pela qual vocês têm tantos filósofos teólogos que fazem um imbróglio tanto da razão quanto da fé.

Então ela indagou se os filósofos naturais puros eram cabalistas.

— Não — responderam. Apenas seus filósofos místicos ou divinos, que perscrutam além do sentido e da razão.

Ela perguntou, além disso, se havia alguma Cabala em Deus ou se Deus era repleto de ideias. Eles responderam que não poderia haver nada em Deus nem Deus poderia ser repleto de nada, fosse forma ou imagem, que não fosse si mesmo. Porque Deus era a perfeição de todas as coisas; um ser inexprimível, além da concepção de qualquer criatura — fosse natural ou sobrenatural.

— Então, rogo que me informem — disse a imperatriz — se a Cabala dos judeus ou alguma outra consiste em números.

— Não — responderam — pois números são ímpares e diferentes, e causariam divergências na cabala.

— Mas — disse ela novamente — então é um pecado não saber ou entender a Cabala?

— Deus é tão misericordioso — responderam — e tão justo que jamais puniria um ignorante e salvaria apenas aqueles que fingem conhecer a Ele e seu conselho por suas cabalas. Ele ama a todos aqueles que O adoram e veneram com medo, reverência e um coração puro.

Ela perguntou, ainda, qual das duas Cabalas era a mais adequada: a natural ou a teológica.

— A teológica — responderam — é mística e pertence apenas à fé; mas a natural pertence à razão.

Então, ela lhes questionou se a fé religiosa era feita de razão.

— Não — responderam —, pois a fé procede apenas de uma graça salvadora divina, que é um dom especial de Deus.

— Como é então — replicou ela — que aqueles homens, mesmo os que são de opiniões diferentes, tenham mais ou menos fé?

— Uma crença natural — responderam — não é uma fé divina.

— Mas — continuou a imperatriz — como vocês têm certeza de que Deus não pode ser conhecido?

— As muitas opiniões que vocês mortais têm de Deus — responderam — são provas suficientes disso.

— Bem, deixando então de lado este conhecimento curioso de Deus — respondeu a imperatriz — solicito que me informem se vocês, espíritos, fornecem movimentos aos corpos naturais.

— Não — responderam. — Ao contrário: os materiais naturais dos corpos dão movimento aos espíritos pois nós, espíritos, sendo incorpóreos, não temos movimentos além daqueles de nossos veículos corpóreos. Assim, nos movemos com a ajuda de nossos corpos, e não eles com a nossa ajuda, porque espíritos puros são imóveis.

— Se assim é — retrucou a imperatriz —, como é então que vocês conseguem se mover tão rapidamente por uma distância tão longa?

Eles responderam que alguns tipos de matéria eram mais puros, raros e conseqüentemente mais leves e ágeis que os outros, e esta era a razão de seus movimentos serem tão rápidos e repentinos. Em seguida, a imperatriz

questionou se poderiam falar sem um corpo ou órgãos físicos.

— Não — disseram —, nem poderíamos ter qualquer sensação física, apenas conhecimento.

Ela perguntou se eles poderiam ter conhecimento sem um corpo.

— Não um conhecimento natural — responderam —, mas sim um sobrenatural; que é, sem dúvida, melhor que o natural.

Então ela lhes perguntou se eles possuíam um conhecimento geral ou universal.

— Espíritos individuais, por si, não têm — responderam, — porque nenhuma criatura, além de Deus, pode ter um conhecimento absoluto e perfeito de todas as coisas.

A imperatriz lhes perguntou ainda se os espíritos tinham partes internas e externas.

— Não — responderam —, porque partes pertencem apenas a corpos, e não a espíritos.

Mais uma vez ela os indagou se seus veículos eram corpos vivos.

— São corpos automóveis — responderam. Portanto, precisam estar vivos, porque nada pode se mover sem possuir vida.

— Então — disse ela —, daí necessariamente se depreende que este corpo automóvel, vivo, dá movimento ao espírito; e não que o espírito move o corpo como se fosse seu veículo.

— O que diz é verdade — responderam —, como lhe dissemos antes.

Assim sendo, a imperatriz lhes perguntou de que tipo de matéria eram feitos seus veículos. Eles disseram que

tinham diferentes tipos; alguns grossos, outros densos e outros mais puros, raros e sutis.

— Se vocês não são materiais — disse a imperatriz —, como poderiam ser geradores de todas as outras criaturas?

— Nós não somos mais criadores das criaturas materiais — responderam — do que elas são nossas criadoras.

Então, ela perguntou se eles deixavam seus veículos.

— Não — responderam. — Porque, sendo imateriais, não podemos deixá-los ou abandoná-los; mas nossos veículos mudam para diferentes formas e aspectos de acordo com o que pede a ocasião.

Assim, a imperatriz desejou que os espíritos lhe contassem se o homem era como um pequeno mundo. Eles responderam que se uma mosca ou um verme eram um pequeno mundo, então o homem também o era. Ela indagou novamente se nossos antepassados haviam tido tanta sabedoria quanto os homens do presente, e se entendiam os sentidos e a razão como agora. Eles responderam que, em eras antigas, os homens haviam tido tanta sabedoria como os do presente; ou melhor, eram mais sábios, porque, disseram eles, muitos daquela era pensavam que seus antepassados eram tolos — o que provam que eles é que o eram. A imperatriz perguntou ainda se havia algum poder plástico na natureza.

— Na verdade — responderam —, poder plástico é uma expressão difícil, que significa nada mais que os movimentos corpóreos e próprios da natureza.

Depois disso, a imperatriz desejou que os espíritos a informassem onde era o Paraíso — se ele se situava no meio do mundo como um centro de deleite; se era o mundo todo; se era um mundo particular em si mesmo, como um mundo da vida e não da matéria; ou se era

uma mistura, como o mundo das criaturas animais vivas. Eles responderam que o Paraíso não estava no mundo de onde ela viera, mas no mundo onde vivia no momento presente — e que era o mesmo lugar onde mantinha sua corte e onde ficava seu palácio, no centro da cidade imperial. A imperatriz os inquiriu, ademais, se no início da criação do mundo todas as feras eram capazes de falar. Eles responderam que nenhuma fera podia falar; apenas as criaturas como os homens-peixe, homens-urso, homens-verme, entre outros, que podiam falar na primeira era, assim como eles faziam ali. Ela indagou novamente: se não havia sido nenhum daqueles espíritos que havia espantado Adão do Paraíso, ao menos teriam sido os responsáveis por fazer com que não voltasse para lá? Eles disseram que não. Então ela desejou ser informada para onde Adão fugiu quando foi expulso do Paraíso.

— Para fora desse mundo — disseram — do qual você é agora imperatriz. Para o mundo de onde você veio.

— Assim sendo — replicou a imperatriz —, então certamente os cabalistas são desconhecedores de sua história, dado acreditarem que o Paraíso é um mundo de vida apenas, sem matéria; porque este mundo, embora seja muito agradável e proveitoso, não é um mundo de pura vida imaterial, e sim um mundo de vida, de criaturas orgânicas.

— Sem dúvida, são desconhecedores — responderam —, porque nem todas as Cabalas são verdadeiras.

Em seguida, a imperatriz perguntou: uma vez que era mencionado na história da criação do mundo que Eva havia sido tentada por uma serpente, o espírito do Mal estava dentro da serpente ou a serpente a tentou sem

esse espírito? Eles responderam que o espírito do Mal estava dentro da serpente.

— Mas como é então — retrucou ela — que a serpente foi amaldiçoada?

— Porque — responderam — o espírito do Mal estava nela. Pois não estão em perigo de danação os homens que têm o demônio dentro de si, o qual os persuade a acreditar e agir com maldade?

A imperatriz também perguntou se o céu e o Paraíso eram a mesma coisa. Eles responderam que a região que continha os orbes luminosos e naturais tinha sido nomeada pelos mortais como céu; mas o céu bento, que era a habitação dos anjos celestes e das almas, ficava tão além que não poderiam comparar com qualquer organismo natural. Então a imperatriz lhes perguntou se toda a matéria era fluida no início. Eles responderam que a matéria sempre fora como era: algumas partes da matéria eram rarefeitas, algumas densas, algumas fluidas, outras sólidas e assim por diante. Nem era Deus obrigado a fazer toda a matéria fluida no princípio. Então ela indagou se a matéria era imóvel em si mesma.

— Nós já respondemos antes — disseram —, que só há movimento na matéria. E que, não fosse pelo movimento da matéria, nós, espíritos, não poderíamos nos mover, nem fornecer nenhuma resposta para as suas muitas perguntas.

Depois disso, a imperatriz questionou os espíritos se o universo fora feito num intervalo de seis dias ou, se por aqueles seis dias, queriam dizer as muitas leis e ordens de Deus. Eles lhe responderam que o mundo fora feito por toda poderosa lei e ordem de Deus; mas, se havia seis leis ou ordens, ou menos, ou mais, nenhuma criatura era capaz de dizer.

Então ela inquiriu se havia mistérios nos números.

— Nenhum outro mistério — responderam — além de cálculos e contas, porque os números são apenas marcas da memória.

— Mas o que vocês pensam sobre o número quatro — disse ela —, pelo qual os cabalistas fazem tanto alarde? E do número dez, quando dizem que o dez é tudo, e que todos os números são praticamente compreendidos em quatro?

— Nós pensamos — responderam — que os cabalistas não têm nada para fazer além de perturbar suas mentes com tamanhas ilusões inúteis, porque naturalmente não existe nada como números primos ou o todo, nem qualquer outro mistério além dos devaneios feitos pelos homens; porém, o que os homens chamam de números primos, ou de o todo, nós não sabemos, porque eles não concordam no número de sua opinião.

Em seguida, a imperatriz perguntou se o número seis era um símbolo do matrimônio, sendo composto por masculino e feminino, pois dois vezes três é seis.

— Se algum número pode ser um símbolo de matrimônio — responderam —, não será o seis, mas o dois; se ao dois for permitido ser um número, porque o ato do matrimônio faz dois se unirem em um.

Ela perguntou novamente o que poderiam dizer sobre o número sete: se era um emblema de Deus, já que os cabalistas diziam que ele não era nem obtido e nem produzia outro número.

— Não pode ser um emblema de Deus — responderam. — Porque, se não sabemos o que é Deus, como poderíamos fazer um emblema para ele? Nem há qualquer número em Deus, pois Deus é perfeito em si mesmo, enquanto os números são imperfeitos. E quanto a gerar

números: isso é feito por multiplicação e adição, enquanto a subtração é uma forma de morte para os números.

— Se não há mistério nos números — replicou a imperatriz —, então é vão se referir à criação do mundo em números, como fazem os cabalistas.

— O único mistério dos números — responderam —, relativamente à criação do mundo, é que, assim como os números se multiplicam, da mesma forma faz o mundo.

A imperatriz perguntou até onde era possível multiplicar os números. Os espíritos responderam que até o infinito.

— Por que — disse ela —, o infinito não pode ser contado nem numerado?

— Também não o podem as partes do universo — responderam —, pois a criação de Deus, sendo uma ação infinita procedente de um poder infinito, não poderia cessar em um número finito de criações; caso contrário, não seria tão grande.

— Todavia, deixando de lado o mistério dos números — a imperatriz prosseguiu —, desejo agora que me informem: os sóis e os planetas foram gerados pelo Paraíso ou por matéria etérea?

Os espíritos responderam que as estrelas e os planetas eram feitos da mesma matéria em que o Paraíso, o éter [26], e todas as outras criaturas naturais consistiam; mas se eram gerados pelo Paraíso ou pelo éter, eles não podiam dizer.

— Se eles o são — explicaram —, então não são como o que os origina: porque o Sol, as estrelas e os planetas são muito mais esplendorosos que o éter, e também mais sólidos e constantes em seus movimentos. Mas, posto que as estrelas e os planetas foram gerados pelo

Paraíso ou pela matéria etérea, a questão a ser feita seria então: a partir do que estes são gerados ou produzidos? Se o Paraíso e a matéria etérea foram criados a partir do nada e não gerados de alguma outra coisa, então seria provável que o Sol, as estrelas e os planetas também. Ou melhor, seria mais provável as estrelas e os planetas do que os céus ou o éter, em razão de as estrelas e planetas parecerem mais longe da mortalidade do que partes específicas do éter. Pois, sem dúvida, pelo menos algumas partes de matéria etérea se transformam em várias formas, coisa que não percebemos nas estrelas e planetas.

A imperatriz perguntou ainda se eles poderiam dar alguma informação sobre os três princípios do homem segundo a doutrina dos platônicos: o primeiro, do intelecto, do espírito ou da luz divina; o segundo, da própria alma do homem; e o terceiro da imagem da alma, ou seja, sua operação vital sobre o corpo. Os espíritos responderam que não entendiam estas três distinções, porém que elas pareciam com o sentido corporal e a razão, como se fossem três corpos diferentes ou três ações corporais diferentes.

— Entretanto — disseram —, são concepções enredadas de ilusões irregulares.

— Se vocês não as entendem — replicou a imperatriz —, como as criaturas humanas entenderiam?

— Muitos de seus antigos e modernos filósofos — responderam — se esforçaram para ir além dos sentidos e da razão. Isso os fez cometerem absurdos, uma vez que nenhuma criatura corpórea pode ir além dos sentidos e da razão; nem nós, espíritos, enquanto estamos em nossos veículos corporais.

Então a imperatriz lhes perguntou se havia algum ateu [27] naquele mundo. Os espíritos responderam que

não havia mais ateus do que coisas feitas por cabalistas. Ela questionou, ademais, se os espíritos tinham forma esférica ou arredondada. Eles responderam que a forma pertencia ao corpo — e, sendo imateriais, eles não possuíam forma. Ela perguntou novamente se os espíritos não eram como a água e o fogo. Eles responderam que a água e o fogo eram materiais, os mais puros e refinados possível, mais ainda do que o Paraíso.

— Mas nós não somos como água e fogo — disseram — mais do que como a terra. Porém, nossos veículos possuem diferenciados formatos, aspectos e graus de substâncias.

Ela desejou então saber se seus veículos eram feitos de ar.

— Sim — responderam — alguns de nossos veículos são de ar rarefeito.

— Logo, suponho — retrucou a imperatriz — que estes veículos aéreos são suas roupas de verão.

Além disso, ela indagou se os espíritos não tinham movimentos ascendentes e descendentes como outras criações. Eles responderam que não havia propriamente nenhuma ascensão ou nenhum descenso na natureza infinita, exceto em relação a alguns elementos específicos.

— E quanto a nós, espíritos — disseram —, não podemos nem ascender ou descender sem veículos corpóreos; nem podem eles ascender ou descender se não for de acordo com suas formas e aspectos, porque não pode haver movimento sem um corpo.

A imperatriz perguntou então se não havia um mundo de espíritos, assim como havia um de criaturas materiais.

— Não — responderam — pois a palavra mundo implica uma quantidade ou multidão de criaturas corpó-

reas; e nós, sendo imateriais, não podemos constituir um mundo de espíritos.

Então ela desejou ser informada sobre quando os espíritos foram criados.

— Não sabemos — responderam — como e quando fomos feitos, nem somos tão curiosos sobre isso; ou melhor: se fôssemos, não seria um benefício nem para nós e nem para vocês mortais sabê-lo.

A imperatriz retrucou que os cabalistas e os filósofos divinos haviam dito as almas dos homens racionais eram imateriais, e necessitavam de veículos corpóreos tanto quanto os espíritos.

— Se assim o é — responderam —, então vocês são hermafroditas por natureza; mas seus cabalistas estão enganados, porque eles tomam as partes mais puras e sutis da matéria por espíritos imateriais.

— Quando as almas dos mortais — perguntou então a imperatriz — saem de seus corpos, vão para o Paraíso ou para o Inferno, ou ficam em veículos aéreos?

— A justiça e a misericórdia de Deus — responderam — são perfeitas e não imperfeitas. Contudo, se vocês mortais têm veículos para suas almas, além de um lugar entre o Céu e o Inferno, este é o Purgatório. Ele é um espaço de purificação, pois a ação do fogo é mais adequada que a do ar; e, assim, os veículos de tais almas que estão no Purgatório não seriam aéreos, e sim feitos de fogo. Nesse caso, haveria apenas quatro lugares para as almas humanas estarem: Paraíso, Inferno, Purgatório e este mundo; mas, quanto aos veículos, eles são apenas fantasias e não verdades reais.

Em seguida, a imperatriz lhes perguntou onde ficavam o Paraíso e o Inferno.

— Seu Cristo Salvador — responderam — informou a vocês que existem Paraíso e Inferno, mas não lhes disse o que eram e nem onde ficavam. Portanto, é de enorme presunção vocês, mortais, inquirirem sobre isso. Se vocês se esforçam para irem para o Paraíso, é o suficiente, mesmo que vocês não saibam onde ele fica ou o que é, uma vez que isso está além do conhecimento e da compreensão.

A imperatriz respondeu que estava satisfeita e perguntou, além disso, se a alma tinha alguma aparência ou característica. Eles responderam que onde não há corpo, não pode haver aparência. Assim, ela questionou se os espíritos poderiam ser nus, e se eram de cor escura ou clara.

— Quanto a nossa nudez: é uma questão muito estranha — responderam —, e nós não compreendemos o que você quer dizer por espírito nu, porque você pensa em nós como criaturas corpóreas. E, em relação à cor: ela é de acordo com os nossos veículos, já que as cores pertencem ao corpo; e, como não há corpo sem cor, não há cor sem corpo.

Depois a imperatriz quis ser informada se todas as almas tinham sido feitas na primeira criação do mundo.

— Nós não sabemos mais — responderam — sobre a origem das almas humanas do que sobre nossa própria criação.

Ela também indagou se os corpos humanos não eram fardos para as almas. Eles responderam que corpos faziam as almas ativas, dando-lhes movimento; e, se a ação fosse problemática às almas, então os corpos também o seriam. Ela perguntou então se as almas escolhiam os corpos. Eles responderam que os platônicos acreditavam que as almas dos amantes viviam nos corpos de seus

amados; mas, certamente, disseram eles, se há uma multidude de almas no mundo da matéria, elas não poderiam sentir falta dos corpos — pois, tão logo uma alma se separa de um corpo, ela entra em outro. E as almas, não possuindo movimentos próprios, assim devem necessariamente se vestir com, ou incorporar, a próxima porção de matéria.

— Se assim é — retrucou a imperatriz —, então rogo que me falem se toda matéria é anímica.

Os espíritos responderam que não poderiam exatamente lhe dizer, mas se fosse verdade que a matéria não tinha outro movimento além daquele proveniente do poder espiritual, e que toda matéria era móvel, então nenhuma alma poderia abandonar um corpo. Mas se precisasse entrar em outro corpo já anímico, por necessidade, haveria assim duas substâncias imateriais em um corpo. A imperatriz lhes perguntou se não havia possibilidade de existir duas almas em um único corpo.

— Em relação às almas imateriais — responderam —: é impossível, em razão de não poder haver duas delas em um único corpo inanimado. Porque, não possuindo corpos, cada uma delas deseja ter suas partes e seu espaço. Mas pode haver inúmeras almas materiais em um corpo composto, devido a cada parte material possuir uma alma material natural. Pois a natureza não passa de um corpo infinito, automóvel, vivo e autoconsciente que consiste em três graus de matéria inanimada, sensível e racional. Estas matérias estão tão juntamente misturadas que nenhuma parte da natureza, nem mesmo um átomo, pode existir sem qualquer um desses três graus: o sensível é a vida; o racional, a alma; e o inanimado, o corpo de natureza infinita.

A imperatriz ficou bastante satisfeita com aquela resposta e perguntou ainda se as almas davam vida aos corpos.

— Não — responderam —, mas os espíritos e as almas divinas têm vida própria, que não pode ser dividida e é mais pura que a vida natural. Pois os espíritos são incorpóreos e, conseqüentemente, indivisíveis.

— Porém — disse a imperatriz —, quando a alma está em seu veículo, então, parece a mim, ela é como o Sol e o veículo é como a Lua.

— Não — responderam —, mas o veículo é como o Sol e a alma como a Lua; porque a alma se movimenta por causa do corpo como a Lua tem luz por causa do Sol.

Então, a imperatriz perguntou aos espíritos se havia um espírito do Mal que tentara Eva e trouxera todos os males sobre a humanidade, ou se esse espírito era a serpente.

Eles responderam que espíritos não podiam cometer males reais. A imperatriz afirmou que poderiam fazê-lo pela persuasão. Eles responderam que persuasão era ação, mas a imperatriz não ficou contente com aquela resposta e questionou se não havia um Mal sobrenatural. Os espíritos responderam que havia o Bem sobrenatural, que era Deus, mas que não conheciam nenhum Mal sobrenatural que fosse equivalente a Deus. Então ela desejou saber se os espíritos do Mal podiam ser considerados as feras dos campos. Eles responderam que muitas feras do campo eram criaturas inofensivas e muito úteis ao homem; e, mesmo que algumas fossem vistas como ferozes e cruéis, exerciam sua crueldade sobre outras criaturas, em sua maior parte, com o único fim de conseguir comida e satisfazer seu apetite natural.

— Entretanto, certamente — disseram —, vocês homens são muito mais cruéis uns com os outros do que os espíritos do Mal são para vocês. E, sobre habitarem em lugares devastados: não temos qualquer comunicação com eles, não podendo, portanto, lhe dar conta dos mesmos.

— Mas o que vocês pensam — disse a imperatriz —, dos bons espíritos? Podem eles ser comparados às aves do céu?

Eles responderam que havia tantas aves cruéis e vorazes no céu quanto feras ferozes e cruéis na Terra, de forma que os bons sempre estariam misturados aos maus. Ela indagou também se os veículos de fogo estavam no Paraíso, no Inferno ou, por fim, no Purgatório para as almas. Eles responderam que, se as almas eram imateriais, não poderiam ser queimadas — e, assim, o fogo não lhes faria nenhum dano. E, embora o Inferno fosse imaginado sendo um fogo inextinguível e imperecível, o Paraíso não era feito de fogo. A imperatriz replicou que o Paraíso era uma luz.

— Sim — disseram eles —, mas não a luz do fogo.

Então ela perguntou se os diversos formatos e tipos de veículo faziam as almas miseráveis ou abençoadas.

— Os veículos — responderam eles — não as tornam nem melhores nem piores. Pois, apesar de algumas vezes os veículos terem poder sobre outros, estes, por sua vez, podem ter algum poder novamente sobre eles, conforme várias vantagens e desvantagens de cada parte natural.

A imperatriz questionou ainda se a vida animal viera do mundo espiritual, e se voltaria para lá. Os espíritos responderam que não poderiam afirmar precisamente, mas que, se dessa forma fosse, então certamente as vidas

animais abandonavam seus corpos; caso contrário, os organismos fariam do mundo espiritual um mundo misto — ou seja, parcialmente material e parcialmente imaterial.

— Mas a verdade é — disseram —, que os espíritos, sendo imateriais, não poderiam propriamente fazer um mundo; porque um mundo pertence ao campo do material, e não das criaturas imateriais.

— Se é assim — respondeu a imperatriz —, então certamente não pode haver um mundo de vidas e formas sem a matéria?

— Não — responderam —, nem um mundo de matéria sem vidas e formas, pois vidas naturais e formas não podem ser imateriais, assim como a matéria não pode ser imóvel. E, portanto, vidas naturais, formas e matéria são inseparáveis.

Então a imperatriz perguntou se o primeiro homem tinha se alimentado das melhores diversidades de frutas da Terra, e as feras das piores. Os espíritos responderam que, a menos que as feras do campo fossem impedidas de entrar nos campos adubados e jardins, poderiam pegar e escolher os melhores frutos, como os homens.

— E você pode observar isso claramente — disseram — nos esquilos e símios, vendo como escolhem tão bem nozes e maçãs; e como pássaros coletam e se alimentam dos frutos mais saborosos, e os vermes das melhores raízes e mais deliciosas ervas. Pelo que você pode ver que tais criaturas vivem e se alimentam melhor do que os homens; com exceção, você dirá, da culinária artificial, que é melhor e mais saudável que a natural.

Novamente a imperatriz perguntou se o primeiro homem dera nomes a todos os tipos de peixes do mar e da água doce.

— Não — responderam —, porque ele era uma criatura terrena e não marítima; e, por isso, não poderia conhecer todos os tipos de peixes.

— Por quê? — retrucou a imperatriz. — Ele não era mais uma criatura dos ares do que das águas e, ainda assim, deu nomes aos muitos tipos de aves e pássaros do ar?

— Aves — responderam — são criaturas parcialmente do ar e parcialmente da terra. Não só porque se parecem com os animais e os homens em sua carne, mas porque seu local de descanso e moradia fica na terra, onde constroem seus ninhos, põem seus ovos e chocam suas crias. Não no ar, mas na terra.

Ela então questionou se o primeiro homem tinha dado os nomes de todas as criaturas que viviam sobre a terra.

— Sim — responderam —, de todas aquelas que a ele se apresentaram, ou de que ele teve conhecimento. Ou seja, de todos os tipos principais e não de cada em particular, pois a humanidade tinha apenas dois indivíduos no começo; conforme o número de indivíduos aumentou, aumentou também o número de nomes.

— Porém — disse a imperatriz —, quem deu os nomes aos diversos tipos de peixes?

— A posteridade da humanidade — responderam eles.

Então, ela perguntou se havia mais tipos de criaturas naquele momento do que no momento da criação. Eles responderam que antes não havia nem mais nem menos criaturas do que havia naquele momento — mas havia, sem dúvida, mais tipos específicos de criaturas naquele momento do que antes. Ela inquiriu também se todos aqueles tipos de criaturas tinham estado no Paraíso e na arca de Noé. Eles responderam que os tipos principais ti-

nham lá estado, mas não todos os específicos. Então ela quis muito saber como tanto os espíritos quanto os homens tinham caído em um estado de condição tão miserável como o daquele momento. Os espíritos responderam que fora por desobediência. A imperatriz questionou de onde vinha esta desobediência. Mas os espíritos pediram que a imperatriz não fizesse mais nenhuma pergunta, porque estavam indo para muito além de seu conhecimento. Então, ela implorou que os espíritos perdoassem sua presunção.

— Pois — disse — é natural da humanidade ser curiosa.

— O desejo natural pelo conhecimento — responderam — não é condenável, desde que você não vá além do que sua razão natural pode compreender.

— Sendo assim, não farei mais perguntas — disse a imperatriz —, por receio de que possa cometer algum erro. Mas uma coisa não posso deixar de lhes informar.

— O quê? — indagaram os espíritos.

— Tenho um grande desejo — respondeu a imperatriz — de fazer uma Cabala.

— Que tipo de Cabala? — perguntaram os espíritos.

— A Cabala dos judeus — disse a imperatriz.

Assim que ela declarou sua intenção, os espíritos imediatamente desapareceram de sua frente. Isso a assustou de tal maneira que ela caiu em transe, estado em que ficou por algum tempo, deitada. Por fim, voltando a si, ela se levantou muito contemplativa e considerou consigo mesma o que deveria ter causado tão estranho infortúnio. Imaginou primeiramente que talvez estivessem os espíritos cansados de ouvir e responder perguntas; porém, refletindo consigo mesma que eles não poderiam se cansar, imaginou que esta não era a real causa de seu

desaparecimento. Ainda, depois de inúmeros debates com seus próprios pensamentos, ela acreditou verdadeiramente que os espíritos tinham falhado em suas respostas; e, como punição, haviam sido condenados aos mais baixos e sombrios veículos. Aquela opinião estava tão fixa em sua mente que a deixou em estado muito melancólico; então, ela convocou tanto seus homens-mosca quanto seus homens-verme e lhes declarou a causa de sua tristeza.

— Não é apenas — disse ela — pelo desaparecimento desses espíritos que estou melancólica, mas por provavelmente eu ser a causa de sua miserável condição; por tais espíritos inofensivos estarem, por minha culpa, mergulhados no abismo negro e escuro da Terra.

Os homens-verme confortaram a imperatriz, dizendo-lhe que a Terra não era tão terrível moradia como ela imaginava. Porque não apenas os minerais e vegetais, mas muitos tipos de animais, eram testemunhas de que a Terra era uma habitação calorosa e frutífera, calma, segura e feliz. E, embora eles desejassem a luz do Sol, ainda assim não estavam em plena escuridão, pois havia luz mesmo nas profundezas da Terra — através da qual as criaturas que ali habitavam podiam ver. Este relato aquietou um pouco a mente de sua majestade, mas ela ainda queria saber a verdade sobre onde e em que condições estavam os espíritos e ordenou que os homens-mosca e os homens-verme usassem seu ofício e engenhosidade para localizá-los. Depois disso, os homens-verme desceram para dentro da Terra e os homens-mosca ascenderam aos céus. Depois de pouco tempo os homens-verme voltaram e falaram à imperatriz que, quando entraram para dentro da Terra, perguntaram a todas as criaturas que encontraram se alguma delas tinha percebido tais

espíritos — até que, finalmente, chegando ao centro da Terra, foram informados verdadeiramente que esses espíritos tinham ficado lá algum tempo, mas finalmente haviam ido aos antípodas que ficavam do outro lado do globo terrestre, diametralmente opostos ao deles. Os homens-mosca secundaram os homens-verme, assegurando a sua majestade que o relato feito era verdadeiro.

— Porque — disseram — nós rodamos a Terra e, exatamente quando chegamos aos antípodas, encontramos aqueles espíritos em excelentes condições e os informamos que sua majestade estava muito perturbada por sua repentina partida, e que temia que eles pudessem estar enterrados na escuridão da Terra. Sobre isso, os espíritos responderam que sentiam muito por terem causado tamanha tristeza e perturbação a vossa majestade. Responderam ainda que desejavam que vos contássemos que eles não temiam a escuridão porque seus veículos são de do mesmo tipo de substância de que são feitos os olhos dos gatos, as caudas dos vagalumes e a madeira apodrecida, de modo que levam sua própria luz aonde vão. Disseram também que estavam dispostos a oferecer a vossa majestade a ajuda que pudessem na elaboração da sua Cabala.

Com isso, a imperatriz ficou extremamente feliz e recompensou tanto os homens-mosca quanto os homens-verme generosamente.

Depois de algum tempo, quando os espíritos tinham se revigorado em seus veículos, eles ordenaram a um de seus mais ágeis espíritos que perguntasse à imperatriz se ela possuía um escriba, ou se escreveria a Cabala ela mesma. A imperatriz recebeu a oferta que lhe fizeram com toda civilidade e lhes disse que ela desejava um escriba espiritual. Os espíritos responderam que eles po-

deriam ditar, mas não escrever — exceto se eles se dispusessem de uma mão, ou de um braço, ou ainda do corpo inteiro de um homem.

— Como podem os espíritos se armar com luvas de carne? — perguntou a imperatriz.

— Da mesma forma que um homem pode se armar com luvas de aço — responderam eles.

— Se assim o é, então terei um escriba — disse a imperatriz.

Logo os espíritos lhe perguntaram se ela queria a alma de um homem vivo ou morto.

— Por quê? — disse a imperatriz. — Pode a alma deixar um corpo vivo e vagar ou viajar por aí?

— Sim — responderam. — De acordo com a doutrina de Platão, há diálogos entre almas, e almas de amantes vivem nos corpos de seus amados.

— Então, eu terei — disse — a alma de algum notável escritor antigo, como Aristóteles, Pitágoras, Platão, Epicuro ou alguém semelhante.

Os espíritos disseram que aqueles memoráveis escritores eram muito cultos, sutis e engenhosos, mas eram tão afeiçoados a suas próprias opiniões que jamais teriam paciência para serem escribas.

— Sendo assim — disse ela —, terei a alma de um dos mais célebres escritores modernos, como Galileu, Gassendi, Descartes, Helmont, Hobbes, H. More, dentre outros.

Os espíritos responderam que eles eram excelentes e habilidosos escritores — mas também eram tão vaidosos que desprezariam a ideia de ser escriba para uma mulher.

— Mas — disseram — existe uma dama, a duquesa de Newcastle, que, embora não seja a mais erudita, elo-

quente, sábia e habilidosa, é ainda uma escritora simples e racional, pois o princípio de seus escritos é o bom senso e a razão. E ela, sem dúvida, estaria pronta para executar toda tarefa que pudesse.

— Esta dama, então — disse a imperatriz —, eu escolherei por minha escriba. E não terá razão o imperador em ficar com ciúmes, sendo ela de meu próprio sexo.

— Na verdade — disse o espírito —, os esposos têm razão em serem enciumados de amantes platônicos, porque eles são muito perigosos; e não somente por serem íntimos e próximos, mas por serem sutis e insinuantes.

— Você disse bem — respondeu a imperatriz. — Portanto, rogo que convoquem a alma da duquesa de Newcastle.

O que o espírito fez. Depois de ela chegar para servir à imperatriz, a imperatriz a abraçou na primeira oportunidade e a saudou com um beijo espiritual. Em seguida, lhe perguntou se ela poderia escrever.

— Sim — respondeu a duquesa —, mas não de forma tão inteligível que qualquer leitor possa entender. A menos que ele tenha sido ensinado a conhecer meus caracteres, porque minhas letras são mais como caracteres do que como letras bem formadas.

— Você foi recomendada a mim pelos mais honestos e engenhosos espíritos — disse a imperatriz.

— Certamente — respondeu a duquesa —, o espírito desconhece minha caligrafia.

— A verdade é — disse a imperatriz — que eles não mencionaram sua caligrafia, mas me informaram que escreve com senso e razão. E, se você puder escrever de modo que qualquer um de meus secretários consiga

aprender sua forma de escrever, eles deverão escrever bela e inteligivelmente.

A duquesa respondeu que ela não duvidava que pudesse ser aprendido em um curto espaço de tempo.

— Entretanto — disse ela para a imperatriz —, o que vossa majestade quer escrever?

— A Cabala dos judeus — ela respondeu.

— Então, a única forma de fazer isso — disse a duquesa — é alcançar a alma de alguns notáveis judeus; ou ainda, se vossa majestade quiser, não duvido ser possível ter a alma de Moisés tão fácil como a de qualquer outro.

— Isso não pode ser — retrucou a imperatriz —, porque nenhum mortal sabe onde está Moisés.

— Porém — disse a duquesa —, almas humanas são imortais; e, se for muito difícil de conseguir a alma de Moisés, é possível obter a alma de um dos principais rabinos ou sábios da tribo de Levi, que a instruirão fielmente nesse mistério. Enquanto que, caso contrário, vossa majestade estará inclinada ao erro; e, em apenas uma chance em mil, não cometerá erros grosseiros.

— Não — disse a imperatriz —, porque deverei ser instruída por espíritos.

— Ai de mim! — disse a duquesa. — Espíritos são tão ignorantes quanto os mortais em muitos casos, uma vez que os espíritos criados não têm um conhecimento geral ou absoluto. Tampouco sabem sobre os pensamentos dos homens, muito menos sobre os mistérios do grande Criador, a não ser que Ele deseje inspirar nos outros o dom do conhecimento divino.

— Desse modo, rogo — disse a imperatriz —: deixe-me ter seu conselho nesse caso.

— Se vossa majestade ficar satisfeita — respondeu a duquesa — de ouvir meu conselho, eu pediria que aban-

donasse essa tarefa; pois não será de nenhum proveito tanto para vós quanto para vosso povo, a menos que fossem da religião judaica. Ou melhor: se fossem judeus, a interpretação vulgar das sagradas escrituras seria mais instrutiva e mais facilmente crível do que essa forma mística de interpretá-la. Pois, se essa fosse melhor e mais vantajosa para a salvação dos judeus, certamente Moisés teria evitado dar esse trabalho às gerações posteriores, fazendo-o por meio de seu próprio esclarecimento, sendo ele não apenas sábio, mas também um homem muito honesto, zeloso e religioso. Portanto, a melhor forma é acreditar majoritariamente no sentido literal da escritura e não fazer interpretações, cada um de acordo com sua própria imaginação, deixando esse trabalho para os doutos ou para aqueles que não têm mais nada para fazer. Também não penso que Deus vá condenar aqueles que são ignorantes ou permitir que se percam por falta de uma leitura mística das escrituras.

— Desse modo — disse a imperatriz —, deixarei as escrituras e farei uma Cabala filosófica.

A duquesa lhe disse que o bom senso e a razão iriam instruí-la sobre a natureza tanto quanto pudesse ser compreendido; e, quanto aos números, eles eram infinitos. Contudo, adicionar disparates ao infinito geraria confusão, em especial no entendimento humano.

— Sendo assim — respondeu a imperatriz —, farei uma Cabala moral.

— A única matéria — respondeu a duquesa — da moralidade é nada além de temer a Deus e amar ao próximo, e isso não precisa de nenhuma interpretação.

— Nesse caso, farei uma Cabala política — disse a imperatriz.

A duquesa respondeu que o principal e único fundamento do governo residia na recompensa e na punição, o que não necessitava de uma Cabala.

— Mas — disse —, se vossa majestade está decidida a criar uma cabala, aconselho fazer, ao invés das outras, uma Cabala romanceada ou poética, na qual poderá usar metáforas, alegorias, similitudes etc. e interpretá-las como lhe aprouver.

Com isso, a imperatriz agradeceu a duquesa e, abraçando sua alma, disse que seguiria seu conselho. Ela também a tornou sua preferida e a manteve ainda algum tempo naquele mundo — e, dessa maneira, a duquesa veio a conhecer e divulgar este relato de tudo que se passou naquele mundo rico, populoso e feliz. Depois de certo tempo, a imperatriz lhe concedeu a licença de poder voltar para seu marido e familiares em seu mundo natal, mas sob uma condição: que sua alma a visitaria dali em diante — o que ela fez e, verdadeiramente, seus encontros criaram tal íntima amizade entre elas que se tornaram amantes platônicas, embora fossem duas mulheres.

Certa vez, quando a alma da duquesa estava com a imperatriz, ela pareceu estar muito triste e melancólica. Com isso, a imperatriz ficou muito incomodada e lhe perguntou a razão de seu estado de melancolia.

— Sinceramente — disse a duquesa à imperatriz (pois entre amigos íntimos não há segredos, sendo eles como várias partes de um único corpo), — minha melancolia vem de uma ambição extrema.

— Qual o tamanho de sua ambição? — perguntou a imperatriz.

A duquesa respondeu que nem ela mesma nem qualquer outra criatura no mundo era capaz de conhecer

qual a altura, a profundidade e a amplitude de sua ambição.

— Mas — disse —, meu desejo atual é que eu possa ser uma grande princesa.

— Mas você é — replicou a imperatriz —, pois é uma princesa de quarto ou quinto grau. Afinal, duque ou duquesa é o título de honra mais alto ao qual um súdito pode chegar, assim como é o mais próximo do título de rei. E quanto ao nome de príncipe e princesa: estes pertencem a todos os que são destinados à coroa, de forma que todos aqueles que podem somar uma coroa a seus brasões são príncipes. Logo, duque é um título acima do de príncipe; como o duque de Savoia, o duque de Florença e o duque de Lorena que, como irmãos do rei, não são chamados de príncipes, mas de duques, sendo este o mais alto título.

— É verdade — respondeu a duquesa. — A não ser os primogênitos do rei, que são feitos príncipes.

— Sim — disse a imperatriz —, mas nenhum soberano faz um súdito igual a si mesmo, tal como os filhos mais velhos do rei parcialmente são. E, embora alguns duques sejam soberanos, ainda assim ouvi dizer que um príncipe, por seu título, é soberano, em razão de o título de um príncipe ser mais um título de honra do que supremacia; porque, como eu disse antes, ele pertence àqueles que são destinados à coroa.

— Enfim — disse a duquesa —, deixando esse assunto de lado, minha ambição é que eu seja como você é: ou seja, uma imperatriz de um mundo, e nunca me aquietarei até ser uma.

— Eu a amo tanto — respondeu a imperatriz — que desejo com toda a minha alma que consiga seu ambicioso desejo, e não deixarei de lhe dar o meu melhor conse-

lho para que você possa realizá-lo. Os melhores informantes são os espíritos imateriais, e eles logo lhe poderão dizer se é possível realizar o seu desejo.

— Porém — disse a duquesa —, tenho pouca familiaridade com eles, porque nunca soube de qualquer um deles antes de me convocar.

— Eles a conhecem — respondeu a imperatriz —, pois me falaram sobre você e são o meio e o instrumento de sua vinda aqui. Dessa forma, me encontrarei com eles e questionarei se não existe algum outro mundo onde você possa ser imperatriz, assim como sou neste mundo.

Tão logo disse isso, alguns espíritos imateriais vieram visitá-la e ela os questionou se havia apenas três mundos, a saber: o Mundo Resplandecente, onde ela estava; o mundo do qual ela viera e o mundo onde vivia a duquesa. Os espíritos responderam que havia mais mundos do que o número de estrelas que apareciam nos céus desses três mencionados mundos. A imperatriz, a seguir, perguntou se era possível que sua mais querida amiga, a duquesa de Newcastle, fosse feita imperatriz em um deles.

— Embora eles sejam muitos, ou melhor, infinitos mundos — responderam —, não há nenhum sem governo.

— Contudo, nenhum deles é tão fraco — disse ela — que possa ser conquistado ou surpreendido?

Os espíritos responderam que o mundo das Luzes de Luciano tinha estado por algum tempo amortecido, mas nos últimos anos um Helmont o havia retomado — e, desde que se fizera imperador, havia fortalecido tanto suas partes imortais com fortificações mortais que era atualmente inexpugnável.

— Se há tal infinito número de mundos, estou certa de que não apenas minha amiga, a duquesa, mas qual-

quer um pode obter um.

— Sim — responderam —, se tais mundos fossem inabitados. Entretanto, são tão populosos quanto este que vossa majestade governa.

— De modo que — disse a imperatriz — não é possível conquistar mundos.

— Não — responderam os espíritos. — Mas, em sua maioria, conquistadores raramente desfrutam de sua conquista; pois, sendo mais temidos que amados, é comum a conquista terminar prematuramente.

— Se vocês me disserem — disse a duquesa aos espíritos — qual mundo é mais fácil de ser conquistado, sua majestade vai me auxiliar com os meios e eu confiarei no destino e na fortuna. Pois prefiro morrer na aventura de nobres realizações do que viver em uma segurança obscura e lenta; já que, no primeiro caso, posso viver numa fama gloriosa, enquanto no segundo cairei no esquecimento.

Os espíritos responderam que as vidas pautadas pela fama eram como outras vidas: para alguns duravam muito e para outros acabavam cedo.

— É verdade — disse a duquesa. — Porém ainda uma vida curta vivida de forma célebre dura mais tempo que a vida mais longa do homem.

— Contudo — responderam os espíritos —, se a ocasião não lhe for favorável, você deve aceitar viver sem realizações que possam levar-lhe à fama. E nós perguntamos por que você quer ser imperatriz de um mundo terreno, já que pode criar um mundo celestial se assim desejar.

— O quê? — disse a imperatriz. — É possível a qualquer mortal ser um criador?

— Sim — responderam os espíritos —, pois todo ser humano pode criar um mundo imaterial totalmente habitado por criaturas imateriais, cuja população seja de súditos imateriais, assim como nós somos; e tudo isso pode se dar dentro de sua própria mente. Ou melhor, não só isso: é possível a qualquer indivíduo criar um mundo com qualquer estilo e governo que desejar, e dar às criaturas desse mundo movimentos, aspectos, formas, cores, percepções etc. como lhe aprouver. É possível ainda construir turbilhões, luzes, pressões, reações etc. que considerar as melhores; ou, ainda, é possível fazer um mundo repleto de veias, músculos e nervos, e fazer tudo isso se mover com uma sacudida ou um golpe. É também possível alterar esse mundo quantas vezes se quiser, ou modificá-lo de um mundo natural para um mundo artificial; pode-se fazer um mundo de ideias, um mundo de átomos, um mundo de luzes ou tanto quanto a imaginação mandar. E, já que está em seu poder criar esse mundo, que necessidade você tem de arriscar a vida, a reputação e a tranquilidade para conquistar um mundo material grosseiro? Pois você não pode aproveitar mais de um mundo material do que uma criatura específica é capaz, o que é algo muito pequeno se comparado às possibilidades desse mundo. E você pode claramente notar isso por sua amiga imperatriz aqui: embora ela tenha posse de um mundo inteiro, ainda desfruta apenas de uma parte dele. Também não é completamente familiarizada com ele, não a ponto de conhecer todos os lugares, países e domínios que governa. A verdade é que um monarca soberano tem preocupações gerais, mas seus súditos aproveitam todos os prazeres e delícias em partes, porque é impossível que um reino, ou melhor, um país, possa ser aproveitado por uma pessoa de uma vez;

exceto se essa pessoa tomar para si as penas de viajar para toda parte e suportar os inconvenientes de ir de um lugar a outro. Portanto, uma vez que a glória, o deleite e o prazer residem apenas nas opiniões dos outros homens, e não podem dar tranquilidade à sua mente nem conforto ao seu corpo, por que você desejaria se atribular com as atenções exigidas para se participar de um governo? Porque o faria quando, pela criação de um mundo dentro de si, poderia desfrutar tanto do todo quanto das partes, sem controle ou oposição? Poderia fazer com ele o que quisesse, alterá-lo quando quisesse e aproveitar todos os prazeres e deleites tantos quantos o mundo oferecesse.

— Vocês me converteram — disse a duquesa — de meu desejo ambicioso, portanto aceitarei seu conselho: rejeitarei e desprezarei todos os mundos sem mim e criarei um mundo a meu modo.

— Se eu fizer um mundo — disse a imperatriz — então serei senhora de dois mundos: um dentro e o outro fora de mim.

— Isso vossa majestade pode — disseram os espíritos.

E assim deixaram as duas senhoras criando mundos dentro de si mesmas. Elas também se separaram uma da outra, até o momento em que levaram seus mundos à perfeição. A duquesa de Newcastle era mais séria e diligente para criar seu mundo, porque não tinha nenhum no momento. Primeiro, resolveu enquadrá-lo segundo o modo de Tales [28], mas acabou ficando muito incomodada com os demônios que não se submetiam a ela e faziam sua vontade, mas a forçavam a obedecer suas próprias ordens e comandos — algo que, sendo ela relutante em fazer, a fez decidir deixar de construir um mundo seguindo aquele modelo e começar a moldar outro de

acordo com a doutrina de Pitágoras. Porém, em sua criação, ficou tão atrapalhada com os números e com a ordenação e composição das diferentes partes que, não tendo habilidade em aritmética, foi forçada a também desistir de fazê-lo. Em seguida, tencionou criar um mundo conforme o modelo de Platão, mas encontrou mais problemas e dificuldades nesse do que nos dois anteriores: pois, por não terem as ideias movimento além do que provinha de sua mente, de onde elas fluíam e saíam, era muito mais difícil para ela lhes dar movimento do que era difícil a um titereiro movimentar várias marionetes. Tanto foi assim que sua paciência não foi capaz de suportar as dificuldades que tais ideias lhe causavam; portanto, ela aniquilou também aquele mundo e resolveu fazer um outro de acordo com o modelo de Epicuro. Tão logo começou a criação, os átomos infinitos fizeram tamanha névoa que quase cegaram completamente a percepção de sua mente; e ela tampouco foi capaz de fazer um vácuo como receptáculo para aqueles átomos, ou um lugar para onde eles pudessem ir. De modo que — em parte por culpa dela, em parte pela manutenção da boa ordem e métodos —, a confusão desses átomos produziu figuras tão estranhas e monstruosas que mais a assustaram do que a agradaram. Isso causou tanto caos em sua mente que ela também dissolveu aquele mundo. Por fim, tendo limpadado e esclarecido a mente dessas nebulosas e poeirentas partículas, ela se esforçou para criar um mundo de acordo com a opinião de Aristóteles; mas, lembrando que sua mente, como a maioria dos instruídos assegurava, era imaterial — e que, de acordo com o princípio de Aristóteles, nada pode ser criado do nada —, ela foi também forçada a desistir daquela tarefa. Então, ficou totalmente resolvida a não tomar mais ne-

nhum modelo dos filósofos antigos, mas seguir os modernos; e, para esse fim, dedicou-se a fazer um mundo segundo Descartes. Contudo, quando fez os globos etéreos e os pôs em movimento com sua imaginação forte e animada, sua mente ficou tão atordoada com o giro extraordinariamente rápido que ela quase desmaiou — porque seus pensamentos cambalearam, exceto em sua constante instabilidade, como se estivessem todos bêbados. Por isso, ela dissolveu aquele mundo e começou a criar outro de acordo com as ideias de Hobbes. Porém, quando todas as partes desse mundo imaginário passaram a pressionar e conduzir umas às outras, pareciam como um bando de lobos que atormentam as ovelhas, ou como cachorros que caçam as lebres. E quando ela encontrou reação equivalente a essas pressões, sua mente ficou tão espremida que seus pensamentos sequer podiam se mover para frente ou para trás — o que causou uma dor tão horrível em sua cabeça, que, embora tenha dissolvido aquele mundo, não pôde, sem muita dificuldade, sossegar sua mente e livrá-la de tamanha dor causada por aquelas tensões.

Por fim, quando a duquesa viu que nenhum modelo a agradaria na construção de seu mundo, resolveu elaborar um de sua própria inventividade, composto de matérias racionais ativas e sensíveis. De fato, era composto apenas do racional, que é o mais puro e sutil grau da matéria; pois, do mesmo jeito que a sensibilidade mexia e reagia tanto às percepções quanto à consistência do corpo, o grau de matéria no mesmo ponto do tempo (porque embora os graus sejam mistos, ainda assim as muitas partes podem se mover de várias formas ao mesmo tempo) se movia para a criação do mundo imaginário. Este mundo, após ser feito, parecia tão curioso e cheio de va-

riedade, e tão bem ordenado quanto sabiamente governado, que não pode ser expresso por palavras — como também não o pode o deleite e o prazer que teve a duquesa em fazer aquele mundo dela mesma.

Nesse meio tempo, a imperatriz também estava fazendo e dissolvendo muitos mundos em sua própria mente, e foi tão complicado que ela não pôde se estabelecer em nenhum deles. Desse modo, convocou a duquesa — que estando pronta para servir à imperatriz, levou seu amado mundo junto de si e convidou a alma da imperatriz a analisar a estrutura, ordenação e o governo dele. Sua majestade ficou tão encantada em conhecê-lo que sua alma desejou viver no mundo da duquesa. Entretanto, a duquesa a aconselhou construir outro mundo em sua própria mente.

— Porque — disse — a mente de vossa majestade é repleta de movimentos racionais e corpóreos. Os movimentos racionais de minha mente devem ajudá-la através do auxílio das expressões sensíveis, com as melhores instruções que são capazes de vos dar.

A imperatriz foi assim persuadida pela duquesa a construir um mundo imaginário por si mesma, seguindo o conselho. Depois de o terminar e o estruturar com todos os tipos de criaturas adequadas e úteis para ele, fortaleceu-o com boas leis e o embelezou com artes e ciências — pois não tinha mais nada a fazer, a não ser dissolver seu mundo imaginário ou fazer algumas mudanças no Mundo Resplandecente, em que vivia. De toda forma, ela não poderia fazê-lo, uma vez que ele era tão bem ordenado que não tinha como ser reparado, pois fora governado sem uma política secreta e enganadora. Nele também não havia quaisquer ambições, facções, maledicências, dissensões civis, brigas internas, divisões de reli-

gião, guerras estrangeiras etc., de forma que todas as pessoas viviam em uma sociedade de paz, de tranquilidade unida e de conformidade religiosa. Ela ficou então desejosa de ver o mundo de onde vinha a duquesa, e de analisar suas muitas formas de governo soberano, leis e costumes das diversas nações. A duquesa usou de todos os meios que pôde para desviá-la dessa empreitada, dizendo-lhe que o mundo de onde viera era muito turbulento, com facções, divisões e guerras. Contudo, a imperatriz não se deixaria persuadir de seu intento; e, para que nem o imperador nem qualquer um de seus súditos soubessem de sua viagem e a impedissem, ela convocou alguns dos espíritos com quem tinha anteriormente conversado, perguntando se algum deles poderia ocupar o lugar de sua alma em seu corpo durante algum tempo enquanto ela viajaria a outro mundo.

— Sim; e não somente um, mas muitos espíritos poderiam entrar em seu corpo se você assim quisesse — responderam os espíritos.

A imperatriz replicou que não desejava nada além de um espírito para ser vice-rei de seu corpo enquanto sua alma estivesse ausente, porém deveria ser um espírito honesto e inteligente — e, se possível, um espírito feminino. Os espíritos lhe contaram que não havia diferença de sexos entre eles.

— Entretanto — disseram, escolheremos um espírito honesto e inteligente, que se assemelhe tanto à sua alma que nem o imperador e nem qualquer um de seus súditos, mesmo o mais devotado, possa saber se é a sua própria alma ou não.

A imperatriz ficou muito contente com tais providências e, depois que os espíritos partiram, perguntou à duquesa como seu corpo seria sustentado durante a ausên-

cia de sua alma. Ela respondeu a sua majestade que seu corpo, na ausência de sua alma, seria governado por seus movimentos racionais e corpóreos. Dessa forma, estas duas almas femininas viajaram juntas tão levemente quanto dois pensamentos para o mundo de origem da duquesa. E — o que é notável — em um momento visualizaram todas as partes daquele mundo e todas as ações das criaturas que ali viviam. A alma da imperatriz, em especial, não só tomou conhecimento de todas as ações das criaturas humanas em todas as muitas nações e partes daquele mundo como também refletiu sobre o fato de que havia tantas nações, governos, leis, religiões, posicionamentos etc., e ainda assim eles concordavam em ser todos ambiciosos, orgulhosos, convencidos, vãos, pródigos, enganadores, invejosos, maledicentes, injustos, vingativos, irreligiosos, facciosos etc. Ela também ficou admirada com o fato de que nenhum estado específico, reino ou república era contente com suas próprias poses, mas se esforçava para invadir seus vizinhos. Também a admirou que a sua maior glória fosse a pilhagem e o massacre, mesmo que suas vitórias fossem menores que suas derrotas e que suas perdas fossem maiores que seus ganhos; mas que ainda assim, sendo vencidos, declaravam estar arruinados. Porém, o que mais a admirou foi o fato de que priorizavam e valorizavam mais as terras do que as vidas dos homens, e mais a vaidade do que a tranquilidade.

— Pois o imperador de um mundo — disse — aproveita apenas em parte e não completamente. Desse modo, seu prazer consiste nas opiniões dos outros.

— É estranho a mim — respondeu a duquesa — que você diga tal coisa, sendo você imperatriz de um mundo;

e não de um mundo qualquer, mas de um pacífico, calmo e obediente.

— É verdade — replicou a imperatriz. — Mas, embora seja um mundo pacífico e obediente, seu governo é mais uma preocupação do que um prazer, porque ordens não podem existir sem engenhosidade, estratégias e orientação. Além disso, o magnífico estado que grandes príncipes mantêm ou devem manter é problemático.

— Dessa forma, pelo discurso de vossa majestade — disse a duquesa —, percebo que a maior felicidade em todos os mundos consiste na moderação.

— Sem dúvida alguma — respondeu a imperatriz.

E depois de essas duas almas terem visitado inúmeros lugares, congregações e assembleias, tanto do Estado quando da igreja, além dos muitos tribunais e similares em diferentes países, a imperatriz disse que havia observado que, de todos os reis das diversas partes do mundo, o grão-senhor era o maior — porque sua palavra era lei e seu poder era absoluto. Porém, a duquesa rogou que sua majestade a perdoasse, pois ela era de outra opinião.

— Pois — disse — ele não pode alterar as leis de Mao-mé e a religião, de modo que as leis e a igreja governam o imperador, e não o contrário.

— Todavia — respondeu a imperatriz —, ele tem poder em alguns pontos como alocar e desalocar súditos em seus governos particulares, tanto da igreja quanto do Estado. E, tendo isso, ele tem o comando sobre a igreja e sobre o Estado, e nenhum deles pode ousar se opor a ele.

— É verdade — disse a duquesa. — Mas, se agrada vossa majestade, nós iremos à parte do mundo de onde eu vim, para ficar junto de vossa majestade. E, lá, verás um monarca tão poderoso quanto o grão-senhor: pois, embora seus domínios não sejam tão extensos, são mais

fortes, suas leis são fáceis e seguras e ele governa de forma tão justa e sábia que seus súditos formam o povo mais feliz de todas as nações ou partes do mundo.

— Este monarca — disse a imperatriz — tenho grande intenção de ver.

Assim elas partiram, e em pouco tempo chegaram a seus domínios. Entrando na cidade metropolitana, a alma da imperatriz notou muitos cavalheiros entrando em uma casa, e perguntou à alma da duquesa o que era a casa. Ela lhe disse que se tratava de um dos teatros onde comédias e tragédias eram encenadas. A imperatriz perguntou se elas eram reais.

— Não, eles fingem — respondeu a duquesa.

Então a imperatriz desejou entrar em um teatro e, quando viu a peça como pediu, a duquesa quis saber o que ela achava da recreação.

— Gosto muito — disse a imperatriz —, mas percebo que os atores fazem uma apresentação melhor do que os espectadores; as cenas são melhores do que os atores e a música e a dança são mais prazerosas e aceitáveis do que a peça em si mesma. Pois, do modo com que vejo, o cenário representa a sagacidade, a dança e o estado de espírito; e a música, o coro.

— Desculpe-me — respondeu a duquesa —, mas, se os eruditos dessa parte do mundo ouvissem vossa majestade dizendo isso, eles a condenariam.

— O quê? — disse a imperatriz. — Eles poderiam me condenar por preferir um rosto natural a uma placa, ou um estado de espírito natural a uma dança artificial, ou uma música a uma relação rentável e verdadeira?

— Quanto à relação — respondeu a duquesa —, nossos poetas a desafiam e a condenam ao isolamento, di-

zendo-as mais propícias aos contos de mulheres adultas do que aos teatros.

— Por que — disse a imperatriz —, seus poetas não agem de acordo com seus julgamentos? Pois suas peças são compostas de antigas histórias, tanto gregas quanto romanas, quanto de algum novo mundo descoberto.

A duquesa respondeu a sua majestade que era verdade: que todas as suas peças, ou a maioria, eram retiradas de antigas histórias. Mas que eles tinham novas ações, as quais eram unidas às antigas histórias juntamente com a adição de novos prólogos, cenas, músicas e danças, resultando em novas peças.

Depois disso, ambas as almas se encaminharam para a corte, onde toda a família real estava reunida, acompanhada pelo líder dos nobres de seus domínios, que fez uma apresentação magnífica. Quando a alma da imperatriz viu o rei e a rainha, se sentiu como se estivesse em um labirinto, o que a alma da duquesa percebeu — e perguntou à imperatriz o que ela achava do rei, da rainha e de toda a estirpe real. Ela respondeu que em nenhum dos monarcas que havia visto naquele mundo encontrara tanta majestade e afabilidade como nele, tão exatamente unidas que nenhuma ofuscava ou eclipsava a outra. E, sobre a rainha, disse que a virtude se punha triunfante em seu rosto e a piedade habitava seu coração; e que toda a família real parecia ser dotada de um esplendor divino. Contudo, quando ouviu o discurso do rei, acreditou que Mercúrio e Apolo tinham sido seus instrutores celestiais.

— E meu querido senhor marido — acrescentou a duquesa — tem sido o seu tutor [29] terrestre.

Porém, depois de um breve tempo na corte, a alma da duquesa começou a ficar muito melancólica e a impera-

triz lhe perguntou a causa de sua tristeza. Ela lhe disse que tinha enorme desejo de conversar com a alma de seu nobre senhor marido, e que estava impaciente por aquela longa estadia. A imperatriz quis que a duquesa tivesse um pouco mais de paciência até que o rei, a rainha, e a família real se retirassem; em seguida, ela poderia ter a companhia da alma de seu lorde e nobre marido, que naquele momento morava em um país a 112 milhas dali. E assim ela o fez, e desse modo as duas almas se dirigiram para as partes do reino onde se encontrava o duque de Newcastle.

Porém, me esqueci de um ponto durante todo esse tempo: embora os pensamentos sejam a linguagem natural das almas, ainda assim, em razão de as almas não poderem viajar sem veículos, elas utilizam a linguagem conforme exigido pela natureza e propriedades de seus veículos; e os veículos daquelas duas almas, sendo feitos do mais puro e rarefeito tipo de ar, eram de forma humana. Esta pureza e rarefação eram o motivo de elas não serem vistas nem ouvidas por criaturas humanas — enquanto que, se fossem de um tipo mais bruto de ar, o som da linguagem do ar teria sido perceptível como o sopro de Zéfiro.

E agora, voltando para a minha história anterior: enquanto as almas da imperatriz e da duquesa viajavam até Nottinghamshire (pois era o lugar onde o duque residia), passando através da floresta de Sherwood, a alma da imperatriz se encantou pelo lugar — pois sendo seco, plano e arborizado, era muito prazeroso para se viajar tanto no inverno quanto no verão, uma vez que não era nem muito sujo nem empoeirado em momento algum. Até que enfim chegaram a Welbeck, a propriedade onde o duque residia; ela era cercada de bosques tão próximos e

densos que a imperatriz foi tomada por grande alegria e deleite e disse à duquesa que não havia visto tão grande quantidade de árvores em tão pequena área em qualquer outra parte do reino pelo qual passavam.

— A verdade é que — disse — parece haver mais árvores sobre os mares (ela quis dizer navios) do que sobre a terra.

A duquesa lhe contou que a razão era ter havido uma longa guerra civil naquele reino, durante a qual a maioria das melhores árvores e os principais palácios tinham sido arruinados e destruídos.

— E meu querido senhor marido — disse — perdeu cerca de metade de seus bosques, além de muitas casas, terras e bens móveis, com as perdas de suas propriedades particulares somando em uma quantia que ultrapassa meio milhão de libras.

— Quisera — disse a imperatriz — que ele tivesse um pouco do ouro que está no Mundo Resplandecente para reparar suas perdas.

A duquesa humildemente agradeceu sua majestade imperial por seus votos amáveis.

— Entretanto — disse — desejos não repararão suas ruínas. Contudo, Deus tem dado enorme paciência a meu nobre senhor marido, com a qual ele suporta todas as suas perdas e infortúnios.

Finalmente, entraram na casa do duque — uma morada não apenas magnífica, mas útil.

— Tem o duque outra casa além dessa? — disse a imperatriz quando a viu.

— Sim — respondeu a duquesa. — A umas cinco milhas daqui, ele possui um castelo muito agradável chamado Bolesover.

— Este lugar então — disse a imperatriz — eu desejo ver.

— Ai de mim! — respondeu a duquesa. — Não é nada além de uma casa vazia, destituída de todos os móveis.

— Mesmo assim — disse a imperatriz —, posso ver a forma de sua estrutura e construção.

— Isso pode! — respondeu a duquesa.

Enquanto elas estavam assim discursando, o duque saiu da casa para o pátio, a fim de ver e cuidar de seus cavalos. Quando a alma da duquesa o notou, ficou tão radiante que seu veículo de ar se tornou esplendoroso, como se tivesse sido iluminado pelo próprio Sol — e, em função disso, podemos perceber que as paixões das almas ou espíritos podem alterar seus veículos corporais. Então, os dois espíritos das damas se aproximaram dele, mas ele não podia percebê-las; e, depois de a imperatriz observar a arte de adestrar, ficou encantada e a elogiou como um entretenimento nobre e um exercício adequado e próprio para pessoas nobres e heroicas. E quando o duque voltou para a casa novamente, aquelas duas almas o seguiram. A imperatriz, observando-o na prática do exercício da espada, em que era tão excelente e inigualável mestre, ficou muito satisfeita com aquele treino, assim como estava com o anterior. Porém, a alma da duquesa ficou aflita com o fato de que seu querido senhor marido fazia uso de prática tão violenta antes da refeição — e, por medo de ele se superaquecer, sem nenhuma consideração para com a alma da imperatriz, deixou seu veículo aéreo e entrou em seu senhor. A imperatriz, ao notar isso, fez o mesmo — e assim, o duque ficou com três almas em um único corpo. Se tivesse havido mais algumas almas, o duque teria ficado como um grão-senhor em seu harém, mas teria sido um harém platônico.

Contudo, sendo a alma do duque sábia, honesta, inteligente, amável e nobre, proporcionou tanto deleite e tanta satisfação à alma da imperatriz por seu diálogo que essas duas almas ficaram enamoradas uma da outra; o que a alma da duquesa percebeu e, primeiramente, ficou enciumada. Porém, ao considerar que não poderia ser cometido adultério entre amantes platônicos — e que o Platonismo era sublime, como sendo proveniente do admirável Platão —, retirou de sua mente essa ideia de ciúmes. Então, o diálogo dessas três almas foi tão gracioso que não pode ser expresso, porque a alma do duque entreteve a alma da imperatriz com cenas, canções, música, sábios discursos, distrações agradáveis e todo tipo de inocentes esportes, de forma que o tempo passou mais rápido do que esperavam. Por fim, um espírito chegou e disse à imperatriz que, embora nem o imperador nem qualquer um de seus súditos soubesse da ausência de sua alma, ainda assim a alma do imperador estava tão entristecida e melancólica pela falta de sua própria e amada alma que a corte imperial percebera. Em razão disso, ele aconselhou a alma da imperatriz a voltar ao Mundo Resplandecente, para o próprio corpo que lá deixara. Tanto a alma do duque quanto a alma da duquesa ficaram muito entristecidas por isso e desejaram que, se fosse possível, a alma da imperatriz permanecesse mais um pouco com eles; entretanto, vendo que não havia outra forma, eles se tranquilizaram. No entanto, antes de a imperatriz voltar ao Mundo Resplandecente, a duquesa lhe pediu um favor — a saber: se ela teria o prazer de fazer um acordo entre seu nobre senhor e a Fortuna [30].

— Por quê? — disse a imperatriz. — Eles são inimigos?

— Sim — respondeu a duquesa. — E assim têm sido desde que me tornei sua esposa; ou melhor, tenho ouvi-

do meu senhor dizer que ela o tem prejudicado desde que ele pode se lembrar.

— Lamento profundamente por isso — respondeu a imperatriz —, mas não posso debater com a Fortuna sem a ajuda dos espíritos imateriais; e isto não pode ser feito neste mundo, pois não tenho nenhum homem-pássaro ou homem-mosca aqui para enviar pelos ares, onde, em sua maior parte, ficam as moradas de tais espíritos.

A duquesa disse que ela poderia suplicar a seu senhor que convocasse um advogado ou jurista para defender sua causa.

— A Fortuna vai suborná-los — respondeu a duquesa —, e assim a sorte do duque estará lançada. Portanto, a melhor forma será o duque escolher um amigo de seu lado, deixar a Fortuna escolher outro e tentar, por este meio, ver se é possível resolver as diferenças.

— Eles nunca entrarão em acordo — disse a duquesa —, a menos que haja um juiz ou árbitro para decidir o caso.

— Um juiz — respondeu a imperatriz — é fácil de conseguir, mas um juiz imparcial é algo tão difícil que duvido que encontremos um; pois não há ninguém assim, nem na natureza nem no Inferno, mas apenas no Paraíso. E como conseguir esse sublime ou celestial juiz, eu não sei dizer. Contudo, se você for comigo ao Mundo Resplandecente, tentarei fazer o que puder.

— Este é meu dever — disse a duquesa —: esperar em vossa majestade. E o farei de bom grado, pois não tenho nenhum outro interesse a considerar.

Então, a duquesa falou ao duque sobre a diferença entre ele e a Fortuna, e como era seu desejo que pudessem ser amigos. O duque respondeu que, de sua parte, ele

sempre tinha com grande empenho procurado por aquela amizade — mas ainda não a obtivera, pois ela sempre fora sua inimiga.

— No entanto — disse —, tentarei enviar dois amigos meus, a Prudência e a Honestidade, para defenderem minha causa.

Então, esses dois amigos foram com a duquesa e a imperatriz até o Mundo Resplandecente (deve ser observado que eles são quase como espíritos, porque são imateriais embora suas ações sejam corporais). Depois de sua chegada, quando a imperatriz se reanimou e se regozijou com o imperador, ela enviou seus homens-mosca até alguns dos espíritos e desejou sua assistência para resolver a diferença entre a Fortuna e o duque de Newcastle. Porém, eles disseram a sua majestade que a Fortuna era tão inconstante que, embora talvez promettesse ouvir a causa pleiteada, ainda seria em uma chance em mil que ela teria paciência para fazê-lo. Contudo, a pedido de sua majestade, eles tentaram o seu máximo; e, finalmente, prevaleceram em relação à Fortuna. Esta escolheu a Loucura e a Imprudência como seus amigos, mas não concordavam em relação à escolha dos juizes até que, por fim, com muita dificuldade, concluíram que a Verdade deveria ouvir e decidir a causa. Então, todos estando preparados, e com o horário do encontro marcado, tanto a alma da imperatriz quanto a da duquesa foram ouvir as defesas. E, quando toda a comitiva imaterial foi composta, a Fortuna, sobre um globo de ouro, proferiu o discurso a seguir:

— Nobres amigos: nós aqui nos encontramos para ouvir a causa relacionada às diferenças entre mim e o duque de Newcastle. E, mesmo que eu esteja disposta pela persuasão dos embaixadores da imperatriz, os espíritos

imateriais, a ceder-lhes, ainda assim a alma do duque também deveria estar presente para falar por ela mesma. Mas, já que ela aqui não está, devo me declarar à sua esposa e a seus amigos, assim como aos meus amigos, especialmente à imperatriz, a quem eu devo principalmente dirigir meu discurso. Em primeiro lugar, desejo que vossa majestade imperial saiba que este duque que reclama ou exclama tanto contra mim tem sido sempre meu inimigo, pois ele preferiu a Honestidade e a Prudência a mim e desprezou todos os meus favores. Ou melhor, não só isso: também lutou contra mim e preferiu sua inocência a meu poder. “Os amigos Honestidade e Prudência”, disse ele muito desdenhosamente, “são mais respeitáveis que a inconstante Fortuna, que é amiga apenas dos loucos e inescrupulosos”. Se eu não tenho razão em ser inimiga dele por este descaso e desdém, vossa majestade pode julgar por si mesma.

Depois que a Fortuna dessa forma finalizou seu discurso, a alma da duquesa se levantou de seu lugar e falou à assembleia imaterial da seguinte maneira:

— Nobres amigos: acredito que cabe, com sua licença, responder à senhora Fortuna em nome do meu nobre senhor marido, uma vez que ele não está aqui. Uma vez que vocês tenham ouvido sua queixa a respeito da escolha que meu senhor fez de seus amigos e da negligência e desrespeito que ele parece ter lançado sobre ela, deixe-me responder. Primeiro, em relação à escolha de seus amigos: ele provou ser um homem sábio. E, sobre o desrespeito e a grosseria de que vossa senhoria o acusou, me atrevo a dizer que ele é tão cavalheiro que sou confiante de que ele nunca desprezou, escarniou ou desrespeitou qualquer ser do sexo feminino em toda sua vida; mas foi um servo e defensor delas, e arriscou a vida e suas pro-

priedades a seu serviço. Contudo, sendo de natureza honrável, assim como honesta, não poderia confiar à Fortuna aquilo que ele valorizava acima de sua vida, que era sua reputação; em razão de a Fortuna não tomar parte com aqueles que são honestos e honrados, mas renunciá-los. E, como não poderia estar em ambos os lados, ele escolheu ser daquele que era agradável tanto para sua consciência quanto para sua natureza e educação. Por esta razão, a Fortuna não apenas se declarou dele inimiga, como lutou contra ele muitas batalhas; muitas vezes, corpo a corpo. Por fim, ela sendo uma princesa poderosa e, como alguns acreditam, uma deidade, venceu-o e o lançou ao exílio, onde o manteve em grande miséria, arruinou suas propriedades e afastou dele muitos de seus melhores amigos. Apesar de favorecer muitos que eram contra ela, continuava aborrecida com ele. Tudo isso ele suportou com grande paciência e com respeito à senhora Fortuna; nunca fez o mínimo esforço para desagradar qualquer um de seus favorecidos, mas somente lamentou que ele, um homem honesto, não pudesse encontrar graça em sua corte. E, uma vez que não prejudicou nenhum desses agraciados nem foi um inimigo de vossa senhoria, mas sempre lhe deu o respeito e a veneração devidas a seu poder e dignidade; e uma vez que ainda está disposto a servi-la honesta e prudentemente a qualquer momento, ele só implora que vossa senhoria seja sua amiga de agora em diante, assim como têm sua inimiga até então.

Assim que a fala da duquesa terminou, a Loucura e a Imprudência iniciaram, ambas falando ao mesmo tempo tão grosseira e rapidamente que não apenas a assembleia como elas mesmas não eram capazes de entender uma à outra.

Com isso, a Fortuna perdeu a compostura e lhes ordenou que falassem separadamente ou que ficassem em silêncio. Mas a Prudência disse a sua majestade que ordenaria que falassem tanto sabiamente quanto separadamente.

— Caso contrário — disse —, seria melhor para elas não falar absolutamente nada.

A Fortuna se ressentiu muito, disse à Prudência que ela era muito atrevida e mandou a Loucura declarar o que ela quisesse que eles ficassem sabendo. Porém, sua fala foi tão tola e cheia de disparates que ninguém foi capaz de entender; ademais, foi tão tediosa que a Fortuna mandou que ela ficasse em silêncio e pediu então que a Imprudência falasse por ela. Esta começou da seguinte forma:

— Grande Fortuna: a duquesa de Newcastle se provou, segundo o relato, uma dama muito orgulhosa e ambiciosa, na presunção de lhe responder ela mesma, nesta nobre assembleia, sem sua autorização. Proclamou um discurso no qual ela não apenas contradisse vossa senhoria, como também preferiu a Honestidade e a Prudência antes de vós. Disse ainda que seu senhor estava pronto para lhe servir honestamente e prudentemente, cuja presunção está além do perdão. E se vossa senhoria permitir que a Honestidade e a Prudência fiquem acima de vós, ninguém vai admirar, venerar ou servir a vos. Vossa senhoria será forçada a servir a si mesma e será desprezada, negligenciada e desdenhada por todos; de deidade passará a miserável, vil e mendiga mortal em um pátio de igreja ou diante dos portões de um homem nobre. Portanto, para prevenir tamanha catástrofe, lance tantos infortúnios e displicências sobre o duque e a duquesa de Newcastle e seus amigos quanto seu poder é capaz de fa-

zer; ao contrário, a Prudência e a Honestidade serão as principais e únicas deidades morais dos mortais.

A Imprudência finalizou assim seu discurso, e a Prudência se levantou e se declarou da seguinte forma:

— Bela Verdade, grande Fortuna e todos vocês meus nobres amigos: fiz grande e longa jornada em nome de meu querido amigo duque de Newcastle não para provocar mais feridas; mas, se possível, para curar aquelas feitas anteriormente. Nem me suponho uma deidade, mas meu único pedido é que vocês aceitem de bom grado minha oferta, eu sendo uma humilde e devota serva. E, como nenhuma oferta é mais aceitável aos deuses do que a oferta de paz, desejo fazer um acordo entre a Fortuna e o duque de Newcastle.

Dessa forma ela falou. Enquanto desenvolvia sua fala, levantou-se a Honestidade (pois ela nem sempre era muito discreta como deveria ser) e interrompeu a Prudência.

— Eu não vim até aqui — disse ela — para ouvir bajulações à Fortuna, mas para ouvir a decisão da causa entre a Fortuna e o duque. Nem vim aqui para falar retórica e eloquentemente, mas para apresentar o caso clara e perfeitamente. Quero que vocês saibam que o duque, cuja causa defendemos, foi e é meu filho adotivo; porque eu, Honestidade, criei-o desde sua infância e promovi uma eterna amizade entre ele e a Gratidão, a Caridade e a Generosidade. Também o coloquei na escola da Prudência, que lhe ensinou sabedoria e lhe informou as regras da Temperança, da Paciência, da Justiça e outros. Então, o coloquei na Universidade da Honra, onde ele aprendeu todos os nobres predicados, artes e ciências; depois, enviei-o em uma viagem através do mundo das ações e o fiz observar seu governante. Nessas suas viagens, ele con-

traiu amizade com a Experiência, e tudo isso o fez apto para as bênçãos do Paraíso e os favores da Fortuna. Contudo, odiando todos aqueles que têm mérito e merecimento, ela se tornou sua inveterada inimiga, fazendo-lhe todo o mal que pode. Até que a justiça de Deus se opôs à maldade da Fortuna e o arrancou das ruínas em que ela o tinha lançado; porque os favoritos de Deus eram os defensores do duque e, portanto, ser um inimigo para ele era ser um inimigo da justiça de Deus. Para resumir, a verdadeira causa da maldade da Fortuna com este duque é que ele jamais a bajulou; pois eu, a Honestidade, ordenei-lhe que não o fizesse, ou seria forçado a seguir seus inconstantes caminhos e a obedecer a suas ordens injustas, que causariam desgraça para ele. Entretanto, por outro lado, a Prudência o aconselhou a não desprezar o favorecimento da Fortuna, pois isso seria uma obstrução e impedimento ao seu valor e a seu mérito. E ele, para obedecer tanto a nossos conselhos quanto a nossas recomendações, não a bajulou e em desprezou; mas sempre foi humilde e respeitoso a ela enquanto permitissem a Honra, a Honestidade e a Consciência. Tudo isso eu submeto ao julgamento da Verdade, e espero por sua sentença final.

A Fortuna, ao ouvir o claro discurso da Honestidade, julgou-o muito rude. Se negando a dar ouvidos ao julgamento da Verdade, se retirou, exaltada. Com isso, tanto a imperatriz quanto a duquesa ficaram extremamente preocupadas com a possibilidade de que seus esforços não produzissem efeito; mas a Honestidade censurou a duquesa e disse-lhe que ela deveria ser punida por desejar tanto o favorecimento da Fortuna.

— Pois parece — disse — que você desconfia das bênçãos dos deuses.

A duquesa então chorou, respondendo à Honestidade que ela nem desconfiava das bênçãos dos deuses, nem dependia do favorecimento da Fortuna, mas desejava apenas que seu senhor não tivesse inimigos poderosos. A imperatriz ficou muito incomodada de vê-la chorar e disse com raiva à Honestidade que ela queria o critério da Prudência.

— Pois, embora você o tenha elogiado — disse —, está apta a cometer muitas ações indiscretas, a não ser que a Prudência seja sua guia.

A Prudência sorriu a esta reprovação, e a Honestidade ficou um pouco desconsertada; mas elas logo se tornaram muito boas amigas. E, depois que a alma da duquesa ficou por algum tempo com a imperatriz no Mundo Resplandecente, ela implorou que a deixasse voltar ao seu senhor marido — o que a imperatriz lhe concedeu, sob a condição de que ela deveria visitá-la quantas vezes lhe fosse conveniente, prometendo que ela faria o mesmo com a duquesa.

Dessa forma, a alma da duquesa — depois de ter pedido licença à imperatriz e aos espíritos que, com grande civilidade, prometeram-lhe que se esforçariam assim que possível em conseguir um acordo de paz e consentimento entre a Fortuna e o duque — regressou com a Prudência e a Honestidade para seu próprio mundo. Mas, quando ela estava prestes a partir, a imperatriz a convocou e desejou ter ainda uma pequena conferência com ela antes que se fosse; o que a duquesa muito prontamente concedeu a sua majestade. Quando ela chegou para servi-la, a imperatriz disse à duquesa que ela, sendo sua querida amiga platônica, por cujo julgamento justo e imparcial tinha sempre grande estima, não poderia per-

mitir que partisse dali sem antes lhe pedir um conselho sobre o governo do Mundo Resplandecente.

— Pois — disse —, embora este mundo fosse bem e sabiamente ordenado e governado no começo, quando me tornei sua imperatriz, eu, sendo a natureza da mulher ainda muito afeita a mudanças e variações, alterei um pouco a forma do governo que tinha encontrado depois de receber o poder absoluto do imperador. Entretanto, percebendo agora que o mundo não é mais tão calmo como no começo, muito me preocupo. Especialmente porque há tantas e contínuas disputas e divisões entre os homens-verme, urso, mosca, símio, sátiros, aranhas e todos os outros de todos os tipos que temo que eles irrompam em uma rebelião aberta e causem grande desordem e ruína ao governo. Portanto, desejo seu conselho e ajuda: como posso ordená-lo da melhor forma, de modo que este mundo possa se tornar tão pacífico, calmo e feliz como era antes?

Diante disso, a duquesa respondeu que, uma vez que ouvira por sua majestade imperial como bem e felizmente o mundo tinha sido governado quando ela se tornou sua imperatriz, ela aconselharia sua majestade a introduzir a forma anterior de governo novamente — ou seja: ter apenas um soberano, uma religião, uma lei e uma língua, de modo que todo o mundo fosse como uma família unida, sem divisões; ou melhor, como Deus e seus abençoados anjos e santos.

— Caso contrário — disse —, esse mundo poderá, com o tempo, se revelar tão infeliz e miserável quanto aquele do qual venho, onde há mais soberanos que mundos, e mais falsos governantes do que governo; mais religiões do que deuses; mais formas de pensar nas religiões do que verdades; mais leis do que direitos, e mais

subornos do que juizes; mais politicas do que necessidades, e mais medos que perigos; mais cobiça do que riqueza, mais ambição do que mérito, mais serviços do que recompensas, mais linguagens do que inteligência, mais controvérsias do que conhecimento, mais relatórios do que ações e mais recompensas dadas por parcialidade do que de acordo com o mérito. Tudo isso é uma grande miséria; ou melhor, uma maldição que seu abençoado Mundo Resplandecente jamais conheceu. E nem é provável que conheça, a não ser que vossa majestade imperial altere o governo para alguma coisa diferente daquilo que era quando começou a governá-lo. E já que vossa majestade se queixa muito das facções dos homens-urso, peixe, mosca, símio e verme, sátiros, dos homens-aranha e similares, assim como de suas perpétuas disputas e brigas, aconselho vossa majestade a dissolver todas essas sociedades; porque é melhor existir sem sua sapiência do que ter um governo inquieto e desordeiro. A verdade é que onde quer que haja erudição, muito comumente haverá também controvérsias e disputas; pois há sempre alguns que sabem mais e são mais sábios do que os outros; alguns que pensam que têm os argumentos mais próximos da verdade e são mais racionais do que outros; alguns tão devotados às suas próprias opiniões que jamais se renderão à razão; e outros que, apesar de não terem suas posições solidamente fundamentadas na razão, ainda, por medo de entrar em desgraça por alterá-las, vão mantê-las contra todo o bom senso e a razão, o que deve necessariamente criar divisões em suas escolas. Estas, por fim, sairão em guerras abertas e trarão, algumas vezes, ruína total sobre o Estado ou governo.

A imperatriz disse à duquesa que ela estava disposta a seguir seu conselho; mas que pensava que seria uma desgraça eterna alterar seus próprios decretos, atos e leis. Perante a isso, a duquesa respondeu que seria algo completamente distante da desgraça. Pelo contrário, seria uma eterna honra para sua majestade se ela voltasse do pior para o melhor, algo que declararia e deixaria claro como ela era sábia e boa — tão sábia que percebia seus próprios erros e tão boa que não persistia neles, o que poucos faziam.

— Porque — disse —, você alcançará uma grandiosa notabilidade neste mundo, e uma glória daqui em diante. E rogarei que seja assim enquanto eu viver.

Diante deste conselho, a alma da imperatriz abraçou e beijou a alma da duquesa com um beijo imaterial, e derramou lágrimas imateriais, porque foi forçada a se separar dela, encontrando ali não um parasita lisonjeiro, mas uma amiga verdadeira — e, em verdade, tal era sua amizade platônica, que essas duas almas amantes se encontraram muitas vezes e se regozijaram em seus diálogos.

Segunda parte da descrição do novo Mundo Resplandecente

A IMPERATRIZ, JÁ TENDO ORDENADO E ESTABELECIDO SEU GOVERNO para melhor proveito e maior paz de seu Mundo Resplandecente, viveu e reinou de forma muito feliz e abençoada. Recebia muitas vezes visitas dos espíritos imateriais, que lhe instruíam sobre todas as coisas que ela desejava saber e das quais eles eram capazes de lhe informar. Certa vez, contaram que o mundo de onde ela viera estava envolvido em uma grande guerra, e que a maior parte das nações estava em guerra contra o reino onde ficava seu país de origem, onde todos os seus amigos e parentes moravam — o que a deixou muito perturbada. Tanto que o imperador notou sua aflição por suas lágrimas; e, quando lhe perguntou o motivo daquilo, ela lhe disse que tinha recebido uma informação dos espíritos de que a parte do mundo de onde viera, seu país natal, estava quase destruído por inúmeros inimigos que guerreavam contra ele. O imperador, muito sensibilizado com estas tristes notícias — especialmente pelo tormento que elas causaram à imperatriz —, esforçou-se para confortá-la o quanto fosse possível, e disse a ela que teria toda a ajuda que o Mundo Resplandecente fosse capaz de proporcio-

nar. Ela respondeu que se houvesse qualquer possibilidade de transportar forças do Mundo Resplandecente para o mundo de onde viera, ela não temeria tanto sua ruína.

— Porém — disse —, não existindo probabilidade de efetuar essa ação, não sei como mostrar minha prontidão em servir meu país de origem.

O imperador lhe perguntou se aqueles espíritos que haviam lhe fornecido a informação sobre essa guerra não poderiam, com todo seu poder e força, ajudá-la contra aqueles inimigos. Ela respondeu que espíritos não podiam armar a si mesmos, nem fazer qualquer uso de armas e armamentos artificiais, porque seus veículos eram corpos naturais, e não artificiais.

— Além disso — disse —, as violentas e brutas ações de guerra jamais combinarão com espíritos imateriais; pois eles não podem lutar nem construir trincheiras, fortificações e coisas similares.

— Porém — disse o imperador —, seus veículos podem, especialmente se tais veículos forem corpos de homens, ser úteis em todas as ações de guerra.

— Ai de mim! — disse a imperatriz. — Isso nunca será feito, porque, primeiramente, será difícil obter uma quantidade de corpos mortos para tais veículos que seja suficiente para formar um exército inteiro, muito menos para o tanto de exércitos necessários para combater contra tantas nações. Ou melhor, se isso fosse possível, não seria possível juntar tantos corpos mortos e não decompostos em uma única nação, e transportá-los para outras nações seria algo de grande dificuldade e improbabilidade. Mas, posta a situação em que todos esses obstáculos pudessem ser superados, ainda há um impedimento ou obstrução que não pode ser evitado: mesmo que esses corpos mortos e não decompostos falecessem todos no

mesmo exato momento, antes mesmo que pudessem se reunir e assumir posição de guerra para formar um grande e formidável exército, federiam e se decomporiam. E, quando fossem à luta, se esfacelariam em pó e cinzas, deixando os mais puros espíritos imateriais nus; ou ainda, se fosse possível que estes corpos mortos pudessem ser preservados da putrefação e do fedor, ainda as almas de tais corpos não suportariam os espíritos imateriais os dominando e governando, porque estes entrariam e governariam os corpos por si mesmos, como legítimos proprietários, o que produziria uma guerra entre as almas imateriais e os espíritos imateriais em corpos materiais. Tudo isso os impediria de prestar qualquer serviço em ações de guerra contra os inimigos de meu país natal.

— Você fala com razão — disse o imperador —, e desejo com toda a minha alma que eu pudesse aconselhá-la sobre uma forma ou modo que a tornasse capaz de ajudar. Como você me falou sobre sua querida amiga platônica, a duquesa de Newcastle, e seus ótimos e úteis conselhos, então desejo que você convoque a alma dela e a consulte sobre essa questão.

A imperatriz ficou muito grata com essa proposta do imperador e imediatamente convocou a alma da dita duquesa, que em um minuto se apresentou a sua majestade. Então a imperatriz declarou a ela o pesar e a tristeza de sua mente, e como estava atormentada e aflita pelas notícias trazidas pelos espíritos imateriais; disse desejar que a duquesa, se possível, a ajudasse com os melhores conselhos que pudesse, para que ela pudesse mostrar a grandeza do amor e da afeição tidos para com seu país natal. Diante disso, a duquesa prometeu a sua majestade fazer o que estivesse em seu poder; e, sendo um assunto

de grande importância, quis algum tempo para refletir sobre aquilo.

— Porque — disse —, grandes questões requerem profundas análises.

O que a imperatriz, de bom grado, lhe permitiu. Depois de pensar durante algum tempo, a duquesa desejou que a imperatriz convocasse alguns de seus tritões ou se-reias para ver que passagens eles poderiam encontrar do Mundo Resplandecente para o mundo de onde ela viera.

— Pois — disse —, se houve uma passagem para uma embarcação vir do outro mundo para este, certamente um navio pode passar através da mesma entrada para ir deste mundo ao outro.

Então, os tritões ou homens-peixe foram enviados; sendo em grande número, empregaram toda sua habilidade e nadaram por muitos caminhos. Tendo, por fim, encontrado a passagem, voltaram à imperatriz e lhe disseram que, assim como o Mundo Resplandecente tinha apenas um imperador, um governo, uma religião e uma língua, também havia apenas uma única passagem para aquele mundo — que era tão pequena que nenhum navio maior do que um pacote poderia passar por ela. A passagem também não ficava sempre aberta, pois algumas vezes congelava consideravelmente. Com esse relato, tanto a imperatriz quanto a duquesa pareceram um pouco preocupadas, temendo que isso talvez fosse um impedimento ou obstrução a seu intento.

Por fim, a duquesa quis que a imperatriz convocasse seus construtores navais e todos os seus arquitetos, que eram seus gigantes. Assim que estes foram chamados, a duquesa contou a eles como alguns em seu próprio mundo tinham sido engenhosos o bastante para inventar navios que podiam nadar submersos nas águas, e per-

guntou se eles poderiam fazer o mesmo. Os gigantes responderam que nunca tinham ouvido falar daquela invenção; todavia, eles tentariam o que pudesse ser feito pela arte, e não poupariam trabalho ou diligência para descobrir como. Nesse meio tempo, enquanto a imperatriz e a duquesa estavam em um sério conselho, depois de muitos debates a duquesa pediu apenas alguns navios para transportar alguns dos homens-pássaro, verme e ursos.

— Ai de mim! — disse a imperatriz. — O que podem fazer esses tipos de homens em outro mundo? Especialmente tão poucos? Eles serão destruídos rapidamente, pois um mosquete seria capaz de destruir inúmeros homens-pássaro com um único tiro.

— Desejo — disse a duquesa — que vossa majestade tenha um pouco de paciência e confie em meu conselho; assim, não falhará em salvar seu país de origem, e dessa forma se tornar senhora de todo o mundo de onde veio.

A imperatriz, que amava a duquesa tanto quanto sua própria alma, assim procedeu. Os gigantes, por sua vez, voltaram rapidamente e disseram a sua majestade que eles tinham descoberto a arte mencionada pela duquesa para fazer navios tais que pudessem navegar abaixo d'água — o que fez tanto a imperatriz quanto a duquesa ficarem felizes.

Quando os navios ficaram prontos, a duquesa disse à imperatriz que era necessário que sua majestade fosse com seu próprio corpo, assim como com sua própria alma.

— Mas eu — disse — posso apenas servir à vossa majestade de uma forma espiritual; ou seja, com a minha alma.

— Sua alma — disse a imperatriz —, deve viver com a minha, em meu corpo; pois quero seu conselho e assistência apenas.

— Então — disse a duquesa —, vossa majestade deve exigir que um grande número de seus homens-peixe sirva em seus navios. Pois, como sabe, seus navios não são feitos para portar canhões, e, portanto, não há meios de serem úteis na guerra. Embora possam navegar com a ajuda de seus motores, e embora seus homens-peixe possam, com a ajuda de correntes e cabos, conduzi-los para onde queiram para os fazer prosseguir ou regressar, ainda assim não são capazes de combater. E, embora seus navios sejam de ouro e não possam ser atingidos, mas apenas golpeados e agredidos, ainda assim o inimigo os assaltará, entrará neles e os tomará como espólios. Logo, seus homens-peixe devem vos servir, em vez dos canhões.

— Contudo — disse a imperatriz, como é possível aos homens-peixe servirem contra um inimigo sem canhões ou outro tipo de armamento?

— Esta é a razão — respondeu a duquesa — pela qual eu teria muitos homens-peixe: pois assim eles podem destruir todos os navios de seus inimigos antes que eles se aproximem de você.

A imperatriz perguntou de que forma isso poderia se dar.

— Assim — respondeu a duquesa —: vossa majestade deve enviar um número de homens-verme até as montanhas de fogo (pois há muitas delas no Mundo Resplandecente), e eles devem apanhar grande quantidade das pedras ígneas, cuja propriedade, como se sabe, é queimar enquanto estiver molhada. Sendo os navios do outro mundo feitos de madeira, eles poderão, dessa forma,

ser queimados; e se você puder destruir esses navios e entrar sua navegação, será a senhora daquele mundo, pois a maior parte do mesmo não sobrevive sem a navegação. Além disso, a pedra ígnea poderá substituir luzes e tochas; porque, como sabe, o mundo em que está entrando é escuro à noite (especialmente se não houver luz da Lua, ou se ela estiver encoberta por nuvens). Ele também não é tão cheio de estrelas resplandecentes como este mundo o é, o que cria grande luminosidade na ausência do Sol, como o Sol faz quando presente; porque aquele mundo possui nada mais que poucas estrelas que cintilam, fazendo mais sombras que luz e sendo capazes apenas de carregar vapores da Terra, mas não de os rarefazer, clarear ou converter em sereno ar.

Este conselho da duquesa foi muito aprovado e alegremente acatado pela imperatriz, que imediatamente enviou seus homens-verme para buscar uma boa quantidade de pedra ígnea. Ela também ordenou que vários homens-peixe a aguardassem sob as águas, que os homens-pássaro a esperassem no ar e que os homens-urso e verme aguardassem nos navios segundo o conselho da duquesa. De fato, os homens-urso eram úteis para ela como a Estrela Polar; mas os homens-pássaro muitas vezes se acomodavam sobre o convés dos navios, e a imperatriz, sendo de doce e nobre natureza, jamais permitiria que eles se extenuassem ou se fatigassem em longos voos — pois, embora quando em terra tivessem muitas vezes voado de um país a outro, ainda assim descansavam em algumas árvores ou terrenos, especialmente à noite, quando era seu momento de dormir. E, portanto, a imperatriz foi forçada a levar grande número de navios consigo — tanto para o transporte de muitos tipos de seus leais e úteis súditos como para o carregamento de

suas provisões. Além disso, foi tão sobrecarregada com as inúmeras petições de todos os muitos tipos de súditos que desejavam servi-la que seria impossível negar-lhes todas, porque alguns preferiam se afogar a não se apresentar para o dever para com ela.

Desse modo, depois de tudo estar pronto e em forma, a imperatriz iniciou sua jornada. Não posso afirmar categoricamente que ela içou as velas, pois em alguns trechos — como na passagem entre os dois Mundos (que era bastante pequena) — os navios eram arrastados sob a água com correntes de ouro puxadas pelos homens-peixe. Dessa forma, não precisavam de velas ali, nem de qualquer outro artifício além daqueles usados para impedir a entrada de água nos navios e para produzir tanto ar quanto fosse necessário para o fôlego e a respiração daqueles animais terrestres que estavam nos navios — artifícios esses que os gigantes lograram inventar, de forma que os que estavam ali não encontraram qualquer inconveniência. Depois de atravessarem o mar gelado, os navios de ouro surgiram sobre as águas e seguiram até chegarem próximos ao reino onde era o país natal da imperatriz; lá, os homens-urso, através de seus telescópios, descobriram que um grande número de navios bem guarnecidos e tripulados haviam assaltado todo o reino.

A imperatriz, antes de vislumbrar o inimigo, enviou alguns de seus homens-peixe e de seus homens-pássaro para lhe trazer informações sobre a outra frota. Ouvindo sobre seu número, seu posto e condição, deu ordens para que, quando anoitecesse, os homens-pássaro carregassem em seus bicos algumas das pedras mencionadas, com suas pontas molhadas. Os homens-peixe as deveriam carregar da mesma forma, mantendo-as fora d'água,

porque elas haviam sido moldadas em forma de tochas ou velas e, sendo em muitos milhares, fizeram um impressionante alarde — parecia que todo o ar e o mar haviam se tornado uma labareda de fogo; e todos os que estavam sobre o mar, ou próximo dele, verdadeiramente acreditaram que o dia do julgamento ou o último dia tinha chegado, o que os fez caírem de joelhos e rezarem.

Ao amanhecer, a imperatriz ordenou que aquelas luzes fossem apagadas, e então as forças navais do inimigo perceberam que não havia nada além de alguns navios sem velas, armas ou outros instrumentos de guerra; e que os navios pareciam navegar por si mesmos, sem qualquer ajuda ou assistência, visão que os encheu de grande espanto. Não notaram que aqueles navios eram feitos de ouro em razão de a imperatriz tê-los pintado todos de preto, ou de outra cor escura — assim, a cor natural do ouro não poderia ser notada através da cor artificial da pintura, nem através dos melhores telescópios. Tudo isso submeteu a frota dos inimigos a tamanho susto à noite, e a tamanha admiração pela manhã ou durante o dia, que eles não sabiam o que pensar ou considerar sobre aquilo: não conheciam navios como aqueles e não sabiam de que lado estavam, de modo que não tinham como reagir.

Nesse meio tempo, a imperatriz, conhecendo as cores de seu próprio país, enviou uma carta para seu general e a todos os outros generais para deixá-los saber que ela era uma grande e poderosa princesa e viera para ajudá-los contra os inimigos; portanto, desejava que eles avisassem quando precisassem de sua ajuda e assistência.

Assim, um conselho foi chamado e o assunto debatido; mas havia tantas opiniões divergentes que eles não puderam repentinamente resolver que resposta dar à

imperatriz — o que a fez se sentir muito irritada, tanto que resolveu voltar ao seu Mundo Resplandecente sem fornecer qualquer assistência a seus conterrâneos. Contudo, a duquesa de Newcastle suplicou a sua majestade que contivesse sua exaltação.

— Porque — disse — grandes conselhos são muito comumente lentos, em razão de muitos homens terem muitas diferentes opiniões; além do mais, cada conselheiro se esforça para ser o mais sensato, fazendo longos discursos e levantando muitas dúvidas, o que causa muitos retardamentos.

— Se eu tivesse conselheiros — respondeu a imperatriz — que se alongassem em seus discursos, eu os enforcaria em razão de mais falarem que aconselharem.

A duquesa respondeu que sua majestade não deveria ficar irritada, mas sim considerar as diferenças entre aquele mundo e o Mundo Resplandecente.

— Pois — disse — eles não são parecidos; neste, há debates mais grosseiros e mais maçantes do que há no Mundo Resplandecente.

Finalmente um mensageiro veio até elas e trouxe agradecimentos à imperatriz por sua gentil oferta; porém, desejou, além disso, saber como e de onde viera, e de que forma sua assistência poderia lhes ser útil. A imperatriz respondeu que não era obrigada a lhes dizer de onde viera, apenas informar quanto à forma de sua ajuda.

— Aparecerei diante de sua marinha em uma luz esplendorosa, rodeada de fogo — disse.

O mensageiro perguntou a que hora eles poderiam esperar sua vinda.

— Estarei com vocês — respondeu ela — por volta de uma hora da madrugada.

O mensageiro voltou com este relato — que fez tanto os conselheiros quanto os marinheiros ficarem bastante apreensivos, mas ainda ansiarem por presenciar a estranha visão.

Tendo chegado a hora marcada, a imperatriz apareceu com um traje feito das pedras ígneas, e foi carregada ou sustentada sobre as cabeças e costas dos homens-peixe, como se andasse sobre as águas. Os homens-pássaro e homens-peixe carregavam as pedras ígneas, acesas tanto no ar quanto na superfície das águas.

Quando seus conterrâneos perceberam a distância dessa visão, seus corações começaram a tremer. Mas, ficando mais próximos, ela deixou suas tochas e apareceu apenas com as vestes de luz, tal qual um anjo ou alguma deidade. Todos se ajoelharam diante dela, e a adoraram com toda a submissão e reverência. Porém, a imperatriz não poderia se aproximar mais do que a uma distância da qual sua voz pudesse ser amplamente ouvida, para que nenhuma de suas vestes pudesse ser notada, exceto seu esplendor. Quando chegou perto o suficiente para que pudesse ser ouvida e compreendida por todos, ela fez o seguinte discurso:

— Caros conterrâneos (pois vocês o são, embora não me conheçam): eu, sendo nascida neste reino e tendo ouvido que a maior parte deste mundo resolveu declarar guerra contra este país e tentar destruí-lo (ou, pelo menos, enfraquecer seu poder e força naval), fiz uma viagem de outro mundo para lhes emprestar minha assistência contra seus inimigos. Não estou aqui para fazer barganhas com vocês, ou para considerar meus próprios interesses mais do que sua segurança; mas pretendo fazer da vossa a nação mais poderosa de todo este mundo. Para tanto, preferi sair de minha própria tranquilidade,

riqueza e prazer em vez de sofrer por sua ruína e destruição. Tudo o que desejo em troca é nada além de grato reconhecimento e a declaração de meu poder, amor e lealdade a meu país natal. Porque, embora agora seja uma grande e absoluta princesa e imperatriz de todo um mundo, ainda reconheço que uma vez fui uma súdita deste reino, o qual é apenas uma parte deste mundo; e, por isso, quero que vocês, sem sombra de dúvidas, acreditem que destruirei todos os seus inimigos antes dessa noite seguinte. Falo daqueles que os importunarem por mar; mas, se houver qualquer um por terra, asseguro-lhes que também contra eles darei minha assistência e farei vocês triunfarem sobre todos aqueles que buscam sua ruína e destruição.

Depois dessa declaração da imperatriz — quando tanto os generais como todos os comandantes em seus muitos navios fizeram seus humildes e sinceros agradecimentos a sua majestade por tão generoso favor para com eles —, ela partiu para os seus próprios navios. Porém, bom Deus! Quantas opiniões e juízos aquilo trouxe às mentes de seus compatriotas! Alguns disseram que ela era um anjo; outros, que era uma feiticeira. Alguns acreditavam ser ela uma deusa e outros diziam que se tratava do demônio que os iludia, vestido na forma de uma refinada dama.

Na manhã seguinte, quando os navios deveriam entrar em batalha, a imperatriz apareceu sobre a face das águas, vestida com seus trajes imperiais, que eram repletos de diamantes e carbúnculos: em uma mão, segurava um broquel feito de um único carbúnculo inteiro; na outra, uma lança feita com um único diamante inteiro. Em sua cabeça, tinha uma touca de diamantes; e, exatamente no topo de sua coroa, havia uma estrela feita das

pedras estelares, mencionada anteriormente. Uma meialua feita da mesma pedra foi posta em sua testa, e todo o resto de sua indumentária era constituída de diversos tipos de joias preciosas. Tendo dado a seus homens-peixe as instruções sobre como destruir os inimigos de seu país natal, ela começou a concretizar seu projeto. Os homens-peixe deveriam carregar as pedras ígneas em estojos de diamantes (porque os diamantes do Mundo Resplandecente eram em esplendor muito superiores aos diamantes desse mundo, uma vez que seixos de lá são como os melhores diamantes desse mundo), e não deveriam desembalar ou descobrir essas pedras ígneas antes de estarem abaixo dos navios inimigos, ou próximos a seu lado. Então as deveriam molhar e incendiar os navios. Assim que isso foi feito, os navios inimigos irromperam em um incêndio flamejante; o qual, chegando ao lugar onde ficava a pólvora, explodiu-os imediatamente. Assim, todos os muitos navios de seus inimigos foram destruídos em pouco tempo; e, quando seus conterrâneos viram isso, clamaram todos a uma só voz que ela era um anjo enviado por Deus para livrá-los das mãos de seus inimigos, e que ela não deveria voltar para o Mundo Resplandecente até que não tivesse forçado todo o resto do mundo a se submeter à mesma nação.

Nesse meio tempo, o general de toda a força naval enviou uma mensagem a seu soberano para o informar sobre o milagre da libertação, além do plano da imperatriz de o tornar o monarca mais poderoso de todo o mundo. Depois de pouco tempo, a imperatriz enviou uma mensagem ela mesma ao soberano daquela nação para saber em que poderia ser útil a ele. Este — devolvendo muitos agradecimentos, tanto por sua assistência contra os inimigos quanto por sua doce oferta de servi-lo ainda mais,

para o bem e benefício de suas nações (pois ele era rei de muitos reinos) — a contatou dizendo que, embora ela tivesse destruído em parte seus inimigos pelo mar, ainda assim eles eram tão poderosos que haviam impedido o comércio e o tráfego em seus respectivos domínios. Diante disso, a imperatriz lhe replicou que queimaria e afundaria todos os navios que não lhe pagassem tributos; e imediatamente enviou a mensagem a todas as nações vizinhas, que tinham qualquer tráfego pelos mares, exigindo que elas pagassem tributos ao rei e soberano da nação onde ela nascera. Mas eles negaram com grande escárnio, e ela imediatamente mandou que seus homens-peixe destruíssem todos os navios estrangeiros que trafegassem nos mares — o que eles fizeram de acordo com o comando da imperatriz. Quando as nações e reinos vizinhos perceberam seu poder, ficaram tão desconcertados com seus negócios e projetos que não souberam o que fazer. Por fim, enviaram uma mensagem à imperatriz, desejando fazer um acordo com ela; mas não tinham outra opção senão se submeter e pagar tributos ao dito rei e soberano de seu país natal — caso contrário, ela estava resolvida a arruinar todo o comércio e tráfego deles queimando seus navios. Este tratado foi longo, mas ao final nada puderam obter e foram forçados a se submeter. Por tudo isto, o rei das mencionadas nações se tornou o mestre absoluto dos mares e consequentemente do mundo — em razão, como mencionei anteriormente, das muitas nações daquele mundo não poderem viver sem o tráfego e o comércio pelo mar, assim como pela terra.

Contudo, depois de pouco tempo, se encontrando aquelas nações vizinhas tão enclausuradas que quase não eram capazes de espreitar fora de seus próprios domí-

nios sem pagar tributos onerosos, concordaram em juntar novamente suas forças contra o rei e soberano dos ditos domínios. Quando a imperatriz recebeu disso notícia, enviou seus homens-peixe para destruir, como eles tinham feito antes, o restante de todo o poder naval dele. Assim, eles foram obrigados novamente a se submeter, exceto por algumas nações que eram capazes de viver sem o tráfego estrangeiro e algumas cujo comércio e tráfego eram meramente por terra — estes não seriam, de nenhuma forma, tributários do rei mencionado. A imperatriz lhes enviou mensagem informando que, caso não se submetessem a ele, ela pretendia queimar todas as suas cidades e povoados e reduzi-los pela força, caso não cedessem de boa vontade. Mas eles rejeitaram e desprezaram a mensagem de sua majestade, o que provocou sua ira de modo que ela resolveu enviar seus homens-pássaro e verme até lá com ordens de começar primeiro pelos pequenos povoados e incendiá-los (pois ela estava relutante em tomar mais espólios do que fosse obrigada) — e, se eles permanecessem ainda obstinados em suas resoluções, deveriam destruir também as grandes cidades. A única dificuldade foi como transportar os homens-verme para aqueles lugares; mas eles pediram que sua majestade os deixasse em qualquer parte da terra daquelas nações e disseram que viajariam por dentro da Terra com tanta facilidade como os homens o faziam acima da superfície da Terra — e assim fez a imperatriz, de acordo com o desejo deles.

Mas antes que tanto os homens-pássaro quanto os homens-verme iniciassem sua jornada, a imperatriz mandou seus homens-urso verem através de seus telescópios quais eram os povoados e cidades que não queriam se render; e, tendo todas as informações sobre as mesmas,

instruiu os homens-pássaro e os homens-urso por quais vilarejos eles deveriam começar. Enquanto isso, enviou uma mensagem a todos os príncipes e soberanos daquelas nações para os deixar saber que ela lhes daria uma prova de seu poder, e que verificaria a obstinação deles pelo incêndio de algumas de suas menores cidades. E, se continuassem ainda em suas resoluções teimosas, ela os levaria de uma situação de perdas menores até a completa ruína. Ela também ordenou seus homens-pássaro a fazer seus voos à noite, para que não fossem percebidos. Finalmente, quando tanto os homens-pássaro quanto os homens-verme chegaram aos locais designados, os homens-verme puseram algumas de suas pedras ígneas sob a fundação de cada casa e os homens-pássaro puseram algumas em cima delas; então, tanto pela chuva, quanto por algum outro tipo de umidade dentro da terra, as pedras queimariam sem parar. Os homens-pássaro, tendo aprendido nesse meio tempo algumas poucas palavras da língua deles, disseram-lhes que na próxima chuva suas cidades seriam incendiadas. Eles ficaram surpresos ao ouvir a fala de homens vindo do ar, mas riram quando os ouviram dizendo que a chuva incendiaria suas vilas — por saberem que o efeito da água era apagar, e não produzir fogo.

Finalmente veio a chuva e, de forma súbita, todas as casas deles irromperam em um incêndio ardente; e, quanto mais água derramavam sobre elas, mais elas se inflamavam e queimavam — o que causou tamanho susto e terror nas cidades, nações e reinos vizinhos, que, por medo de uma coisa semelhante acontecer a eles, eles e todo o resto de todas as partes daquele mundo cederam ao desejo da imperatriz. Todos se submeteram ao monarca soberano de seu país natal, o reino de E.S.F.I. [31],

com a exceção de um — que, raramente tendo chuva, apenas orvalho (que em breve seria eliminado por um grande incêndio), desprezava seu poder. A imperatriz, desejando o fazer se ajoelhar como o resto, soube que todo ano o território era banhado por uma maré alta, que durava algumas semanas. Embora suas casas ficassem longe da terra, eram ainda construídas sobre sustentáculos que ficavam fixos no solo; portanto, a imperatriz ordenou tanto aos homens-pássaro quanto aos homens-verme que pusessem algumas pedras ígneas no fundo desses sustentáculos. Assim, quando veio a maré, todas as casas deles se incendiaram, o que tornou a água mais escassa conforme a maré rapidamente virava vapor, e esse vapor novamente virava ar — o que causou não apenas a destruição de suas casas como também uma aridez completa sobre todo o país naquele ano, os obrigando a se render, assim como o resto do mundo já havia feito.

Dessa forma, a imperatriz não apenas salvou seu país natal como o tornou a monarquia absoluta de todo aquele mundo; e tanto os efeitos de seu poder quanto de sua beleza fizeram despertar um grande desejo em todos os príncipes de vê-la — estes, ao ouvirem que ela estava decidida a voltar a seu próprio Mundo Resplandecente, suplicaram o favor de poder servir sua majestade antes de sua partida. A imperatriz enviou mensagens dizendo que ficaria contente em atender suas requisições; mas, não tendo outro lugar para recepcioná-los, pediu que, por gentileza, eles fossem até alto mar com seus navios e os dispusessem em um círculo de grande diâmetro. Então, seus próprios navios se aproximariam deles, completariam o círculo e ela se apresentaria diante da visão de todos aqueles que fossem vê-la. Essa resposta foi re-

cebida alegremente por todos os príncipes mencionados — que vieram, alguns mais cedo e outros mais tarde, cada um de acordo com a distância de seu país e com a duração da viagem. Tendo todos se encontrado do modo dito anteriormente, a imperatriz apareceu sobre a superfície das águas em seu manto imperial. Em alguma parte de seu cabelo, próximo a seu rosto, havia posto algumas das pedras estelares; estas acrescentaram tamanho brilho e glória a ele que causaram grande admiração em todos os presentes — que acreditaram ser ela alguma criatura celestial ou ainda uma deusa desconhecida, e todos tiveram desejo de adorá-la.

— Pois certamente — disseram — nenhuma criatura mortal pode ter tão esplêndida e transcendente beleza; nem pode ter qualquer grande poder como tem ela, para caminhar sobre as águas e destruir tudo o que quiser: não apenas nações inteiras, mas mundos inteiros.

A imperatriz falou a seus próprios conterrâneos, que eram também seus intérpretes para o restante dos príncipes que ali estavam presentes, que ela lhes daria algum divertimento na hora mais escura da noite. Assim que esta hora chegou, as pedras ígneas foram acesas, o que fez com que tanto o ar quanto os mares parecessem uma chama brilhante; o fenômeno foi tamanho que deixou todos os espectadores assustados, acreditando verdadeiramente que seriam destruídos. Ao perceber isso, a imperatriz fez com que todas as luzes de suas pedras ígneas fossem apagadas e apenas mostrou a si mesma em sua indumentária de luz. Os homens-pássaro a carregaram sobre suas costas até os ares; e, lá, ela parecia tão gloriosa quanto o Sol. Então, ela desceu até os mares de novo e, dentro em pouco, se ouviu o mais melodioso e doce coral de vozes que jamais se ouvira sair dos mares, feito

pelos homens-peixe. Este coral foi respondido por outro, feito pelos homens-pássaro nos ares; dessa forma, era como se o mar e o ar falassem, e respondessem um ao outro por meio de diálogos cantados, ou conforme aquelas peças que são representadas por meio do canto.

Quando o dia estava prestes a raiar, a imperatriz finalizou o divertimento e, em plena luz do dia, todos os príncipes notaram que ela fora para dentro do navio onde se encontrava o monarca de seu país nativo — o rei de E.S.F.I., com quem ela teve muitas conversas. E, tendo-lhe assegurado da disponibilidade de sua assistência em qualquer momento em que ele a requisitasse —, dizendo-lhe, sobretudo, que não carecia de informações —, ela voltou para sobre as águas. E, estando no meio do círculo feito pelos navios ali presentes, desejou que se aproximassem de forma que a pudessem ouvir falar. Eles assim o fizeram, e ela se declarou da seguinte forma:

— Grandes, heroicos e notáveis monarcas: venho aqui para assistir o rei de E.S.F.I. na luta contra seus inimigos, uma vez que ele vem sendo injustamente atacado por diversas nações, ferindo assim seu direito hereditário e suas prerrogativas sobre o Canal da Mancha. Diante desta injustiça, o Paraíso estava muito em desagravo; e, pelas injúrias que recebeu de seus inimigos, este recompensou o rei com o poder absoluto. Dessa forma, de agora em diante ele é o monarca absoluto de todo este mundo; a cujo poder, embora o invejem, não poderão se opor. Porque todos aqueles que se esforçarem para resistir ao seu poder terão apenas ônus por seu trabalho, e nenhuma vitória como seu bônus. Por isso, meu conselho a todos vocês é: paguem-lhe o tributo justo e verdadeiro que poderão viver em paz e com felicidade, além

de serem recompensados com as bênçãos do Paraíso. Isso eu desejo de toda minha alma.

Depois de a imperatriz ter então finalizado seu discurso aos príncipes das muitas nações daquele mundo, ela pediu que os navios deles recuassem; e, assim que isso foi feito, sua própria frota se uniu ao círculo, sem nenhuma assistência visível de velas ou marés. E, assim que ela entrou em seu próprio navio, toda a sua frota mergulhou imediatamente na direção do fundo dos mares, deixando todos os espectadores profundamente admirados. A partir de então, não permitiria que qualquer um de seus navios subisse para a superfície das águas até que tivessem chegado ao Mundo Resplandecente.

Durante a viagem, tanto a alma da imperatriz quanto a alma da duquesa ficaram muitos contentes e felizes; e, eventualmente, elas conversavam muito seriamente uma com a outra. Em um de seus diálogos, a duquesa disse que gostaria muito de saber algo: mesmo depois de sua majestade descobrir uma passagem do Mundo Resplandecente para o mundo de onde viera, não tinha enriquecido a parte do mundo onde havia nascido — nem mesmo sua própria família —, apesar de possuir riqueza suficiente para tornar rico o mundo inteiro. A alma da imperatriz respondeu que amava seu país natal e sua própria família, assim como qualquer criatura; e este era o motivo pelo qual ela não os enriquecia.

— Porque — disse — não apenas famílias ou nações em particular, mas todo o mundo, é de natureza que muito ouro e grande reserva de riqueza faz os indivíduos loucos. Tanto que se esforçam para destruir uns aos outros por causa de ouro e riqueza.

— A razão — disse a duquesa — é que eles têm tão pouco ouro e riquezas que isso os torna impacientes por

tê-los.

—Não — respondeu a alma da imperatriz —, a cobiça particular está além de toda a riqueza do mundo mais rico: quanto mais riquezas tiverem, mais avarentos serão, pois sua cobiça é infinita. Porém, eu poderia encontrar uma passagem do Mundo Resplandecente para o mundo de onde você veio, e estaria disposta a lhe dar tanto quanto desejasse.

A alma da duquesa agradeceu humildemente sua majestade por seu grande favor e lhe disse que não era avarenta nem desejava qualquer riqueza além do que seu senhor marido tinha antes da Guerra Civil.

— Tampouco devo querer para mim mesma, mas apenas para o bem da posteridade de meu senhor.

— Bem — disse a imperatriz —, ordenarei que meus homens-peixe usem toda sua habilidade e engenhosidade para encontrar uma passagem para aquele mundo onde está seu senhor marido.

— Acredito piamente — respondeu a duquesa — que não deva haver passagem para aquele mundo. Mas, se houver alguma, não devo pedir a sua majestade ouro e joias, mas apenas o elixir que cresce no meio das areias de ouro, para preservar a vida e a saúde. Porém, sem uma passagem é impossível levá-lo, pois tudo quanto for material não pode viajar como os seres imateriais, tal como são as almas e os espíritos. Nem as almas precisam de qualquer coisa que possa revivê-las ou prolongar suas vidas, em razão de serem inalteráveis; pois, se as almas fossem como corpos, então minha alma poderia se beneficiar daquele elixir natural que cresce em seu Mundo Resplandecente.

— Desejo, profundamente — disse a imperatriz — que uma passagem seja encontrada, e que tanto a seu se-

nhor quanto a você não falte saúde ou uma vida longa. Ou melhor: eu a amo tanto que faria de você uma grande e poderosa monarca, como sou do Mundo Resplandecente.

A alma da duquesa humildemente agradeceu sua majestade e lhe disse que reconhecia e valorizava seu amor acima de todas as coisas da natureza.

Depois desse discurso, elas tiveram muitas outras conferências — das quais, pelo bem da brevidade, vou poupá-los. Finalmente, depois de muitas perguntas que a alma da imperatriz fez à da duquesa, ela desejou saber a razão de ter tanto prazer, quando unida a seu corpo, em ser singular tanto nas vestes quanto no comportamento e no discurso. A alma da duquesa respondeu que ela confessava ser extravagante, além do usual e do comum; mas, que sendo sua ambição não ser como os outros em qualquer coisa, ela se empenhava sempre que possível em ser tão peculiar quanto pudesse. Disse ainda que era posição natural imitar aos outros; e, embora não gostasse de ser imitada, se pudesse evitar, ainda assim preferiria escolher ser imitada pelos outros a imitar os outros ela mesma — uma vez que sua natureza indicava que ela preferia parecer pior, mas ser peculiar, do que parecer melhor e estar de acordo com a moda.

— Se você não fosse uma grande dama — respondeu a imperatriz —, jamais passaria no mundo por sábia, pois o mundo diria que suas peculiaridades são vaidades.

A alma da duquesa respondeu que não se preocupava com a censura feita por aqueles, ou por quaisquer outros tempos, às vaidades.

— Mas — disse ela — nem a presente, nem qualquer das épocas futuras, pode ou poderá, verdadeiramente, dizer que eu não sou virtuosa e casta; pois estou confian-

te de que todos os que foram ou são familiarizados comigo, e todos os servos que já tive, podem ou poderão, sob juramento, declarar como minhas ações eram tão somente virtuosas. E, certamente, não há ninguém de posição social considerável que não esteja cercado de espiões e testemunhas; ainda mais os nobres, que raramente ou nunca ficam sem serviçais, de modo que suas falhas (se tiverem alguma) seriam facilmente conhecidas e divulgadas. Portanto, felizes são aqueles de natureza honesta, virtuosa e nobre; não apenas agraciados por si mesmos, mas também por suas famílias.

— Mas — disse a imperatriz — se você se glorifica tanto de sua honestidade e virtude, por que implora por pessoas desonestas e más em seus escritos?

A duquesa respondeu que era apenas para demonstrar sua inteligência e não sua natureza.

Por fim, a imperatriz chegou ao Mundo Resplandecente. E, ao alcançar seu palácio imperial, você deve antes imaginar do que esperar que eu consiga expressar a alegria que o imperador teve com seu regresso seguro, pois ele a amava além de sua alma — e não era um amor desperdiçado, pois a imperatriz igualava sua afeição com não menos amor por ele. Após o tempo de se regozijarem um com o outro, a alma da duquesa rogou que a deixasse voltar para seu nobre senhor. Mas o imperador desejava que, antes de sua partida, ela visse como ele tinha empregado seu tempo na ausência da imperatriz, pois construía estábulos e escolas de equitação e gostaria de ter cavalos para criar — assim como, segundo o relato da imperatriz, o duque de Newcastle tinha. O imperador perguntou à duquesa a forma e a estrutura dos estábulos e escolas de equitação de seu senhor e marido.

A duquesa respondeu a sua majestade que eles eram simples e comuns.

— Porém — disse —, se meu senhor tivesse riqueza, tenho certeza de que não a iria poupar para incrementar suas construções como os nobres podem fazer.

Então, o imperador mostrou à duquesa os estábulos que tinha construído, os mais imponentes e magníficos. Entre eles, havia um estábulo duplo que comportava cem cavalos de um lado e tinha o edifício principal feito de ouro, revestido com muitos tipos de materiais preciosos: o teto era forrado com ágatas, os lados das paredes eram revestidos com cornalina, o chão era pavimentado com âmbar e o cocho de madrepérola. As colunas, assim como a ilha ou caminho entre os estábulos, eram de cristais; e a fachada e o portão eram de turquesa, esculpida e cortada com muita destreza. A casa de equitação era forrada de safiras, topázios e afins; o chão era todo de areia de ouro tão finamente peneirada que era extremamente fofa, e nem um pouco dolorosa às patas dos cavalos, enquanto a porta e a fachada eram de esmeraldas peculiarmente esculpidas.

Depois visitar esses gloriosos e magníficos edifícios, com os quais a alma da duquesa ficou muito encantada, ela resolveu partir; contudo, o imperador desejou que ficasse ainda algum tempo, pois ambos amavam tanto sua companhia que não estavam dispostos a deixá-la partir tão cedo. Muitas conversas e discursos foram feitos entre eles; e, entre outros, o imperador quis seu conselho sobre como construir um teatro para peças. A duquesa confessou sua ignorância nesta arte, dizendo a sua majestade que ela nada conhecia sobre a montagem de teatros ou cenas a não ser o que sabia por meio de uma observação imaterial feita quando esteve com a alma da

imperatriz na capital principal de E. [32] e entrou em um de seus teatros — de modo que a imperatriz poderia prestar contas à sua majestade tanto quanto ela. Porém, tanto o imperador quanto a imperatriz disseram à duquesa que ela poderia lhes dar diretrizes sobre como fazer peças. A duquesa respondeu que ela tinha tão pouca habilidade para montar uma peça conforme a moda quanto tinha em pintar ou fazer cenas para exposições.

— Mas você escreveu peças — replicou a imperatriz.

— Sim — respondeu a duquesa. — Eu intencionava que fossem peças, mas os especialistas destes tempos atuais as condenaram como inaptas de serem representadas ou atuadas, porque não são feitas de acordo com as regras de arte; embora eu deva dizer que as descrições são tão boas quanto as de qualquer uma escrita por eles.

O imperador perguntou se a característica das peças não era descrever os diferentes tipos de estado, ação e destinos da humanidade.

— É isso mesmo — respondeu a duquesa.

— Então como — respondeu o imperador — os estados, ações e destinos da humanidade não são feitos pelas regras da arte?

— Mas — disse a duquesa — a arte e o método de nossos especialistas desprezam todas as descrições de sabedoria, estado, ações e destinos que não estão de acordo com suas regras artificiais.

— As peças feitas tão artificial e metodicamente são boas? — perguntou o imperador.

A duquesa respondeu que eram boas de acordo com o julgamento da época, da moda ou da nação, mas não de acordo com o julgamento dela.

— Pois, sinceramente — disse —, em minha opinião estas peças demonstram ser como um berçário cheio de

amantes chorosos, e não uma academia ou escola de sábios, espirituosos, nobres e bem-comportados homens.

— Contudo — respondeu o imperador —, desejo um teatro que possa tornar os homens sábios; e que tenha narrações naturais, e não as artificiais.

— Se vossa majestade for dessa opinião — disse a alma da duquesa —, então minhas peças podem ser encenadas em seu Mundo Resplandecente, ao passo que não podem ser no mundo cintilante destes especialistas. E, na próxima vez que vier visitar moessa majestade, vou me esforçar para encomendar o teatro de sua majestade, para lhe apresentar tais peças que minha inteligência é capaz de escrever.

Então a imperatriz disse à duquesa que ela amava quando uma farsa tola era adicionada a uma peça inteligente. A duquesa disse que nenhum mundo na natureza tinha criaturas mais aptas a isso que o Mundo Resplandecente.

— Pois — disse — os homens-ganso, os homens-piolho, os homens-pássaro, os homens-aranha e raposa, os homens-símio e os sátiros aparecem em uma farsa extraordinariamente agradável.

Dito isso, tanto o imperador quanto a imperatriz supplicaram à alma da duquesa que ficasse mais algum tempo com eles, até que ela encomendasse seu teatro e fizesse peças e farsas adequadas para eles, porque queriam apenas aquele tipo de divertimento. Mas a alma da duquesa implorou que suas majestades a deixassem ir para seu mundo de origem, pois ela ansiava estar com seu querido senhor marido, prometendo que depois de algum tempo voltaria novamente. Com essa garantia, embora com muita dificuldade, ela se despediu de suas majestades com muito respeito e civilidade e partiu.

Depois da volta da duquesa ao seu próprio corpo, ela entreteve seu senhor (quando ele se mostrava satisfeito em ouvir esse tipo de discurso) com relatos estrangeiros; mas ele nunca se mostrava descontente em ouvir os elogios doces da imperatriz, e as qualidades dele que ela teve o prazer de dar ao imperador. Entre outros relatos, ela lhe disse tudo o que se passara entre a imperatriz e os muitos monarcas daquele mundo para onde fora com a imperatriz; e como ela os obrigara a pagar tributos e homenagens ao monarca da nação ou reino ao qual ela devia tanto o nascimento quanto a educação. Também contou ao seu senhor sobre os magníficos estábulos e escolas de equitação que o imperador construía, e sobre os belos cavalos existentes no Mundo Resplandecente; sobre como eles eram de muitos tipos e tamanhos, e como exatamente eram as formas de cada espécie. Contou ainda como os animais tinham muitas cores e belos padrões de pelagem, como se tivessem sido pintados por arte, e com pelos ou peles tais que eram mais brilhantes e suaves que o cetim.

— E se houvesse uma passagem do Mundo Resplandecente para este — disse —, você não teria apenas alguns daqueles cavalos; mas, sobretudo, materiais como os que o imperador tem para construir seus estábulos e escolas de equitação; e tanto ouro que eu nunca reclamaria de seus nobres e generosos presentes.

O duque, sorrindo, respondeu-lhe que sentia muito por não haver uma passagem entre esses dois mundos.

— Mas — disse — sempre encontrei impedimentos para minhas boas fortunas.

Uma vez aconteceu de a duquesa falar com um conhecido sobre a imperatriz do Mundo Resplandecente, e este lhe perguntou com que passatempos e divertimen-

tos sua majestade mais se deliciava. A duquesa respondeu que passava a maior parte de seu tempo nos estudos das causas e efeitos naturais, que eram seu principal prazer e passatempo; e que ela amava dialogar com as mais eruditas pessoas daquele mundo. E, para agradar ao imperador e seus nobres, que eram todos da raça imperial, ela muitas vezes saía para tomar um pouco de ar, mas raramente de dia — e sim sempre à noite, se é que aquilo podia ser chamado de noite.

— Pois as noites lá — disse ela — são tão claras quanto o dia, em razão das inúmeras pedras resplandecentes. Estas são esplêndidas, porém sua luz é mais branca que a luz do Sol; e, enquanto a luz do Sol é quente, sua luz é fria. Não tão fria como nossas cintilantes luzes estelares, e a luz de seu Sol não é tão quente quanto a do nosso; porém, é mais constante. E a parte do Mundo Resplandecente onde a imperatriz mora é sempre clara, e nunca sujeita a temporais, tempestades, neblinas ou nevoeiros; mas apenas a orvalhos refrescantes que nutrem a terra. O ar é doce e temperado; e, como eu disse antes, tão iluminado na ausência do Sol quanto em sua presença, o que faz daquele momento chamado noite mais prazeroso ali do que o dia. E algumas vezes a imperatriz sai pela água em barcas, algumas vezes pela terra em charretes e outras vezes a cavalo. Suas carruagens reais são muito gloriosas, revestidas de diamantes verdes; as quatro pequenas colunas que sustentam o teto são quatro diamantes brancos cortados no formato certo; o teto da charrete é um diamante azul inteiro e nos quatro cantos há grandes cascatas de rubis. O assento é feito de tecido de ouro, recheado com âmbar cinzento moído. A carruagem é puxada por doze unicórnios, cujos arreios são todos correntes de pérolas; quanto às barcas, são só de ouro. Sua

Guarda de Estado (pois ela de nada precisa para segurança, uma vez não há rebeldes ou inimigos) consiste em gigantes; mas raramente servem a sua majestade no exterior, porque suas extraordinárias altura e dimensão impedem a sua visão. Seu divertimento quando está sobre a água é a música dos homens-peixe e pássaro; e na terra são cavalos e jogos, pois a imperatriz gosta muito de organizar apostas de corridas junto ao imperador e a nobreza. Tais corridas ocorrem entre os homens-raposa e símio, de quem às vezes os sátiros se esforçam para fugir; e algumas são entre os homens-aranha e os homens-piolho. Além disso, há muitas competições de voo entre os muitos tipos de homens-pássaro e os muitos tipos de homens-mosca, além de competições de nado entre os muitos tipos de homens-peixe. O imperador, a imperatriz e seus nobres têm muito prazer em ter refeições, pois no Mundo Resplandecente há muitas frutas deliciosas de todos os tipos, algumas como nunca vi ou provei neste mundo; e há tipos de frutas tentadoras. Quando terminam a refeição, dançam; e, se estão sobre as águas, dançam sobre as águas, pois lá repousam tantos homens-peixe, tão próximos e densamente unidos, que é possível dançar muito uniforme e facilmente sobre as costas dele, sem medo de se afogar. Sua música, tanto vocal quanto instrumental, varia conforme seus muitos lugares: sobre as águas, é feita de instrumentos de água como conchas cheias d'água, e com ela movidas pela arte, que é de uma harmonia muito doce e agradável. As danças que são feitas sobre as águas são, em sua maior parte, tal como as que nós neste mundo chamamos de dança aquática, em que eles não levantam seus pés para o alto. Nos gramados, ou sobre as planícies, eles têm instrumentos de sopro, mas muito melhores que os de nosso mundo. E

quando eles dançam nos bosques, têm instrumentos de chifres; que embora sejam instrumentos de sopro, ainda assim pertencem a uma categoria diferente da anterior. Em suas casas, têm instrumentos semelhantes às nossas violas, violinos, teorbas, alaúdes, cistres, violões, cravos e afins; mas tão melhores que os nossos que a diferença é indescritível. E como seus locais de dança e sua música são diferentes, tal é a maneira ou jeito de dançarem. Nestes e outros divertimentos, o imperador, a imperatriz e a nobreza passam o seu tempo.

Epílogo ao leitor

Por meio desta descrição poética, podeis perceber que minha ambição não é apenas ser imperatriz, mas a autora de todo um mundo; e que os mundos que construí, tanto o Resplandecente quanto o outro mundo filosófico, mencionados na primeira parte dessa descrição, são moldados e compostos da maior pureza — ou seja, as partes racionais da matéria, que são as partes de minha mente, o que foi uma criação mais fácil e rapidamente efetuada que as conquistas dos dois monarcas mais famosos do mundo: Alexandre e César. Tampouco produzi perturbações e causei tantas dissoluções de particulares — outra forma de chamar as mortes — como fizeram; destruí apenas alguns poucos homens em um pequeno barco, que morreram por meio de extremo frio e pelas mãos da justiça, a qual era necessária para punir seu crime de raptar uma jovem e bela dama. E, na criação daqueles mundos, senti mais prazer e glória do que jamais Alexandre ou César puderam conquistar neste mundo terrestre; e, embora tenha feito de meu Mundo Resplandecente um mundo pacífico, permitindo apenas uma religião, uma língua e um governo, ainda posso fazer outro

mundo tão cheio de facções, divisões e guerras como este é de paz e de tranquilidade. Além disso, os personagens racionais da minha mente podem expressar tanta coragem para lutar como Heitor e Aquiles fizeram, e serem mais sábios que Nestor, ou mais eloquentes que Ulisses, e mais belos que Helena. Mas, estimando mais a paz do que a guerra, a sabedoria mais do que a política e a honestidade mais do que a beleza, em vez dos personagens de Alexandre, César, Heitor, Aquiles, Nestor, Ulisses, Helena etc., preferi a figura da honesta Margaret Newcastle — e agora não trocaria por nada todo este mundo terrestre. Se alguma alma gostar do mundo que eu criei e estiver disposta a ser minha súdita, poderá se imaginar dessa forma e o será — quero dizer, em sua mente, fantasia ou imaginação. Mas, se não puder suportar ser súdita, pode criar seu próprio mundo e o governar como lhe aprouver. Mas que tenham cuidado para não se revelarem usurpadores injustos e me roubarem do meu mundo; pois, em relação ao mundo filosófico, sou imperatriz de mim mesma; e, como já há uma imperatriz para o Mundo Resplandecente, que o domina com grande sabedoria e conduta e é minha querida amiga platônica, nunca revelar-me-ei tão injusta, traiçoeira e indigna para com ela a ponto de prejudicar seu governo, muito menos para depô-la de seu trono imperial para o bem de qualquer outro — mas sim escolheria criar outro mundo para outro amigo.

Notas

Prefácios

ⁱ A iniciativa para a tradução e estudo de *O Mundo Resplandecente*, de Margareth Cavendish faz parte de um projeto do grupo U-Topos, da Unicamp. Liderado pelo professor Carlos Berriel, esse grupo se dedica a estudar e versar à língua portuguesa um corpus importante de obras com vertentes utópicas. ←

ⁱⁱ A Royal Society, cujo título completo é Sociedade Real de Londres para o Melhoramento do Conhecimento Natural (em inglês: *The Royal Society of London for the Improvement of Natural Knowledge*), é a mais antiga sociedade científica nacional existente no mundo. Foi fundada em 28 de novembro de 1660 e oficializada com a chancela real em 1662. A iniciativa teve alguns precursores, como o Clube de Filosofia Experimental da década de 1650 e o Gresham College, mas só foi formalmente constituída com o aval do rei Carlos II, que retornou ao governo no mesmo ano de sua fundação. Dentre seus membros mais ilustres está Sir Isaac Newton, que apresentou sua teoria óptica diante desse grupo e foi, por alguns anos, seu presidente. Destaca-se também o emblema *Nullius in verba*,

que impunha que os fatos científicos ali pesquisados devessem se comprovar por experimentos e não apenas pela argumentação de alguma autoridade, seguindo, portanto, os preceitos de Bacon. A vida de Cavendish e suas obras são profundamente assinaladas pela presença dessa instituição, muito em razão das contestações que ela fazia a alguns filósofos experimentais vinculados a essa casa. Mostra-se importante ressaltar, porém, que sua oposição em relação aos preceitos ali presentes não estava relacionada a todo o conhecimento por eles produzido, uma vez que ela compartilhava do preceito, dentre outros, de que a filosofia da razão era o modo ideal para explicar o mundo natural. ←

iii Prefácio presente na primeira edição de 1666, omitido na segunda edição. ←

iv As edições de 1666 e de 1668 de *O Mundo Resplandecente* foram publicadas juntamente com *Observations upon Experimental Philosophy* [Observações sobre a filosofia experimental], uma crítica ao método experimental defendido pela Royal Society. Esse ataque é mantido na presente obra, um amálgama de fantasia e ficção. (JAMES, 2003) ←

v Cavendish mostra, por esta afirmação, o modo como compreende o gênero literário utópico. Assim, mesmo se tratando de uma ficção, a qual pode levar ao entretenimento, a distração não ocorreria — ao contrário, permitiria ao leitor a apreensão de algum conhecimento novo, científico ou político, já que mantém harmonia com a filosofia natural. Em outras palavras, é uma construção imaginativa que se propõe racional, mas permite o deleite. ←

vi Luciano (n. c. 120 d.C, m. c. 180 d.C.) foi um satírico grego, cujo livro *A história verdadeira* inclui um relato de viajantes que se estabelecem no mar a partir das Colunas de Hércules, estreito de Gibraltar, e são alistados para lutar ao lado dos homens da lua contra os homens do sol, antes de chegarem à ilha dos bem-aventurados. ←

vii *História cômica dos estados e impérios da Lua*, livro de Cyrano de Bergerac (1619-55) publicado em 1657, traz um suposto relato de uma viagem à Lua. ←

viii Henrique v (1387-422) foi rei da Inglaterra de 1413 a 1422. ←

ix A admiração de Cavendish por César é comentada por Whitaker (2002, p. 20). ←

x Este é o trecho em que, pela primeira vez na obra, Cavendish menciona a possibilidade de concepção de mundos imaginários. ←

O Mundo Resplandecente

¹ Para James (2003, p. xx), o título pode ter sido influência de duas outras obras do século xvii: *The Discovery of a New World: A Description of the South Indies Hitherto Unknown* [A descoberta de um novo mundo: Uma descrição da Índia do Sul até então desconhecida], publicada em 1605, de Joseph Hall, ou *News from a New World Discovered in the Moon* [Notícias de um novo mundo descoberto na Lua], uma peça de Jonson encenada em 1620. ←

² O narrador aparece na obra, se colocando como parte do grupo ao qual o leitor pertence, a partir desse trecho. No epílogo, Cavendish deixa um indício de que ela própria se projetou como narradora. ←

³ A invenção do cronômetro marinho é atribuída ao inglês John Harisson (1693-776) no ano de 1735. Contudo, no século XVII, para medir a longitude usava-se um instrumento de nome *pendulum watch*, um relógio com um pêndulo falso. Na revista *Philosophical Transations*, de março de 1665, esse instrumento é mencionado (pp. 17 e 26); e, também nessa publicação da Royal Society, mas na edição de 10 de maio de 1669, há algumas instruções sobre como usar esse mecanismo. ←

⁴ Os dois princípios básicos para Francis Bacon (1561-626). ←

⁵ Também os cientistas da Casa de Salomão em *A nova Atlântida*, de Bacon, têm o poder de fazer previsões. ←

⁶ O alcatrão e o breu eram produtos utilizados na calafetagem dos barcos de madeira e na impermeabilização de cordas e lonas. Funcionava também como combustível para as tochas e inúmeras outras aplicações, principalmente as ligadas à indústria naval. ←

⁷ Neste trecho, Cavendish provavelmente aborda os novos conhecimentos adquiridos no período — que, num primeiro momento, foram ou rejeitados ou pouco aceitos, mas que se tornaram dominantes depois de compreendidos plenamente. Curioso é pensar que ela não adota o mesmo critério para com o modelo de governo, rejeitando o poder estabelecido pelo Parlamento durante os anos de guerra. ←

⁸ Quando aparece pela primeira vez, o narrador os chama de homens-ganso ou pássaros, mas neste parágrafo faz uma distinção entre ambos novamente. ←

⁹ A utilidade dos artifícios é outro dos pressupostos baconianos para a ciência. ←

¹⁰ Referência à hidra, monstro mencionado por Thomas Hobbes (1588-679) no livro *Leviatã*. ←

¹¹ Galileu Galilei (1564-642) publicou o primeiro estudo sobre suas observações celestes em *Sidereus nuncius*, em 1610. Nesse livro, ele descreve que viu, por meio do telescópio, manchas solares e “montanhas” na Lua. Outro registro em que se encontram essas observações são três cartas que trocou com Marco Welser (1558-614), publicadas em 1613 sob o título de *Istoria e dimostrazioni intorno alle macchie solari* [Histórias e demonstrações sobre as manchas solares]. (MOSCHETTI, 2006) ←

¹² Reafirmam a teoria copernicana, defendida por Galileu. ←

¹³ A Zona Tórrida corresponde à região situada entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio. ←

¹⁴ Assim como René Descartes (1596-650), Cavendish nega a existência do vácuo. (CAVENDISH, 1664, pp. 451-2) ←

¹⁵ Segundo a teoria aristotélica, a matéria seria formada por quatro elementos: terra, água, ar e fogo. A fundação da alquimia se baseou nos ensinamentos de Aristóteles. (ROSA, 2012) ←

¹⁶ *Alkahest* é o nome dado a um solvente, supostamente existente, que poderia dissolver qualquer substância. Ele

estaria relacionado à — ou mesmo seria a — pedra filosofal. ←

¹⁷ A grande peste de Londres instaurou-se entre os anos 1665 e 1666. ←

¹⁸ A visão de que a matemática não era uma ciência séria, mas apenas demonstrações de truques, foi uma crença que existiu durante muito tempo — tanto que Oxford e Cambridge só tiveram as primeiras cadeiras para matemáticos em 1663. (BURKE, 2003) ←

¹⁹ O problema matemático da quadratura do círculo é considerado um dos problemas clássicos da geometria grega. Consiste em construir através de inúmeras etapas, usando apenas régua e compasso, um quadrado com a mesma área que a de um círculo dado. A partir do século XIX, matemáticos como Carl Friedrich Gauss (1777-855) demonstraram que esse problema não tem solução. ←

²⁰ Galileu foi um dos que se dedicou a estudar um método para determinar o peso do ar. ←

²¹ Thomas Hobbes também trata da arte do silogismo em *Do corpo*. ←

²² Sobre a estrutura do silogismo: “Devem-se considerar no silogismo categórico a figura e o modo. [...] A figura é a maneira como estão dispostos os termos nas premissas. [...] Há várias maneiras de dispor tais termos e, portanto, várias figuras. Cada uma delas se distingue pela posição do termo médio. [...] O modo é a forma em que estão dispostas as premissas em razão da quantidade e qualidade e, por conseguinte, em função da maneira como se podem substituir os esquemas das premissas e da conclusão elo enunciados”. (MORA, 2004, p. 2679) ←

²³ As dissoluções das sociedades científicas remetem às muitas dissoluções do Parlamento feitas pelos reis Jaime I (1566-625) e Carlos I (1600-49). ←

²⁴ Ao apontar John Dee (1527-608) dentro da utopia, Cavendish deixa claro o conhecimento que possuía dos cientistas ingleses, principalmente aqueles que tanto influenciaram o desenvolvimento da filosofia natural ali. Edward Kelly (1555-97) foi um aprendiz de Dee. Eles teriam buscado pela pedra filosofal. ←

²⁵ No final dos anos 1630, William Cavendish encomenda uma peça de Ben Jonson (1572-637) para entreter seus convidados reais, Carlos II e Henriqueta Maria (1609-69). (JAMES, 2003, p. XI) ←

²⁶ Em 1643, Descartes publica *Os princípios da filosofia*. Nessa obra, resume alguns de seus princípios filosóficos. Em 1644, em uma visita à França, conheceu a rainha Cristina da Suécia e, nessa ocasião, teria declarado que o Universo é totalmente preenchido por um “éter” onipresente. Esse seria responsável pelo movimento dos planetas, pois a rotação do Sol criaria ondas dessa substância. (ROSA, 2012) ←

²⁷ Havia uma preocupação entre os cientistas de formação acadêmica de dissociarem ateísmo de entusiasmo, uma vez que se tentava, por meio da ciência, para eles, provar-se a existência de Deus — e não o contrário. (HILL, 1987, pp. 285-6) ←

²⁸ Thales de Mileto (624-558 a.C.) foi um dos primeiros filósofos ocidentais, pioneiro do espírito científico e principal representante da chamada Escola Jônica. (ROSA, 2012, p. 121) ←

²⁹ William Cavendish foi tutor de Carlos II no final da década de 1630 (JAMES, 2003, p. x) ←

³⁰ Em sua autobiografia, Cavendish menciona em muitos momentos seus infortúnios com o destino. Um deles é quando ela está em Londres, acompanhada de seu cunhado Charles Cavendish e saudosa de seu esposo. Quando finalmente acredita que voltará para a Antuérpia, onde ele está, Charles adoece e ela tem que permanecer ali por mais um período, pelo que lamenta o destino. “O céu até aqui tem nos guardado, embora a Fortuna tenha sido uma cruz, ainda assim nos submetemos, e somos ambos contentes com o que assim é e não pode ser remediado, e estamos tão preparados, que o pior dos destinos não deve afligir nossas mentes, fazendo-nos infelizes, por mais que aperte nossa vida com a pobreza”. Tradução do original: “*Heaven hitherto hath kept us, and though Fortune hath been cross, yet we do submit, and are both content with what is, and cannot be mended, and are so prepared that the worst of fortunes shall not afflict our minds, so as to make us unhappy, howsoever it doth pinch our lives with poverty*”. (CAVENDISH, 1890, p. 171) ←

³¹ Carlos II (1630-85) foi proclamado rei da Inglaterra, França, Irlanda e Escócia. ←

³² Cidade principal da Inglaterra; ou seja, Londres. ←

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVENDISH, Margaret L. *The Blazing World and Other Writings*. Londres: Penguin, 2004.

_____. *Observations upon Experimental Philosophy*. Ed. de Eileen O'Neill. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. "The True Relation of My Birth, Breeding and Life". In: _____. *The Life of William Cavendish: Duke of Newcastle to Which Is Added the True Relation of My Birth, Breeding and Life*. 2. ed. rev., ed. e notas por C. H. Firth. Londres: G. Routledge & Sons; Nova York: E. P. Dutton, 1890. pp. 155-78.

HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a revolução inglesa*. Trad. de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOBBS, Thomas. *Do corpo: Cálculo ou lógica*. Trad. e notas de Maria Isabel Limongi e Vivianne de Moreira. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *Leviatã*. Trad. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAMES, Susan. "Introduction". In: _____. *Margaret Cavendish: Political Writings*. Cambridge: Cambridge Press, 2003. pp. IX-XXIX.

LUCIANO. *A História verdadeira*. Trad. de Gustavo Piqueira. Cotia, SP: Ateliê, 2012.

MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves et al. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PHILOSOPHICAL Transactions. Nova York: Johnson Reprint Corporation, Kraus Reprint Corporation, v. 12, 1963. Disponível em: <www.archive.org/stream/jstor-101755>. Acesso em: 10 abr. 2014.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. *História da ciência: renascimento científico*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2012.

WHITAKER, Katie. *Mad Madge: The Extraordinary Life of Margaret Cavendish, Duchess of Newcastle, the First Woman to Live by Her Pen*. Nova York: Basic Books, 2002.

MARGARET CAVENDISH nasceu em 1623 em uma família rica, mas sem títulos. Depois da mudança para Oxford, se tornou dama de honra da rainha Henriqueta Maria e, em 1644, acompanhou-a para o exílio em Paris, onde conheceu o futuro marido, William Cavendish, marquês — e, posteriormente, duque — de Newcastle-upon-Tyne. Foi a primeira mulher a participar da Royal Society of London, em 1667, criticando e conhecendo vários membros e filósofos da época, e também ficou conhecida por defender os direitos dos animais, opondo-se inclusive a testes em cobaias.

MILENE CRISTINA DA SILVA BALDO é doutoranda em teoria literária pelo Instituto de Linguagem da UNICAMP. A tradução de *O Mundo Resplandecente* foi parte de seu mestrado, concluído em 2014, mas estuda ficção científica desde a graduação, quando analisou a trilogia de contos *Superbrinquedos*, de Brian Aldiss.

Copyright da tradução e das notas © 2019 by Milene Cristina da Silva Baldo

Coordenação editorial: André Caniato
Tradução: Milene Cristina da Silva Baldo
Preparação: Jana Bianchi
Preparação do prefácio: André Caniato
Design da capa: Paula Cruz
Projeto gráfico: Paula Cruz e André Caniato
Produção do ePub: André Caniato

1ª edição eletrônica, 2019, v. 1

Revisado conforme o Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Dados de Catalogação Na Fonte (CIP)
Andrea de Oliveira Alves CRB 8ª Região 8963

C379m Cavendish, Margaret
O mundo resplandecente. [livro eletrônico]./
Margaret Cavendish. Pontes Gestal, SP: Plutão Livros,
2019.

1487 Kb.

Tradução e notas: Milene Cristina da Silva Baldo
ISBN: 978-85-54350-03-1

1. Literatura inglesa - Séc. XVII. 2. Ficção Científica. I. Título.

CDD 823

[2019]
PLUTÃO LIVROS
Pontes Gestal – SP
www.plutaolivros.com.br
plutao@plutaolivros.com.br

Este e-book foi projetado e desenvolvido em junho de
2019 para a Plutão Livros.

44 680 palavras

FONTE Libre Baskerville, Vollkorn e IBM Plex Mono
SOFTWARE Libre Office, Sigil e calibre

Sumário

Capa

Sumário

Prefácio à edição brasileira e introdução

Prefácio à primeira edição

Prefácio à segunda edição

Primeira parte

 Descrição de um novo mundo chamado Mundo
 Resplandecente

Segunda parte

 Segunda parte da descrição do novo Mundo Res-
 plandecente

Epílogo ao leitor

Notas

Referências bibliográficas

Sobre as autoras

Créditos

Colofão